
Primeiro tempo

——|01:00

PAULO VENTANIA SAIU DE CASA E FOI AO BARBEIRO CORTAR O CABELO, FAZER A BARBA, dar um trato nas unhas. O salão do seu Aníbal era concorrido aos sábados por volta das 11 da manhã. Era quando os únicos quatro ou cinco clientes apareciam. Ele aguardava a vez folheando um caderno de esportes num jornal de anteontem.

– Romário nunca foi moradoire da Vila da Penha, ó pá! Ele morava em Brás de Pina e agora está a daire uma de bacana na imprensa...

Era a tese do barbeiro, um velho português careca e fundo de garrafa, com 15 graus de sabe-se lá de quê, saudosista e resmungão.

– Fala sério, seu Aníbal, o senhor acha que o Romário precisa mesmo disso? – rebatia um freguês, enquanto sua parca cabeleira era transformada num caminho de rato pela tesoura de seu Aníbal, quase tão cega quanto o próprio. – Inventar que viveu num bairro que não viveu? Além do mais, se fosse para aparecer, tinha que dizer que veio de um lugar mais pobre, e não de um bairro classe média, onde ninguém passou fome, que conhece favela tem pouco tempo...

– Estrada do Quitungo não tem nada a veire com a Vila da Penha. Tu só defendes o gajo porque não és nascido aqui, és forasteiro, não tens conhecimento da geografia local – o barbeiro insistia, sem tirar o cigarro da bo-

ca, não se importava em sujar seus clientes com as cinzas, para isso prendia-lhes o avental ao pescoço.

Ventania nem aí. Já fazia muito em freqüentar a espelunca, não fazia questão de participar de todos os debates populares que rolavam, sobretudo deste que era um tema fixo da mesa-redonda do salão. Sua atenção é atraída por uma notícia de canto de página: “Confirmado: Copa do Mundo de 2014 talvez seja no Brasil.” Ventania relê a pequena manchete, amassa o jornal e sonha.

Em menos de dez anos a Copa será no Brasil. A geração de Ronaldos e Kakás estará comentando os jogos na tevê, deixando a área livre para os novos valores. Tudo que Paulo Ventania precisa para sair da merda é correr os campos de pelada do subúrbio, procurando aquele que será o Pelé de 2014, o craque brasileiro que se imortalizará realizando o sonho de uma nação, consagrando-se mundialmente em pleno Maraca como a estrela canarinho da seleção campeã de 2014.

– Sou procurador! – ele deu um pulo do banco que, desequilibrando, quase derruba os outros três da fila no chão.

– Como assim? Perdeu alguma coisa, Ventania?

– Perdi nada, meu camarada. Acabei de achar o caminho pra fortuna. Vou ser procurador.

– Como assim? Arrumou emprego em algum achados e perdidos? – arriscou um candidato a engraçadinho.

Ele esclarece, irritado com a ignorância geral.

– Procurador, aquele cara que negocia o passe dos craques.

– Estás a dizeire que vais ser empresário de jogadore? – compreendeu seu Aníbal.

– Empresário é no futuro. Vou começar como procurador. Procurando um moleque de seus 12, 13 anos que bata um bolão. Em cima do chassi do garoto, eu vou criar a sensação da Copa de 2014.

|02:25

VENTANIA NÃO QUERIA PERDER TEMPO. JÁ TINHA COMIDO MUITA MOSCA NA VIDA, algumas delas como tira-gosto em sebosos balcões de botecos pelos subúr-

bios cariocas da Central e da Leopoldina. Nunca teve um emprego fixo, vivia de biscates, graças aos poucos conhecimentos que possuía de elétrica, hidráulica e contabilidade. Mas não via perspectiva animadora no ramo dos reparos domésticos. Quando a coisa apertava, Ventania punha uma placa no chaveiro da esquina oferecendo seus préstimos. Bastava tirar a corda do pescoço que ele logo sumia com a placa e se desfazia do celular pré-pago para não ser importunado com serviço.

Sem telefone, sem rumo certo, com uns trocados para passagens e cervejas, ele pinga de bairro em bairro, de campo em campo, de biboca em biboca em busca da sorte grande. Começou a garimpagem animado, ao ver uma bola enlameada atravessar por cima de um paredão pichado. Aproximou-se do campinho de terra batida pronto para o contra-ataque. Desanimou depois de não ver dentro das quatro linhas ninguém com uma barriga menor que a sua. Um espectador ao seu lado revelou ser uma pelada de garçons e cozinheiros da Vila Valqueire. Mais parecia uma partida de barris de chope contra panelões de cozido e feijoadada.

Ventania não jogou a toalha, pegou um ônibus em direção a Bento Ribeiro, na esperança de esbarrar num outro Ronaldinho matando aula num campinho. Se a memória não lhe falhava, estava prestes a tropeçar em diversos terrenos baldios, alguns arenosos, outros mais barrentos, pastos esburacados, estradas abandonadas, os mais diferentes tipos de solos apinhados de craques aguardando o destino acenar com uma súmula e mudar-lhes a vida. Mas a memória falhou. Deixou de registrar as mudanças dos últimos 15 anos. Não havia mais campos de várzea, foram todos ocupados por igrejas evangélicas, conjuntos habitacionais, desmonte de carros roubados, favelas, lixões.

Deparou-se com a realidade. Nada é preservado nesse país. Territórios sagrados que deram luz a ídolos do passado, deixados à própria sorte, tomados por aventureiros nem um pouco preocupados em cultivar sua história. A ocupação desordenada do subúrbio eliminou o campo do Bigode em Marechal Hermes, o Sangue e Areia em Bonsucesso – um cercado de terra fofa famoso pela violência de suas peladas, o Terreiro dos Alemão, onde o time dos covéis do cemitério de Irajá costumava esculachar os visitantes, o Chiqueirão do Onze na Lama, um terreno em precárias condições em que um combinado de Cordovil goleava seus adversários em dias de chuva. Ventania tentou a estrada do Quitungo, terra de Romário. Nada. Foi até a avenida Brasil, nas imediações

da antiga fábrica de bolsas Kelson's. Deu sorte: escapou com vida de um tiroteio entre gangues de traficantes rivais.

Ventania não mudava a tática. Saía cedo de casa para caçar um artigo em extinção no Rio, o craque de várzea, criado solto, descalço, atolado no barro, driblando zagueiros e crateras implacáveis. Voltava depois de escurecer, com poucas moedas para o ônibus, exalando a cervejas e a frituras apimentadas, frustrado com o fracasso da expedição, compreendendo a cada dia a falência dos times cariocas.

– E então, procurador? Achou? – perguntava o candidato a engraçadinho ao vê-lo de volta na barbearia, cabisbaixo, após alguns sábados ausente.

– Não, não procurei no lugar certo, que é no rabo da sua mãe, seu filho da... – já não havia mais ninguém por perto para lhe encher o saco, o candidato estava de saída, apressou o passo para se manter inteiro.

—|04:10

VENTANIA ESTAVA OBCECADO PELA IDÉIA DE DESCOBRIR SUA PEPITA DE OURO ATOLADA num campinho de lama. Se o garoto sai de casa debaixo de chuva carregando uma bola, ele pode chegar lá, tem mais garra e determinação, com algum controle, dá um bom atacante, se for grosso, é ganhar corpo e ficar na zaga. Circulava sem parar, numa espécie peculiar de safári, na busca de sua caça, um homem branco, mesmo sendo preto, queria dominar mata virgem e levar no butim um elemento em estado puro, indispensável em qualquer plantel, um selvagem, um primitivo para embasbacar a horda de torcedores e cartolas.

Voltando pra casa, se debruçou num alambrado para ver um garoto baixinho de carapinha oxigenada dominar a bola no peito na altura da meia-lua, se aquilo fosse um campo, se desfez da marcação ao descer a pelota no terreno já por baixo das canetas de um musculoso zagueiro que estaria mais bem aproveitado puxando um arado, na cara do gol, chutou por cima da baliza.

– Não é possível, Chaveirinho! Faz tudo certo e amarela na hora mais fácil! Bota essa cabeça piolhenta pra pensar, bate certo na bola!

Voam perdigotos em todas as direções, a fonte é um sujeito franzino, de peito afundado e uma guimba com filtro nos dedos.

- Esse garoto não aprende!
- Como não aprende? – deu corda Ventania. – O menino sabe tudo, pegou muito embaixo da bola, só isso.
- Se você acha pouco, tudo bem. Eu acho que tem que melhorar. Lembra da Copa de 94, aquele prego da Itália que meteu o pênalti por cima do Taffarel? O campeonato, a bola da vida, e o cara pegou muito embaixo. Levou azar o coitado? Nada disso, faltou treino. Treino e esporro. Mas jogador de hoje em dia passa mais tempo no cabeleireiro que no campo treinando bola parada. Chega na hora, leva azar. Não quero garoto meu nessa, não.
- Não sabia que era seu filho – estranhando a pouca semelhança.
- Meu filho? Quem disse isso? Acha que eu ia botar no mundo um piolhento daqueles?
- Pelo jeito que você falou, eu fiquei achando que...
- Falei meu garoto porque eu tô levando ele pra fora. Vai embarcar pro Vietnã no fim do ano. Tem um japa amigo meu cuidando da papelada.
- Vietnã? Pensava que lá eles só faziam filme de guerra.
- Os caras agora tão querendo jogar futebol.
- Futebol em campo minado? Tem que ter muito controle de bola...
- Querem levar gente de fora, garotada daqui do Brasil – prosseguiu o olheiro, sem dar ouvidos ao comentário. – É o negócio ideal, os caras têm grana e lá é tudo cego de bola, a mercadoria faz o maior sucesso. Mas tem que correr atrás. Eu sempre falo pros meninos, quer sair da merda, eu tenho a salvação. Minha religião é a bola, se quer milagre, apresenta o sacrifício.
- Você conhece alguém praquelas bandas?
- Rapaz, eu faço a ponte e tiro o meu limpo. O que acontece depois eu não fico sabendo. Ouvi dizer que tem que comer grilo, bife de cachorro e outros bichos. Só aviso pra eles: não vão entrar nessa de dar a bunda pra japa só porque tá longe de casa e os caras têm pau pequeno.
- Faz bem em alertar eles.
- É. Eu acho importante ter cuidado com os meninos, sabe?

No meio da conversa esclarecedora, Paulo Ventania se assusta com algo que lhe atingiu a bunda, ele se vira a tempo de acompanhar uma pedra caindo no chão. E procura de onde pôde ter partido o projétil. No mesmo lado do alambrado, distante cerca de vinte metros está um grupo de garotos. Não

pareciam ter corrido até aquele ponto. Também não parecia possível acertarem sua bunda dali, estavam longe e sem ângulo, equivaleria a um gol olímpico num campo de dimensões oficiais e, por maior que fosse sua bunda, não chegava a um terço de uma baliza de futebol de salão.

- Quem foi o sacana? – gritou, irritado.
- Te acertaram no rabo? – intuiu o olheiro sem desgrudar as vistas do campo.
- Como é que tu sabe?
- Eles vivem fazendo isso. Vivem, não, vive. Neste ângulo só quem consegue é um tal de Glanderson.
- Quer dizer que não foi cagada?
- Cagada nada, esse moleque inferniza a gente com essa pontaria. É pedra, é chapinha, naco de tijolo... Quando chove, eu chego em casa com o rabo cheio de barro. Dá vontade de esganar o filho das unha.

Ventania faz uma rápida reconstituição da trajetória do projétil, percebe o efeito que este teve que tomar para atingir o alvo. Estava com a bunda ardendo, mas impressionado com o feito.

- Ô moleque, vem cá!

Ele se dirige ao grupo, que debanda. Ventania finge desistir, vira-se de costas, caminha para seu lugar na cerca, logo muda de rumo, dá uma corridinha em ritmo moderado, o máximo que sua pança permite, o suficiente para chegar na molecada que ria da sua cara, escondida num beco, achando-se fora de alcance.

- Quem foi? – A voz de Ventania reverberou nos barracos e calou o grupo. Glanderson com o susto ficou parecendo parente do Hermeto Pascoal.
- Quem foi?
- Que-quem foi o quê, moço? Eu num sei do que o senhor tá falando, mas não foi eu não!
- Vocês sabem muito bem do que eu tô falando. Quero saber quem foi!

Ventania tinha mania de enfiar a mão no bolso furado da calça e ficar futucando o saco enquanto conversava, arrancando um ou outro pentelho. Os garotos não sabiam disso. O código na área era outro. Se um sujeito daquele tamanho, injuriado, metia a mão no bolso, não era para distribuir bala para a garotada. Aliás, era, sim.

– Foi ele! Foi ele! – os amigos imediatamente “xisnovaram” Glanderson em legítima defesa.

– Deixa eu levar um papo com o garotão, o resto tá dispensado.

A pivetada evaporou. Ventania se aproximou de Glanderson, que tremia. Uma lágrima chegou a brotar e pingar no seu short. Ventania notou, ao firmar a vista, que não era choro, o garoto estava se mijando.

– Ô seu moço, desculpa aí, por favor, foi sem querer, eu num tinha visto que era o senhor, eu num faço mais, me perdoa, alivia, pelo amor de Deus, seu moço...

A sombra de sua barriga cobriu o moleque, Ventania arranca a mão do bolso, trazendo um fio de cabelo retorcido nos dedos.

– Pentelho! – Ele cheira e dispensa o fiapo. – Me diz uma coisa, garoto. Como é que você faz uma coisa daquelas?

– Eu já falei, seu moço, foi sem querer... eu... eu tropecei na pedra, ela bateu num buraco, subiu e pegou no senhor.

– Deixa de conversa fiada!

– Verdade! Mas eu juro que não faço mais.

– Ah, vai fazer, sim.

– Vô não, seu moço, palavra!

– Vai sim. E vai ser agora. Vem aqui comigo – ele puxou o garoto trêmulo de medo, saíram do beco, pegou uma tampinha de plástico e entregou na mão do menino. – Tu vai acertar essa tampinha na bunda daquele sujeito ali – apontou para o olheiro que estava debruçado na cerca, vidrado no campo.

– Num vai dar.

– Como não vai dar? Só porque o homem tá sempre na área? Tá com medinho agora?

– Num é isso, seu moço. É que essa tampinha é muito leve, num vai chegar lá. Pode ser isso daqui? – pega uma pedra arredondada de pouco mais de cinco centímetros de diâmetro. O barrigudo assente. Glanderson se abaixa para ajeitar a improvisada pelota num montinho de terra e toma distância. – Pode narrá?

– O quê?

– Deixa eu narrar o lance? É que assim eu me empolgo mais aí eu num erro.

– Narra, garoto, faz o que tu quiser, mas acerta na bunda do olheiro.

– Falta pirigosa na direita da área, perto da bandeira de corno. É um corno de manga curta. Glanderson toma posição. Ixpectativa no Maraca. Lá vai ele...

Glanderson caminha para a bola, quer dizer, para a pedra, tem um andar cambaleante, como quem tivesse um pé machucado. Não é isso. Ventania percebe que ele tem o pé direito deformado, falta o dedo mínimo e o seu vizinho, o que dificulta o aprumo do moleque. O gordo fixa o olho no pé esquisito.

– Avança Glanderson, apontô, disparôôô... é gol!

Ventania não acompanhou a jogada perfeita, o tiro certo no alvo. Não conseguiu tirar os olhos do pé do garoto que pulava na terra, comemorando.

– Filha-da-puta! – os dois ouvem o sujeito atingido gritar de longe. Ventania levanta a cabeça e vê o sujeito coçando a bunda injuriado.

– Deixa comigo, meu camarada! – improvisa Ventania, enquanto segura Glanderson pelo cangote. – Vou cuidar do caso agora mesmo! – o olheiro agradece ao companheiro e volta a fixar sua atenção no campo, ainda coçando o dolorido traseiro. – Vamos ali no boteco, garoto. Vou te pagar uma coca.

Glanderson escancarou um sorriso cariado. Estava acostumado a apostar na sua pontaria, mas era a primeira vez que alguém se dispôs a pagar por isso.

– Como é o seu nome, garoto?

– Arrout! Glanderson.

– Arrout Glanderson?

– Não. Só Glanderson – solta outro arroteo esporrento. – Arrout... é por causa da coca.

– Deu pra notar, mas vê se consegue falar comigo sem cuspir.

– Foi mal, seu moço.

– Tu gosta de jogar bola, moleque?

– Claro! Meu sonho era ser profissional. Mas acho que num vai dar. O pessoal nunca me escolhe nas pelada por causa do meu pé. E também minha mãe quer que eu estude pra ser desempregado.

– Quantos anos você tem, Glanderson?

– Dezesseis, vou fazer 17 daqui a seis meses.

– Com essa cara de garoto, esse uniforme de escola pública? Tu tá velho, hein moleque!

- É que a minha mãe tá lavando as outra roupa, aí eu só tenho essa pra usar.
- Bom, o caso é o seguinte, garoto. Você tem um chute muito bom. Consegue fazer a mesma coisa com uma bola?
- Mais ou menos.
- Como mais ou menos? Consegue ou não?
- Acho que consigo, mas bola machuca muito, o pessoal recrama.
- Não é pra acertar em ninguém, é num jogo, em campo, com a bola rolando.
- Se pegar de jeito no dedinho caçula, é saco.
- Vamos fazer assim. Amanhã eu volto aqui nessa mesma hora. Aí você vai me mostrar o que sabe fazer ali dentro – apontou para o campo de onde saía Chaveirinho ouvindo as orientações do seu olheiro.
- Fechado, seu moço.
- Ventania. Paulo Ventania – apertou a mão franzina do moleque, pagou a coca e foi embora.

No dia seguinte lá estava Glanderson em campo. E o olheiro que parecia nunca ir embora, vestindo a mesma calça tergal, o mesmo sapato e a mesma marca de suor nas costas e no sovaco. Ventania chegou devagar, não queria ser notado por Glanderson para não atrapalhar o desempenho do garoto. Ventania escondeu-se atrás de um arbusto que não era o seu tamanho. O olheiro tirou os olhos do campo para acender um cigarro quando viu um sujeito se mexendo atrás do arbusto. A princípio achou que ele estava mijando. Mas por que estaria mijando do outro lado, onde todo mundo que passa na estrada consegue ver? Deveria estar do lado de cá da árvore, que é o lugar de se aliviar, tem até a marca. Logo ele viu que não era isso, o mesmo sujeito que ontem esteve por ali agora se escondia para ficar de olho nos seus meninos. O olheiro tinha certeza, o cara estava se escondendo dele para dar-lhe um carinho no meio do joelho e apalavrar um trato com as suas crias.

- Ei, ô, você aí! Não adianta disfarçar atrás dessa árvore que eu já te vi. E é bom saber que essa área tem dono. Essa garotada toda já tem papel assinado comigo. Não é de hoje que eu tô te manjando! Desde a primeira vez que você apareceu por aqui que eu desconfieei, mas vou lhe dizendo, fica na tua e sai de fininho que tu não sabe com quem tá se metendo!

A voz esganiçada do olheiro atravessou o campinho, parou a pelada e cha-

mou a atenção de Glanderson que se aproximou da lateral e avistou a barriga de Ventania, logo atrás, o próprio saindo detrás do arbusto.

- O senhor veio mermo!
- Peraí, Glanderson, eu já falo com você.

O olheiro interrompeu seu discurso de ameaças quando Glanderson se aproximou com sua ginga involuntária. Respirou aliviado, mudou de tom.

- Esse neguinho sem dedo não tem contrato comigo, não. Pode olhar à vontade.

Infelizmente não tinha muito o que ver, Glanderson pouco tocava na bola. Faltava confiança. E, analisando friamente, faltava noção de conjunto, faltava se colocar em campo, faltava voltar para ajudar a marcação. Faltava tudo, ou quase tudo. O chute tinha efeito, enganava toda a zaga, mais forte seria infalível. É, faltava tudo mesmo. O garoto corria, suave, se deslocava, pedia bola como nunca e, como sempre, não recebia. Sobrava-lhe um ou outro lateral que batia, o companheiro, quando muito marcado, não via outra saída senão lhe devolver, ele tentava o drible e, antes de perder a bola, já tinha tomado esporro de todo o seu time e de alguns adversários.

Glanderson não desanimava. Pouco lhe importava o que diziam a seu respeito, o que achavam do seu estilo de jogo, as razões pelas quais era invariavelmente o último a ser escolhido – não chegava exatamente a ser escolhido, sobrava para a equipe do azarado que perdesse o par ou ímpar. Algumas vezes seu andar naturalmente desequilibrado desconcertava o adversário, cometia assim dribles quase sem querer.

Num momento de rara cagada, a bola sobrou de uma estourada, espirrou na sua canela e quando caiu limpa na entrada da área, ele chutou de três dedos, no seu caso, de um dedo e meio. A bola ganhou um surpreendente efeito, encobriu o goleiro e subitamente caiu desacordada no fundo da rede, se ali rede tivesse. Glanderson comemorou como numa final da Eurocopa.

- Viu só? Viu só? Golaço! Golaço! – ele gritava para a cerca como se Ventania e o olheiro formassem o anel lotado do Maracanã.

Ventania recobrou a esperança que já tinha mandado para o valão ao lado do campo. Algo lhe dizia que aquele garoto prometia. Lembrou-se da pedrada na bunda, para ele um sinal. Sabia que tinha de contar com a sorte numa

empregada destas, não podia abrir mão de credices e superstições num momento tão vital. Aquela pedra no caminho, quer dizer, no rabo, bem pode ter sido um sinal divino para enfrentar o desafio, ficar com o garoto e se dar bem. Além do mais, todo craque tem uma história complicada, cheia de adversidades, isso valoriza a trajetória, aumenta o preço do passe, dá notícia nos jornais.

Transformar aquele garoto com dois dedos a menos num craque era uma missão pedregosa, mas Ventania confiava nos seus dotes de preparador físico e conselheiro. Podia usar sua experiência nos gramados, afinal, estava no Bangu em 1966, viu toda aquela turma fabulosa – Aladim, Paulo Borges, Fidélis, Ubirajara Motta – arrasar os grandes times do Rio e levar o troféu do campeonato estadual para Moça Bonita. Não foi titular da equipe, nem reserva. Era do come-e-dorme do clube, um pessoal que vive à espera de uma chance, completando os treinos e, nas horas vagas, realizando serviços gerais, como jardinar o gramado e lavar o vestiário. Ventania estava cotado para assumir a vaga de reserva do Ari Clemente, quando o benemérito contraventor Castor de Andrade perdeu um apontador do bicho durante um tiroteio na tomada de um ponto em Rocha Miranda e teve que deslocá-lo para a função. Mas ainda lembrava de muita coisa que aprendeu observando o celeiro de craques treinar. Injetar essa vivência naquele nequinho franzino era questão de tempo. Seu devaneio foi cortado por um forte bodum que tomou conta da atmosfera. Era Glanderson chegando sem camisa de braços para o alto, prestes a abraçar seu procurador, que procurou se esquivar com agilidade.

– O senhor viu só, viu só? Deixei o meu bonito lá dentro! Calei a boca de todo mundo, agora esses pregos vão ter que me respeitar!

– Calma, garoto! Calma! Peraí, não me abraça que eu tô muito gripado.

– Mas o senhor viu? Gostou? Sentiu?

– Tô sentindo, tô sentindo cada vez mais forte, chega pra lá pra gente conversar. Pode baixar o braço também. – Glanderson acalmou. – Olha, eu vi tudo. O gol foi bonito, sem dúvida. Mas tem muita coisa pra ser trabalhada. Seu time perdeu, sabia?

– Não sei se o senhor tava prestando atenção daqui, mas eu levei esse povo nas costas. Me desloquei o tempo todo pra abrir um buraco na zaga deles. Agora, a bola não chegava lá na frente, não tinha como eu fazer o meu

ofício que é meter gol.

– Seu potencial é bom, mas nós temos muito o que ralar. Se você topar seguir à risca minhas instruções, a gente chega lá. Tem que ter paciência e força de vontade.

– Nisso daí pode contar comigo, seu Ventania. A partir de hoje eu vou almoçar e jantar bola, vou dormir aqui no campinho mermo.

– Pega leve, rapaz, se você dormir nesse terreno baldio pode ser confundido com um presunto e acordar numa gaveta do IML.

– Que isso, seu Ventania, nem pensa numa coisa dessas.

– Bom, garoto, por hoje tá bom. Vai pra casa tomar um banho. Deixa que eu te procuro por aqui.

Glanderson foi-se afastando, o ar foi-se renovando, Ventania voltou a respirar.

—|07:30

NO DIA SEGUINTE GLANDERSON MADRUGOU NO CAMPINHO. CHEGOU A TEMPO DE ajudar os outros garotos a remover o presunto do dia da pequena área para uma das laterais, de modo que pudessem jogar. Realizavam a operação quase diariamente, a polícia nunca os incomodou por isso, jamais foram chamados a depor, era público e notório que aqueles peladeiros nada tinham a ver com o mundo do crime. Também era sabido que o defunto que caía ali era como um aluno que aguarda o ônibus escolar na ponta final do itinerário. Aquele era o último ponto de desova da região que o rabeção passava para recolher novos internos do IML. Os garotos só não mexiam se o morto fosse conhecido de um deles. Não era o caso desta vez.

– Tô na gaveta do seu Ventania. – Glanderson foi anunciando. Cabeção e Orelha que puxavam os braços da vítima pararam.

– Mentira! – respondeu Cabeção.

– Então tá. Pergunta pra ele.

– Tua mãe assinou? – desconfiou Orelha.

– Com ele não precisa assinar nada não, é a palavra que vale.

– Palavra... esse cara é que não quer nada contigo, rapá. – Chaveirinho se meteu na conversa. – Também, na boa, quem vai querer um aleijado?

- Tua irmã, ela é a maior Maria chuteira. – Glanderson entrou de carrinho.
- Moleque, não bota minha irmã no meio senão eu boto no meio da tua!
- Eu não tenho irmã.
- Da tua bunda. Rá! Sacaneei.
- Esse tal de seu Ventania vai te levar pra alguma peneira? – Cabeção baixa a bola.
- Por enquanto não. Primeiro a gente vai treinar, quando eu estiver preparado, aí vamo correr os clubes – chutou ele.
- Quando vai começar o seu treino? Como é que vai ser? – Cabeção engoliu o papo.
- Aqui é que não vai ser, duvido o seu Carneiro deixar. – Chaveirinho se referia ao olheiro que fechou com ele e mais sete garotos. – Ele não vai querer gado de fora engordando nesse pasto.
- Mas eu não sou de fora, eu sou local.
- Mas esse Ventania não é, ninguém conhece esse cara. Vai que ele é um desses manja-rola que paga lanche pra levar pirocada.
- Ih, qualé, Chaveirinho! Respeita o home, só porque não assinou contigo já sai esculachando...
- Sei não, Glanderson – interrompe Orelha. – E se o Chaveirinho tiver razão? Abre o olho, hein.
- Mas não abre tudo não, vai que o tempo vira e pinta Ventania por trás... – alfineta Chaveirinho.
- Cês são uma cambada de invejosos. Quando eu estiver por cima, não vem me pedir dinheiro emprestado que não vai tê.
- E quando eu estiver por cima, tu morde a fronha porque vai doer! Rá! Sacaneei. – Chaveirinho gozou.
- Babaca!

Eles ajeitam o presunto ao lado da cerca, onde o rabeção costuma parar e voltam para o centro do terreno para bater o par ou ímpar.

———| **07:45**

PAULO VENTANIA VOLTA DA ESQUINA FOLHEANDO O *JORNAL DOS SPORTS* QUE COMPROU quando foi à padaria. Antes de empurrar a porta de seu barraco sua vizinha lhe adianta a novidade.

- Chegou visita pra você, Paulo. Tua mulher.
- Ex-mulher, dona Marizete, ex, pelo amor de Deus!
- Pelo amor de Deus digo eu! – Jurema tinha invadido, se considera de casa. – Pelo amor de Deus, cadê a minha pensão, criatura? Já tem três meses que tu não me dá um níquel. Até quando tu acha que eu vou sustentar sozinha o menino? É roupa, é colégio, é comida... e o garoto come demais, parece que tem verme na barriga. O que eu tiro no salão não dá pra tudo, não. Ou acerta a pensão ou eu dou queixa na polícia. E tu sabe muito bem que isso é a única coisa que dá cadeia nesse país. Pode roubar, pode traficar, pode seqüestrar, mas vacilou com a pensão, é cana.
- Você tá mal acostumada, Jurema. Desde quando três meses é atraso? Seu problema é a prestação da fantasia. Muda de ala, sai de peito de fora que é mais barato.
- Lá vem você querendo se meter na minha vida. Tem que fazer o que a lei manda. A lei não manda a mãe mudar de ala, manda o pai arrumar emprego e pagar a pensão.
- Epa, epa! Olha aí como fala que eu não tô te destrutando. Não vem com essa conversa de emprego. Devagar com o andor, minha santa. Eu tô investindo alto num projeto que vai dar muita grana. Se der tudo certo, eu boto uma bolada na poupança do moleque pra você nunca mais me aporrinhar. Mas, sabe como é, tem que andar no sapatinho, pisando macio no meu gramado.
- Projeto, bolada, poupança do moleque... Toda conversa contigo acaba no mesmo ponto. Como você gosta de repetir esse papo! Promessa é que não falta, parece até político. Eu é que não caio mais nessa. Pra mim, tempo bom foi aquele em que você era contador.
- Contador, eu? Tá de porre...

| 08:50

DE FATO, HOUVE UM PERÍODO ESTÁVEL. POR ALGUNS MESES O DINHEIRO ENTROU COM regularidade. Era pouco, mas dava para bancar a pensão da ex-mulher e ajudar nas despesas da mãe que complementava a aposentadoria fazendo os salgadinhos que eram vendidos no bar da esquina. Ventania arrumou um em-

prego de auxiliar de escritório numa pequena firma de contabilidade, no largo da Penha. Funcionava numa sala estreita, com uma janela cuja grade atrapalhava a vista para a igreja da Penha. O contador, dono da firma, passava o dia plantado em sua mesa, de olho nos funcionários. A mesa do chefe ficava ao lado da porta de entrada. Argumentava que contador honesto não se esconde atrás de divisória, tem que ser encontrado logo de cara pelo cliente, receber o fiscal na frente de todo mundo. E estar de olho em qualquer falcatura de seus empregados. Era uma posição incômoda.

No fundo da sala estava o único banheiro da empresa. O chefe se via obrigado a atravessar sistematicamente o estreito salão toda vez que queria fazer suas necessidades. Era um velho resmungão, de intestino solto. Como não permitia que os funcionários ouvissem rádio, a trilha sonora do estabelecimento era a descarga puxada pelo velho. Não suportou trabalhar numa firma onde o dono não tinha a menor moral. Como um sujeito pode ter autoridade se seus funcionários sabem quantas vezes no dia ele cagou? Ventania pediu demissão.

| 09:10

– É POR ISSO QUE EU NUNCA IA DAR CERTO COM VOCÊ, JUREMA – FALOU VENTANIA, sem tirar os olhos do jornal. – Eu vivia infeliz naquela gaiola e você torcendo pra eu continuar ali. Aquilo pra mim era a morte, um lugar onde não se podia dar um pio, a gente ouvia até mosca aterrissando no pão doce da secretária. Claro, se a descarga não estivesse ligada.

– Não tenho tempo pra ter pena de você, não, Ventania. Você não tem consideração com o seu filho. Não tem um mês que eu não tenha que vir aqui pedir a pensão do garoto.

– E isso é sacrifício? Dar uma passadinha aqui, filar um cafezinho e ainda sair de carteira recheada...

– Quer dizer que dessa vez vai pagar?

– Tô falando teoricamente. E não aceito essa conversa de falta de consideração. Logo eu que não discrimino ninguém: o atraso da pensão é o mesmo pra todos eles.

– Mas o bexiguento daquela safada merece mais atenção, não é? Soube

que ele até foi batizado. – Jurema se referia ao garoto que Ventania teve com a Regiane na mesma época em que ela pariu o Rezinho.

– Safada, tudo bem, mas bexiguento é o cacete! Além do mais, quem não quis que o Rezinho fosse batizado foi você, lembra? Você era contra.

– Não era contra, só não fazia questão.

– Se não fazia questão, por que discutir agora?

– Se você me dissesse que estava batizando o da filial, eu mudava de idéia.

– Afinal, Jurema, qual o seu problema, falta de dinheiro ou falta de batizado?

– Falta de marido dentro de casa.

– Nesse caso eu não posso fazer nada. Sou péssimo pra arrumar marido.

Ventania fechou o jornal, se levantou e foi saindo, Jurema ficou reclamando, mas ele já sintonizava outra estação.

———| 11:12

LÁ VAI GLANDERSON SE DESLOCANDO LIVRE PELA DIREITA. CHAVEIRINHO, NA BANHEIRA, espera o lançamento. Meleca comanda o contra-ataque em velocidade, da intermediária lança Glanderson que se atrapalha um pouco, mas consegue matar a bola, a defesa está batida, Chaveirinho, plantado na pequena área, pede bola, Glanderson avança até a entrada da área e resolve arriscar, dali mesmo chuta com a direita, o efeito que a bola toma engana o goleiro, segue a trajetória em curva e morre no fundo do valão, longe do gol adversário.

– Uuuuhhhh!

– Uh é o caralho, moleque! – Chaveirinho espumava. – Olha eu livrinho aqui na cara do gol vazio! Além de aleijado ficou cego também?

– Aleijado é o cu da tua mãe!

– Rapá, não bota o cu da minha mãe no meio senão eu boto no meio do cu da tua!

– Porra, tu fica na banheira o tempo todo, a gente até esquece que tu tá em campo. Eu também tava em condição de chutar!

– Agora tu tá em condição de ir lá no valão pegar a bola. – Zulu, o goleiro adversário, entrou na mesa-redonda.

- Qualé? Quem tá no gol é que pega. – Glanderson tira o seu da reta.
- E quem chuta é que paga – replica Zulu.
- Pagar? Pagar o quê? A bola tá bem ali, ó, daqui eu tô vendo ela. Não vou pagar porra nenhuma.
- Vai pagar sim, mas não vai ser com dinheiro, não. Tu vai pagar um cuecão.

Zulu corre para segurar Glanderson, impedido de fugir pelo próprio time. Ele se debate, enquanto Zulu o imobiliza, três seguram suas pernas, outros dois enfiam a mão na cueca de Glanderson pelas costas e puxam, deformando o tecido até rasgar. A cueca vira um trapo, perda total. Glanderson sente o saco e o rego arderem com a brincadeira, vai apanhar a bola no valão e limpa a esfera fedida de esgoto com o que restou da sua cueca. A pelada recomeça.

—|12:15

VENTANIA OLHAVA IMPACIENTE PARA O RELÓGIO, COM UMA BOLA DEBAIXO DO BRAÇO, balançava a cabeça negativamente, mirando a rua onde mora Glanderson.

Ele surge com um andar preguiçoso, olhos remelentos, marca de café com leite no buço.

- Isso são horas, criatura? Meia hora esperando a noiva dar o ar da graça, assim não é possível, rapaz!
- Desculpa, seu Ventania, eu fiquei até tarde vendo tevê, aí de manhã minha mãe não quis me acordar porque eu tinha dormido pouco.
- Ah, poupando a energia delazinha? E eu aqui na rua, em pé feito um pateta...
- Foi mal, é que ela não sabia que a gente ia se encontrar hoje cedo.
- Não bota a culpa na sua mãe, garoto! Ela já faz muito em te sustentar, agora tem que cuidar da sua agenda também? Ficar ligada nos seus compromissos? – Eles foram andando para o ponto do ônibus ao som da descompostura. – Bota uma coisa na tua cabeça, moleque: eu não sou bandeira de córner pra ficar plantado na esquina! A próxima vez que você me aprontar uma dessas, já era!, acabou, eu vou apostar em outro garoto menos preguiçoso e você vai tirar seu brevê pra pilotar carrinho de feira, tá ouvindo?

– Tô, sim senhor – resmungou resignado. Queria saber para onde estavam indo, tentou adivinhar de acordo com o itinerário do coletivo, mas aquela era uma linha que ele não costumava usar. – Aí, seu Ventania, a gente tá indo pra onde?

– Madureira – respondeu secamente.

Glanderson engoliu o espanto. Treinar no Madureira não pode ser. Tudo bem, é um clubinho merreca, mas eu ainda não tô preparado, esse cara vai me botar no fogo. É isso que ele chama de “preparação alto nível, a nível de carreira”?

Ventania cutucou sua costela quando alcançaram a Ministro Edgar Romero nas imediações da sede do Madureira. Glanderson ficou apreensivo. Saltaram do ônibus em frente ao Mercado, Glanderson deu alguns passos em direção à rua que dá acesso ao clube.

– Peraí, garoto. Vai aonde?

– A gente não tá indo pro Madureira?

– Nada disso. Você não vai treinar no Madureira, você vai treinar em Madureira.

– Não entendi.

– Vai ser aqui mesmo, garoto, teu campinho de várzea vai ser aqui, nessa calçada.

– Jogar bola aqui, no meio dessa multidão? Não tem condição, seu Ventania, isso é impossível, olha só o tumulto!

– Presta atenção, garoto. Eu tenho observado você esses dias e vi que você tem potencial. Precisa corrigir algumas deficiências.

Glanderson imediatamente olha para o seu pé.

– Não tô falando dessa deficiência, rapaz. Falo dos fundamentos do esporte, da intimidade com a bola. Você vai treinar controle de bola, drible, reflexo, tudo aqui.

– Seu Ventania, eu não tenho vergonha de ser meio burro, mas dessa vez eu não entendi nada do seu texto.

– Não se preocupa com meu texto que eu não sou explicador, no momento eu sou seu treinador. Pega essa bola, bota no chão. Tá vendo aquele poste? Você vai conduzir a pelota rasteirinha, trocando de pé até lá. Eu vou medir o tempo.

– Mas e esses camelôs, e as pessoas, e aquela velhinha, e a fila do bicheiro...

– Vai driblando tudo que aparecer pela frente. Eu te espero naquele poste. Você parte quando eu abaixar o braço.

Ventania, de braço esquerdo erguido, caminha para o referido poste, de olho num cronômetro de visor embaçado. Estava concentrado no seu método heterodoxo de formação de craques, baseado em anos de observações aleatórias sem conseqüências práticas. O garoto, com aquele pé desfalcado de dois dedos, desenvolveu um chute desconcertante. Além disso, é magrinho, leve, pode vir a ser um arisco atacante, um ponta, talvez. Para isso terá de adquirir domínio de bola, manter o controle em espaços pequenos, congestionados.

Glanderson tenta digerir as instruções enquanto Ventania se afasta. Como é que é? Passar com a bola pelo meio desse pessoal todo, desses camelôs e de suas barracas? É isso que ele chama de treino individual? Individual? Tem mais de cinquenta pessoas no gramado, quer dizer, na calçada!

Ventania estava confiante em seu plano. As condições são bastante adversas, ele pensa, o moleque vai ser xingado e vaiado, como quem está no campo do adversário marcado pela torcida. Vamos ver como ele se comporta trabalhando sob pressão. Ventania abaixa o braço e grita:

– Vem, moleque!

Glanderson guarda as havaianas no canto da calçada em que o movimento de passantes é menor, solta a bola no chão e parte pra cima dos adversários, acumulando os papéis de driblador e locutor.

– Recebe Glanderson, amacia no terreno e parte pra cima do inimigo que tá todo fechado na defesa; passa pelo primeiro, desvia de um buraco, mete debaixo das saias de uma dona, ginga na frente de um velhinho, faz o giro, pedala e passa de passagem pela barraca de frutas, tenta a finta no caixote de rolex, o tamborete de CD pirata faz a cobertura, a bola bate na perna da freguesa, espirra na frente, o camelô avança, leva um come humilhante na frente de todo mundo, não gostou, aperta a marcação e... aaaaiiii! É falta! Glanderson cai no gramado, sentindo a pancada no tornozelo.

– Qualé a tua, moleque? Tá a fim de me derrubar? – um ambulante interrompe a peleja e toma satisfação do atacante.

– Eu não, seu moço. Pô... tô jogando limpo, o senhor é que me derrubou, mas eu vi que o senhor foi na bola.

– Cume qui é? Tá de gracinha com a minha cara, é? – o camelô não pare-

cia animado, vai ver é um desses que não gosta de treinar. – Olha o prejuízo que tu tá me dando! As minhas mercadorias tão todas espalhadas no chão, minha freguesa tomou uma bolada, daqui a pouco pinta o rapa, leva tudo, aí eu quero ver como é que fica.

– Calma, meu camarada, calma! – Ventania chega correndo, tentando botar panos quentes na situação. – O garoto não tem culpa de nada.

– Ah, não? E essa zona no meu ponto, vai pra conta de quem? Pra tua? – rebate o camelô.

– É isso mesmo, esse garoto tá atrapalhando o comércio, aqui tá cheio de gente – apoiou outro barraqueiro –, isso aqui não é lugar de jogar bola. Se ainda fosse uma criancinha, dava pra levar em consideração, mas esse galalau sabe muito bem o que está fazendo. Tem muita gente trabalhando nessa calçada.

Glanderson gostou de ser chamado de galalau, sempre se achava “di menor”, um moleque, guri. Alguém que o julga mais adulto merece a simpatia em qualquer circunstância. Ventania, porém, precisava rebater.

– Tá todo mundo trabalhando aqui! Inclusive eu e o garoto. – Pronto. Glanderson foi rebaixado a garoto. Daí a moleque é o retrocesso natural. Ventania prosseguiu: – Esse moleque está fazendo um trabalho sério e, digo mais, revolucionário no futebol. Ele está treinando pra ser uma das nossas grandes estrelas lá fora, só que fora do esquema da cartolagem, entendeu? Ele vai treinar na rua, num método que eu inventei, enfrentando os obstáculos naturais que tão espalhados pela cidade, ganhando habilidade, visão periférica, domínio de bola e capacidade de atuar num espaço pequeno como é a pequena área, captou agora?

– Aí, ô Barriga – Ventania não simpatizou com a referência, mas preferiu Barriga a Careca, Pouca Telha, Bola Sete e similares –, mesa-redonda pra mim, só aos domingos, falou? Mesmo assim, depois do *Fantástico*, pegou? Eu tô cagando se é treino tático ou é coletivo, só sei que se esse cara esbarrar nessas fitas Playstation que eu acabei de copiar, o único treino que ele vai poder fazer vai ser um individual sem bolas, depois que eu lhe arrancar o saco! – Pra que esse papo de violência? Pega leve, meu chapa! – Ventania sentiu que precisava mudar de tática.

– Chega de conversa que aqui tu não é chapa de ninguém. Aliás, a tua chapa é que tá esquentando. – Outro exaltado aumentou a fervura da situação.

- Vocês tão querendo é levar um cacete!
- Sai fora, porra! Pica a mula! Vamo juntá os dois! – a multidão começou a encurrular os dois.

No tumulto, um espertinho ainda tentou passar os cinco no cronômetro de Ventania:

- Aê, fui com a cara desse cronômetro! Se escorregar pra minha mão, eu alivio a de vocês...

Ventania e Glanderson recuam a pequenos passos, catando com rabo de olho um ônibus com a porta escancarada, pronta para receber novos passageiros. Ventania segura firme o velho cronômetro e sustenta um sorriso amarelo, como se tudo aquilo não fosse com ele; Glanderson esbugalhava os olhos e teria empalidecido, não fosse tão difícil para um preto como ele. Num pinote se jogam num coletivo que passava em marcha lenta. A horda ainda acompanhou o trânsito batendo no exterior da carroceria, tacando pedras e objetos, entre eles um dos pés das havaianas que Glanderson esquecera junto à calçada. Antes que a confusão resultasse em mais uma queima de ônibus, o motorista acelerou, empurrando a espessa fumaceira do motor desregulado para cima do bando. Ventania suspirou, enquanto chovia gordas gotas de suor sobre uma pobre senhora. Glanderson não desarregalou os olhos e ainda se assustava a cada entrada de um novo passageiro.

- Quando eu era pequeno – destravou o rapaz –, eu costumava dibrar as pessoas na rua, que nem o senhor mandou. Mas nunca deu galho porque eu não usava bola...
- Esse pessoal não entende nada de futebol, garoto. Ninguém colabora e depois fica reclamando que os clubes tão no buraco. Mas o futuro tá aí mesmo, e quando ele chegar esse povo vai botar a mão na consciência e ver que eu tava certo. Todo mundo diz que gosta de ver um futebol bem jogado, um drible com categoria, mas cadê apoio, cadê compreensão? Custa ter um pouco de paciência, respeitar o trabalho de um profissional?
- Ele lembrou-se de que nunca falou em dinheiro com o futuro craque. – Claro que quando falo em profissional não tem nada a ver com dinheiro, falo no sentido de coisa séria, que não tem nada a ver com essa xavecada toda que virou o nosso futebol.

De olho fixo na multidão revoltada que, mais distante, ainda xingava, jogava coisas e exibia os colhões, Glanderson comentou se não seria melhor treinar

lá no campinho. Ventania procurou usar sua vivência para acalmar o rapaz. Deu-lhe um tapa nas costas e tentou aliviar a tensão, minimizando o ocorrido no primeiro dia do treino heterodoxo, se esforçava para convencê-lo de que as pessoas não estão preparadas para inovações e que por isso toda idéia original era recebida com paus e pedras. Mas deixou claro que não iriam desistir.

– Agora – concluiu o treinador –, se você prefere jogar suas peladinhos naquele terreno baldio a encarar o desafio para sair da lama e ser um ídolo da garotada em poucos anos, aí é com você...

– Que isso, seu Ventania, não vou jogar a toalha, não.

– Assim que se fala, garoto! Amanhã é outro dia. Vamos procurar uma avenida onde o pessoal tenha a cabeça mais aberta para dar prosseguimento ao trabalho. Você vai unir o útil ao agradável: vai fazer embaixadinhas no meio da rua quando o sinal fechar em troca de uma colaboração dos motoristas. Vamos melhorar o seu controle de bola e se você evoluir, não demora você vai faturar mais do que qualquer malabarista de bola de tênis. Esse é o país do futebol, Glanderson!

—| 15:35

AQUELE DIA DE TREINAMENTO COMEÇOU DIFERENTE. GLANDERSON FOI PONTUAL, Ventania não chegou a ficar três minutos na espera. Mas a diferença não foi só essa.

– Até que enfim você se mancou! É isso aí, garoto, pontualidade é o primeiro passo para o sucesso, tô vendo que minhas palavras começam a fazer efeito nessa cabecinha piolhenta.

Glanderson não se mostrou muito empolgado, estava cabisbaixo, o queixo furando o peito, murmurando as palavras.

– O que você disse, moleque? Levanta essa cabeça, como quem tá na área de olho no cruzamento e fala alto que assim eu não consigo entender nada.

– Minha mãe quer falar com o senhor.

– Tua mãe? Falar comigo? Falar o quê? Algum problema?

– É, ela quer que eu pare de treinar com o senhor.

- Ué, por quê? Aconteceu alguma coisa? – Ventania ficou visivelmente tenso com a novidade.
- Acho melhor o senhor ir lá conversar com ela.
- Eu também acho. Vamos lá agora mesmo.

Ventania seguiu Glanderson até uma rua próxima à praça Vicente de Carvalho, quase em frente ao supermercado Carrefour. Chegaram a um prédio modesto e malconservado, subiram pela única escadaria até o estreito corredor para chegar no pequeno apartamento de fundos onde ele e sua mãe moravam. Empurraram a porta encardida, cuja fechadura precisava de uma visita do chaveiro que mantinha uma barraca na esquina da estrada principal, sempre com a tabuleta “Volto já” pendurada num prego. Dona Conceição estava debruçada no tanque, esfregando uma peça de roupa que não parecia ser sua – uma saia jeans curta demais para uma senhora do seu porte. Certamente lavava a roupa de alguma freguesa que, se cabe naquela minúscula peça, dá um bom caldo – deduziu Ventania.

- Mãe, ó ele aqui. – Glanderson cutucou-lhe o ombro.

Dona Conceição virou-se, sem parar imediatamente a esfregação. Um rádio sintonizava a Tupi, programa de denúncias e escândalos. Um cachorro latia na vizinhança, complementando o tumulto sonoro. Os braços roliços da senhora desciam e subiam na pedra, enquanto ela se curvava para medir de alto a baixo o visitante. Ventania simulava estar à vontade, forçava segurar um sorriso muito pouco natural.

- Dona Conceição, muito prazer. Ventania – ele estendeu a mão direita, ela, desconfiada, cedeu-lhe o punho ensaboado. – Eu vim aqui falar do seu filho.
- Neto.
- Neto? – espantou-se ele.
- Isso mesmo, neto. O pai desse aí sumiu no mundo assim que soube que minha filha estava grávida. A mãe se mudou pra Itaboraí quando o garoto completou seis meses e nunca mais apareceu. Mas foi melhor assim, nenhum dos dois tinha juízo pra cuidar de uma criança.
- A senhora me desculpe, ele me falou que morava com a mãe, eu pensei... – Ventania tentava diplomaticamente ser amistoso.
- Não tem do que se desculpar. Fui eu mesma quem ensinei ele a me chamar de mãe. É pro menino não crescer recalçado. E também pra ninguém

por aí ficar achando que ele não tem mãe. Tem sim, e é a mamãe aqui. É por isso que eu queria trocar umas palavrinhas com o senhor.

– É, eu também queria conversar com a senhora...

– Ô seu... – o nome escapou-lhe.

– Ventania, Paulo Ventania.

– Pois então, seu Ventania, o Glanderson tem andado sumido daqui de casa, não aparece pra entregar as roupas das freguesas, sai de manhã cedo, só aparece quando já escureceu, eu pergunto no campinho por onde ele anda, os garotos não sabem me dizer nada...

– A senhora pode ficar descansada que...

– Descansada, eu? – dona Conceição cortou-lhe a palavra. – O senhor não sabe com quem está falando. Eu só vou ficar descansada deitada num estrado de madeira lá no cemitério de Inhaúma. – Ele engoliu em seco. – Olha, desde os sete anos que eu ando rolando por esse mundo sem saber o que é descanso. Ainda mais agora que eu tenho que ficar de olho nessa criatura, é uma trabalhadeira danada.

– Que isso, mãe, eu não dou trabalho nenhum, sou da paz, não me meto em barra pesada nenhuma.

– Cala a boca, moleque insolente! Não vê que a sua avó tá falando coisa séria com o moço aqui? Vai lá pra dentro, vai, garoto.

– Tá bom, vó. – Glanderson é um bom garoto, põe o rabo entre as pernas, escapa da minúscula área e desaparece atrás das peças penduradas no varal.

– Já te falei pra não me chamar de vó na frente de estranhos!

Ventania retoma o papo:

– Mas dona Conceição, como eu ia dizendo...

– Quem tava dizendo aqui era eu, seu...

– Ventania, Paulo Ventania.

– Eu já ouvi o seu nome, não precisa repetir que eu não sou surda. O negócio é esse, eu não gosto nem um pouco de ver essa criança solta por aí com um sujeito que não é nada da família. Essa cidade anda muito perigosa, ele não tem malícia, pode ser desencaminhado de uma hora pra outra.

O dublê de empresário e treinador arma a defesa de sua honra.

– Olha, dona Conceição, se a senhora está preocupada de eu envolver o Glanderson com negócio de tóchico, de tráfico, pode ficar descansada, eu

não tenho nada a ver com essa gente. Meu negócio é outro, dona. Eu estive observando ele lá no campinho e fiquei encantado. Esse garoto é um talento que eu quero revelar pro mundo. Um dia a senhora ainda vai me agradecer muito. O Glanderson é um grande sujeito, eu tenho certeza de que vai ser rico e famoso. É claro que isso não acontece da noite pro dia, leva tempo, afinal, é uma pedra bruta que precisa ser lapidada.

A empolgação de Ventania não chegou a comover a velha. Ela via com desconfiança o interesse daquele homem no seu menino. E se ele achava que melhorava as coisas quando falava em futuro próspero, estava enganado. Ela não via como isso poderia acontecer por meios lícitos ou moralmente aceitáveis.

– O senhor não vai me dobrar com essa sua lábia não, moço. Eu sou uma mulher humilde, mas sou muito vivida. E já vi muito garoto ficar bem de vida depois que passou a andar com homem mais velho. Agora, na minha família nunca teve disso e enquanto eu for viva eu não vou permitir que os meus se sustentem com pouca vergonha, o senhor está me entendendo? O Glanderson é um bom garoto, gosta de jogar a bolinha dele com os amigos e não fica nem bem para um homem da sua idade ficar de olho comprido pra cima daquela molecada. Acho bom o senhor se afastar dali ou vou acabar dando parte na polícia.

– Peraí, dona Conceição, a senhora não está entendendo, eu estou falando em coisa séria, meu compromisso é pra valer..

– Coisa séria? Compromisso pra valer? O que é que o senhor tá querendo dizer com isso? O meu Glanderson é sujeito homem, tá me ouvindo?

– Acho que não estamos falando a mesma língua. Meu negócio é futebol, fu-te-bol! – Ventania reuniu forças para manter a calma e esclarecer a situação. – Quero treinar esse garoto para ser um jogador profissional e atuar num grande clube, quem sabe até no estrangeiro.

– Então é isso? – A voz de dona Conceição traduziu o alívio. – De uns tempos pra cá, toda vez que eu procuro pelo Glanderson, ele não está lá no campinho, os amigos dele me falam que ele saiu com um desconhecido, ninguém sabe pra onde os dois foram. Ora, isso não é notícia que me deixa sossegada, concorda comigo?

– É verdade, eu concordo. Eu agi mal. Devia ter procurado a senhora, me apresentado, deixado tudo em pratos limpos. Bom, mas agora a gente já se

conhece. Minha idéia então é essa: fazer desse garoto um grande craque. Treinando duro, todo dia, nós vamos construir uma carreira sólida pra ele. Repito que não vai ser fácil, temos muitos quebra-molas pela frente, mas Glanderson tem condições de superar todos eles.

– Glanderson, jogador de futebol... quem podia imaginar uma coisa dessas? Desde que ele sofreu aquele acidente eu nunca mais pensei que ele pudesse fazer qualquer coisa com os pés que não fosse mancar.

– Falando nisso, como foi que ele perdeu os dedos?

– Faz muito tempo, ele era pequeno. Era muito levado, não parava quieto, não ouvia ninguém. – Dona Conceição, mais relaxada, voltou a bater a roupa, enquanto relembrava. – Estavam construindo um puxadinho no terceiro andar de um prédio naquele conjunto do Ipase, ali do lado da igreja. Por mais que a gente pedisse, Glanderson não saía de perto dos pedreiros. Até que um dia ele foi brincar com uma turma embaixo da parede de uma varanda que estava sendo levantada. Um tijolo escapuliu da mão do servente e esmagou os dedos dele. Podia ter sido bem pior, podia ter caído em cima da cabeça desse infeliz... Se bem que do jeito que era cabeça dura, era capaz de não sofrer nada. O pessoal correu com ele para o hospital. Glanderson foi atendido por um estudante de medicina que estava de saliência com uma faxineira e não queria perder muito tempo. Deu perda total e passou a faca no pé do garoto, costurou o talho de qualquer jeito e mandou o menino pra casa. Mais tarde uma cerzideira amiga nossa fez um remendo e tascou esparadrapo em cima. Levou anos pro garoto ter coragem de brincar descalço de novo.

Quando a avó fez uma pausa, Ventania notou que estava acompanhando a história com as mãos cerradas e os dedos dos pés totalmente retraídos dentro do sapato. Dona Conceição voltou a focar sua atenção no tanque. Ventania ficou calado, tentando reconstituir na imaginação a cena do acidente. Sentiu pena de Glanderson, redobrou sua vontade de ajudá-lo a sair do buraco, melhor, de sair com ele daquela miséria. Glanderson percebeu que a conversa morreu e voltou à área de serviço. Ventania instintivamente baixou os olhos buscando o pé direito do rapaz, por um momento teve a impressão de que ainda sangrava, ainda estava sob efeito das últimas palavras da velha, pois a ferida estava cicatrizada havia anos, nada se via da costura dos pontos, era um acabamento liso, o pé acabava ali, abruptamente, um acidente geográfico,

uma escarpa que ia de encontro ao cimento rachado do piso. Glanderson teve vergonha do pé, ficava incomodado toda vez que alguém se fixava na sua falha, o que acontecia com uma certa freqüência. Ventania ficou sem saber se devia sair logo dali com o garoto para treinar ou se corria até a casa da ex, Jurema, para conferir e beijar os pés do seu Reizinho. Na dúvida, cancelou o treinamento e foi para um boteco pensar na vida diante de uma garrafa de cerveja. Era sexta-feira, o garoto estava dispensado de qualquer atividade durante o fim de semana.

—|17:10

REIZINHO CHEGA DA ESCOLA DESANIMADO E SONOLENTO. JUREMA LOGO PENSA: “Só pode ser caô, esse menino deve estar com o boletim na mochila carregado de notas vermelhas.” Ela nada descobre na investigação. O quadro vai piorando, o nariz escorrendo, a tosse seca, a voz mais rouca. Os amigos o chamam na porta, Reizinho avisa que não vai sair para brincar. Então é sério mesmo. Jurema põe a mão na sua testa e confirma: febre alta. O garoto se recusa a jantar e às oito da noite se recolhe. Ela se dá conta de que não tem outra saída: o ensaio da ala dançou. A noite promete, ela conhece bem aquele enredo: seqüência de tosses, espirros, peito chiando, garganta inflamada, nariz entupido, choradeira, sono zero, catarreira, mais tosse, mais choro, menos sono, o remédio faltando, a farmácia não entrega, a gripe não cede, o peito roncando mais que cuíca, o dia começando, a paciência acabando. E o samba atravessa a madrugada.

Sábado, dez e meia da manhã, o clima é de Iraque pós-guerra. Jurema, esgotada, desacordada no sofá da sala, a chaleira para o café está seca, largada no fogão aceso. Reizinho enfim dorme no quarto, os olhos inchados e remelentos, respira pela boca, o ranho escorre do nariz entupido. A porta abre animada, Jurema esquecera de trancá-la. É Ventania. Quer começar o fim de semana com o pé direito, esquecer um pouco Glanderson, seu treinamento, seu pé sem dedos e curtir o filho.

- Tem alguém acordado nessa casa? – ele grita, cheio de disposição. Silêncio. – Alô, alô, tem alguém aí? Jurema! Tô falando com você, mulher!
- ele a cutuca para receber alguma resposta. – Jurema, Ju-re-ma! Acorda,

mulher! Deixa de ser preguiçosa, anda! Atividade. Jurema! Jurema? Tá viva? Jurema!

Ela ouve das profundezas de um sono pesado alguém bem longe chamando seu nome. Alguém insistente, que ela tenta associar a um sonho ou pesadelo. A voz se repete, se torna mais próxima, mais forte, não é sonho, estão gritando no seu ouvido. Ela convence a pálpebra direita a fazer um esforço e levantar. Vê uma cara enorme a um palmo de seu rosto se esgoelando. Leva um grande susto, arregala os olhos e percebe o que se passa.

– Meu Deus! Paulo?

– Tá viva?

– Tá maluco? – instintivamente, abraça uma almofada para se proteger.

– Tô há mais de meia hora gritando no seu ouvido e nada.

– Qualé a tua, homem? Que é que deu em você pra invadir minha casa a essa hora, fazendo um escândalo dos diabos?

– Calma aí, Jurema. Primeiro eu bati na porta – ele mente –, como ninguém respondeu, eu fui entrando pra ver o que estava havendo.

– E quem te deu esse direito, Paulo? – ela passou de assustada a indignada em poucos segundos. – Quantas vezes já te disse pra não entrar na minha casa sem pedir licença? Era assalto? Era incêndio? Então, o combinado continua valendo. Como é que vai entrando pra ver o que está acontecendo? Você não tem nada que ver o que está passando aqui dentro, Paulo. Até porque você pode não gostar de ver. E se tiver alguém aqui comigo, como é que fica?

Ela não precisava ter dado este exemplo. Doeu. E Ventania não estava preparado para um bate-boca, estava desarmado. Para não acusar o golpe, rebateu com ironia:

– Eu acho que você ia se lembrar de, ao menos, trancar a porta...

– Como é que você sabe? Às vezes não dá tempo! – Ventania vai às cordas, nocaute técnico. – E isso é da sua conta? Tu não apita mais nada aqui não, Paulo.

Ele sabe, não precisa ser lembrado. Tem muito bem registrado o dia em que teve de pedir o boné. Lembra também que o boné não serviu, pois o chifre não deixava. Mas por que ficar se torturando agora? Ele não estava ali para sofrer. Só queria pegar o Reizinho e sumir.

- Ô Jurema, eu não tô aqui pra tomar conta da vida de ninguém. Vamos parar com esse papo, a gente vai acabar se desentendendo. Eu só vim aqui pra pegar o Rezinho e pronto. Missão de paz – tenta serenar os ânimos.
- Missão de paz, missão de paz... – Jurema o imita caricaturalmente. – Pra você é tudo muito fácil, Paulo. Passa a semana inteira metido sabe-se lá onde, chega aqui no sábado tranqüilo, de cabeça fresca...
- E qual é o problema chegar de cabeça fresca? Parece até uma ofensa querer brincar com meu filho, levar o moleque pra jogar uma bolinha, soltar uma pipa, enquanto eu tomo umas cervejas com os amigos.
- É, Paulo, você tem razão, não tem nada de mais. O que atrapalha o seu raciocínio, a sua filosofia, é a realidade, o planeta Terra, fora isso tá tudo certo.
- Não tô te entendendo – ele ficou meio perdido com o rumo da conversa.
- Você não tem noção de como foi a noite nessa casa. Rezinho chegou em casa ardendo em febre, vareia a madrugada cuidando dessa criança que não parava de tossir nem na hora de espirrar, gastou um rolo e meio de papel higiênico com a melequeira que produziu, o peito apitando mais do que qualquer guarda de trânsito, um verdadeiro desespero, mas você não tem noção, teu negócio é lazer, é pegar o garoto e levar pra se divertir.
- Minha nega, me desculpe, mas alguém tem que fazer essa parte. Começa que eu acho que essa história tá meio exagerada. Toda vez que eu venho aqui esse menino ou tá doente ou vai ficar. Resfriado não mata ninguém, não.
- Claro que não mata quando tem quem cuide.
- Deixa de drama, Jurema, fala sério! Tu adora tratar do garoto quando ele fica doente. Aliás, trata muito bem, dá carinho, dá chamego, faz papinha, é tanto agrado, tanto afago, tanta peninha, que a criança não quer outra vida. Quando tá saudável, tu deixa ele na frente da tevê e cai no samba. É só ele dar um espirro que você larga tudo pra ficar com ele. Assim, quem é maluco de querer ter saúde?
- Você não tem idéia do absurdo que tá falando – rebateu ela furiosa.
- Você sabe que eu tenho razão, Jurema. Pra você, cuidar de filho é resolver perrengue e curar pereba. Não é por aí, não. Tem que saber curtir, brincar, se divertir. E, modéstia à parte, disso eu entendo.
- Bom, vadiagem é a tua especialidade – estava cada vez mais irritada com a lição.
- Tá vendo como você não dá valor ao lazer? Já confunde com vadiagem,

vagabundagem, o importante na vida é a febre. Eu tô te falando, Jurema, o Reizinho um dia vai dar graças a Deus por ter um pai que sabe se divertir e faz de tudo pra passar isso pra ele. É mais importante que dinheiro, que cultura, só perde pra caráter e vergonha na cara.

– Quanta besteira, minha nossa! Ainda bem que meu filho está dormindo e não está ouvindo isso... Se você fosse mais presente na vida dele, estava pensando diferente.

– Mais presente? Que diferença faria se eu estivesse aqui essa madrugada, por exemplo? Ia fazer o quê, ligar pra farmácia?

– Quer saber como tu pode ajudar, Paulo Ventania? Bota dinheiro na casa, paga a pensão que no resto eu me viro.

– Era aí que tu queria chegar, né? Pra que dar tanta volta? Se o problema era esse, falasse logo de uma vez.

– Já falei.

– E eu já escutei. E vou pagar. Semana que vem, sem falta. Agora, deixa eu ir pra não atrapalhar a convalescência do menino. – Ventania sai batendo a porta.

– Volta aqui, Paulo! Paulo, vem falar com seu filho! Paulo!

—|18:25

EX-MULHER É FODA! FODA, FODA! QUE É QUE ESSA JUREMA TEM NA CABEÇA? É SEMPRE a mesma ladainha – pensão, ajuda de custo, dinheiro pra dar uma força. E vive insinuando que eu sou um vagabundo, não quero nada com trabalho. Porra, eu tô correndo atrás! Pensa que é moleza? Tá ruim pra todo mundo. Como é que eu fui meter um filho numa mulher daquela, rapá? Maior roubada da minha vida! Que o Reizinho não me ouça, mas não é por ele, o menino não tem culpa, mas enrolou todo o meu meio de campo. Se não fosse o guri, eu tava numa boa, quer dizer, não chega a ser uma boa depender da minha mãe, mas a aposentadoria da coroa dava pra bancar nós dois. Se bem que esse governo miserável paga uma merreca pros velhinhos, coitados, me dá uma pena danada cada vez que eu faço um ganho na carteira dela. É uma merda, a pessoa rala a vida inteira pra no fim não poder sequer dar uma mesada decente prum filho que tá no sufoco. Onde já se viu uma coisa dessas,

só no Brasil mesmo! Mas não tem nada, não, deixa estar. Eu vou sair dessa, pode anotar aí, Ventania. Pode registrar e cobrar. Eu vou virar esse jogo antes da prorrogação.

Esse garoto, o Glanderson, tem pinta de craque. O pessoal não bota fé porque não tem visão, ele ainda tá muito cru, mas quando estiver no ponto, vai chover proposta de tudo quanto é clube, daqui e da gringolândia. Aí, nequinho vai ter que calar a boca e baixar a cabeça pro papai aqui. Vou botar um ponto final nesse nhenhênhem de pensão, vou pagar com juros e correção cada moeda que roubei da mamãe, vou saldar minhas dívidas na praça, me mudar pra Barra da Tijuca e comer uma cachorra diferente por refeição. O projeto é esse, só preciso de tempo. O negócio é que o Glanderson não tem mais 13 anos, aliás, eu preciso falar com um despachante para arrumar uma certidão de nascimento fria que vai aumentar o prazo de validade desse cara, não posso me esquecer disso. Minha sorte é aquele pé direito fodido, não tem olho grande em cima da minha mercadoria, nem o exército vai querer fugar. Assim eu ganho tempo pra trabalhar a carreira dele. Com tanta coisa importante pra resolver, e aquela mulher me azucrinando com pensão. Puta que o pariu, a Jurema não tem a menor noção da vida!

—| 20:19

QUANDO ESTÁ DE CABEÇA QUENTE, VENTANIA CONHECE APENAS TRÊS LUGARES ONDE consegue relaxar de verdade. E os três têm algo em comum: começam todos pela letra “b” – boteco, boceta e barbearia. Ainda não era meio-dia, portanto, muito cedo para abrir os trabalhos num boteco; também não tinha em vista nenhuma mulher que se daria o trabalho de abrir as pernas para recebê-lo; restou-lhe o último “b”, onde sempre encontraria o barbeiro Aníbal e a clientela habitual para jogar conversa fora. Gente que não se incomoda de aturar seus desabafos, de ouvir as mesmas histórias duzentas vezes e ainda fingir que acredita. Ali se sentia em casa, com a vantagem de não ter de fazer nenhum favor para sua mãe.

Desta vez não chegou a esquentar o banco das visitas. A barbearia era também sua caixa de mensagens, alguém que quisesse se comunicar com ele, sabia que ali era o lugar. Ia começar a folhear uma revista *Playboy* de 97, que

conhecia de cor, quando vieram avisar que seu Uranos estava procurando por ele. Trata-se do mais próspero empresário do bairro, proprietário da Viação Abílio Domicio Uranos, maliciosamente abreviada pela concorrência por VIADU. Seu Uranos não percebeu que estava dando brecha para a piadinha ao registrar o nome da companhia. E guardava na memória uma irritante manchete estampada num jornal popular por conta de uma greve do setor: GREVE DE ÔNIBUS PARALISA VIADO. Ele tinha certeza de que o erro de revisão fora proposital, chegou a pensar em enviar uma carta ao jornal exigindo retratação, mas preferiu deixar o assunto morrer para ver se o povo esquecia. Ninguém esqueceu e ele nunca mais atendeu a nenhum repórter.

Ventania subiu a pé a avenida Meriti até a garagem da companhia, sempre movimentada aos sábados, pois boa parte da frota não circula e os empregados se dedicam à limpeza e manutenção dos veículos. É o dia que seu Uranos verifica a contabilidade, fechando o balanço da semana. Ventania trabalhara para ele quando garoto, foi cobrador quando a empresa ainda era pequena e os assaltos a ônibus não era moda. Por muito tempo conservou a unha do dedo mindinho comprida, uma espécie de senha que indicava que ele era do ramo, e tinha sempre numa sacola sua camisa cáqui, o uniforme dos motoristas e cobradores da época, para viajar de graça. Atualmente não lança mão do expediente, mas conserva alguns amigos na firma que lhe garantem o privilégio. Subiu a escada ao lado da oficina, alcançou o escritório, não havia ninguém na recepção e a porta da sala principal estava aberta, dava para sentir que o ar-condicionado estava ligado. E que seu Uranos não estava muito satisfeito.

– Isso é balanço que se apresente, Valdemar! Como é que pode dar negativo? Essa semana não teve greve, não teve assalto, não teve queima de viatura.

– Eu não sei, seu Uranos, só registrei o movimento, que foi pequeno e descontei a fêria da tropa, pode ver o senhor mesmo.

– Essa cambada está querendo me passar pra trás, Valdemar. Só vejo passar ônibus meu lotado, na hora do balanço é essa mixaria!

– Tem muita cortesia, seu Uranos, é idoso, é estudante, sobra pouco passageiro pagante.

– Deixa de conversa, Valdemar. Espalha um aviso geral: se a situação continuar como está, vai rodar todo mundo, cobrador, fiscal, até motorista. Estão me achando com cara de bobo? Pois vão ver o que é bom pra tosse!

- Dá licença! – interrompe Ventania. Ao vê-lo entrar o semblante de seu Uranos relaxa. Ele despacha o contador, que escapa cabisbaixo com o livro-caixa sob o braço.
- Paulinho, meu filho, há quanto tempo! – seu Uranos sempre teve simpatia por ele. – Será possível que eu tenho que mandar te caçar pra você dar as caras por aqui?
- Eu tenho andado meio ocupado, seu Uranos.
- Ocupado, ocupado... ouvi dizer que você agora vive por aí acompanhando pelada de vagabundo.
- Não é bem isso. Eu tô de olho nessa garotada pra ver se descubro algum talento.
- Não é negócio de boiologem, é? Essa história de marmanjo de olho em garoto dá cadeia até na América.
- Que isso, seu Uranos, tá me estranhando? É coisa séria, só futebol.
- Tô brincando com você, Paulinho. Você é um cara de confiança e foi por isso que te chamei.
- Tô à sua disposição, chefia. O que é que manda?
- É a respeito dessa garotada que você conhece.
- Por que, algum problema? – Ventania ficou visivelmente nervoso. – Olha, seu Uranos, eu não quero botar a mão no fogo por ninguém, mas se sumiu alguma coisa na garagem, com certeza não foi o Glanderson, não sei se no meio deles tem algum que...
- Não é nada disso, Paulinho – seu Uranos o tranqüilizou. – O caso é bem outro. Sábado que vem é aniversário do meu enteado e eu quero fazer uma festa diferente para ele. Você sabe que eu casei de novo há pouco tempo e com mulher nova a gente tem que caprichar. Pois bem, o Gabriel vai fazer 13 anos e não vai muito com a minha cara. Minha idéia é virar esse jogo sábado. Quero organizar um futebol para o menino. Mas, sabe como é, filho único, muito apegado à mãe, com poucos amigos no condomínio onde a gente mora, lá na Barra. Então, eu tô alugando um campinho de futebol soçaite, grama sintética, tudo nos trinquês, só falta uma molecada para completar a brincadeira.
- O senhor tá querendo que eu arranje uns meninos para jogar com o seu filho.
- Filho, não! Enteado, que eu não ia botar no mundo um garoto tão mimado.
- Certo, enteado.

- Isso. Eu preciso de um time completo pra ser o adversário, mais um menino pra pegar no gol do Gabriel e seus amiguinhos.
- Então são seis na linha, mais os dois goleiros, oito moleques.
- Refrigerante, salgadinho e doce liberados, transporte por minha conta. E ainda tem um bicho por fora. Dez reais pra cada um.
- Dez na mão de cada garoto e... – Ventania coçou a mão.
- Cinco na mão, cinco em vale-transporte. O seu a gente acerta depois.
- Fechado.
- A garotada vai adorar. Vão fazer um passeio maravilhoso, comer do bom e do melhor e ainda vão entrar em campo para o primeiro compromisso profissional da carreira deles. Tem coisa melhor?
- Se tem, não ofereceram pra eles.
- Sábado, às 13 horas, todo mundo aqui. O Tião vai pilotar um carro desses que não estiver rodando.
- Puxa, seu Uranos, valeu mesmo! Sábado, à uma da tarde meu pessoal vai estar todo aqui. – Ventania deu meia-volta para sair, eufórico, mas freou na porta. – Só mais uma coisinha, seu Uranos. O senhor se incomoda se eu levar o meu Reizinho? É que eu ando meio em falta com ele, queria fazer uma mediazinha, é possível?
- Claro, rapaz! Leva o herdeiro. Mas esse não ganha bicho, combinado?
- Com certeza, até porque ele só tem sete aninhos, só vai pra boca-livre mesmo.
- Até lá! – antes que Ventania chegasse na escada, seu Uranos já mudou de assunto esbravejando. – Como é que é, Valdemar, e essas contas, já acertou? Anda logo com isso, seu molóide!

- Como é que é, seu Ventania? Eu e meus amigos vamos ganhar pra jogar uma pelada contra uns pregos da zona sul?
- É por aí, só que Barra não é zona sul, é zona oeste.
- Fala sério, seu Ventania, zona oeste é Santa Cruz e Campo Grande. Se tem praia com surfista e carro importado no trânsito, pra mim é zona sul.
- Tá, tá certo. Pode chamar mais sete e marcar às 15 pra uma de sábado na porta da garagem. Quem se atrasar tá fora e eu completo o time com quem achar pela rua.

- A gente vai de Viadu? – Glanderson perguntou em tom de gozação.
- Rapaz, cuidado com a boca, é o homem que tá pagando, se ele ouve isso, te pendura pelo saco no espelho retrovisor.
- Tá bom, desculpa. Eu vou falar com a rapaziada.

Não foi difícil para Glanderson arregimentar voluntários para a tarefa. Aliás, mais complicado foi limar os intrusos. Todo mundo que orbita pelo campinho se sentiu no direito de se autoconvocar. Alguns ameaçaram cobri-lo de porrada caso não entrassem na lista. Outro chegou a oferecer a própria irmã em sacrifício por uma vaga no expresso da alegria, ele ficou tentado, mas não acreditou que a garota estivesse interessada em participar da negociação como moeda de troca. Para driblar os excedentes, Glanderson teve de ser artilheiro. Combinou um falso encontro no mesmo dia, na mesma hora, só que no campinho. Mas distribuiu a senha correta para os felizardos.

Depois de tanto recomendar pontualidade, no sábado foi Ventania quem se atrasou. Gastara seu tempo tentando em vão a liberação de Reizinho pelo departamento médico. Afinal, não tinha nem uma semana que o menino estava totalmente curado e como venta muito na Barra, ele podia ter uma recaída. Além disso, o tempo podia fechar e toda a chuva cairia sobre quem? Jurema fechou questão, insistir não adiantava. Por falar em adiantar, teria algum pra adiantar pra ela? Ventania desconversou e rapou fora.

Estavam todos lá na hora marcada. Chaveirinho, Cabeção, Orelha, Sapo, Piolho, Miruba e Zulu, além do próprio Glanderson. Antes que o motorista Tião abrisse o portão para a saída do ônibus, Ventania encostou o grupo na parede e fez uma preleção.

- Rapaziada, o negócio é o seguinte: vocês vão entrar num ambiente fino, onde só tem gente da alta, portanto, atenção com o comportamento. Cumprimentem quem encontrar pela frente, nada de avançar nas bandejas como se estivessem esfomeados...
- Mas a gente tá esfomeado, seu Ventania – interrompeu Miruba.
- Disfarça, porra! Engole saliva, não vai em todas, aceita três, quatro vezes, depois recusa uma. Depois do futebol, chuveiro, não vão ficar circulando na festa espalhando aquele bodum de crioulada suada, pelo amor de Deus!

– E palavrão, pode? – Glanderson levantou a dúvida.

O chefe da delegação coçou a cabeça.

– Dentro de campo pode. Mas só o que já foi ouvido. Vamos respeitar os limites dos donos da casa. Mais alguma dúvida? – Silêncio. – Então todo mundo pro ônibus.

A correria, a gritaria, a alegria davam a impressão de que o coletivo estava lotado. Desceram a avenida Meriti, pegaram a estrada Vicente de Carvalho na direção de Vaz Lobo até alcançar a avenida Automóvel Clube. Passaram pelo campinho a caminho da Linha Amarela. O grupo dos rejeitados logo reconheceu o veículo da Viadu.

– Olha lá os caras! Ei, não vão parar não? Filhas-da-puta, sacanas, babacas, vamo enchê vocês de porrada, cambada de veadinhos!

Cabeção pôs o cabeção pra fora da janela e zoou:

– Se fuderam, manés! Rá rá rá! – desviou rápido da pedra que veio com endereço e cep, mas a área a ser protegida era grande demais, acabou pegando de raspão, arranhando um pouco, sem graves conseqüências, a gozação compensou a ferida.

A maior parte da viagem transcorreu conforme o esperado, na maior zona. Todo carro ultrapassado era conduzido por um corno, um veado ou uma piranha. Se alguém tentasse cochilar recebia uma saraivada de tapas, cotoveladas e petelecos na orelha. Ventania deixou correr solto, só mandava manear ao ver uma viatura policial, ou quando via que a brincadeira poderia resultar num desfalque na equipe. Zulu e Glanderson viajaram no fundo do ônibus conversando o tempo todo, sem entrar na brincadeira. Nada a ver com futebol, armavam uma estratégia para ver se comiam alguém no baile funk de domingo.

Ao atingirem a avenida das Américas, o alvoroço deu lugar ao estarecimento. A molecada se debruçou silenciosa nas janelas para acompanhar o movimento do trânsito. A profusão de carros importados comprovava que eles haviam atravessado alguma fronteira e estavam em território estrangeiro, mesmo porque não se via uma placa no idioma nacional. Era um “Fitness Center” aqui, um “Bay Side” ali, outro “Downtown” mais adiante. A única palavra em português avistada num raio de 5 quilômetros foi “McDonald’s”.

Uma hora depois estavam chegando ao local da festa, um campo de futebol soçaita à beira do canal do Joá, com uma belíssima vista para a pedra da Gávea, de um lado e, de outro, para o viaduto que liga São Conrado à Barra da Tijuca. Dois *jet skis* evoluíam pelo canal, dando a sensação de terem chegado a um comercial de refrigerante. Os olhos esbugalhados quase saltavam das órbitas, Glanderson boquiaberto sequer percebia a baba que unia seu lábio ao assento do veículo. Ventania gritou e bateu palmas para despertar do transe a tropa que aos poucos foi deixando o ônibus.

O grupo foi recebido na entrada da área social por Abílio Uranos com um copo de uísque na mão.

– Salve, salve, até que enfim! Pensei que vocês tinham se perdido! – saudou ele simpático, com a voz ligeiramente arrastada. – Tudo certo, Paulinho?

– Tudo, seu Uranos. O pessoal tá todo aqui, louco para entrar em campo.

– Deixa de conversa, rapaz, pelo olho comprido daquele ali – apontou para Miruba – vejo que eles estão loucos para provar a picanha que acabou de sair. Garçom, serve esse pessoal que deve estar azul de fome.

Todos deram um passo à frente, Ventania fuzilou a turma com um olhar, sinalizando discretamente com as mãos para pegarem leve. Foi prontamente atendido, mas não deixaram o garçom se afastar dali enquanto o espeto da carne não estivesse limpo. Entre nacos de carne e goles de Coca-Cola, tentavam observar a fauna presente. Eram homens entre seus quarenta e 55 anos, em sua maioria com a barriga contida por uma camisa pólo, um cinto de couro e uma bermuda de tecido preto ou cinza-escuro, nos pés, mocassim e meias. As mulheres, balzaquianas louras e bronzeadas, vestiam jeans rasgados e justos, bata do tipo tomara-que-caia valorizando a peitaria siliconada e equilibravam-se em sapatos de salto fino que teimavam em furar o terreno em volta do campo. Os convidados recém-chegados também eram examinados à distância, como se tivessem vindo de Marte ou Vênus. Na verdade, vieram de mais longe, de uma outra civilização.

Gabriel e seus amiguinhos estavam em campo tentando acertar a bola quando Glanderson saiu com sua galera do vestiário envergando coletes vermelhos. O time de Gabriel vestia colete azul, mas a diferença dos figurinos não estava aí, e sim nos calções, todos rigorosamente iguais, no meião branco puxado até

o Joelho, nas chuteiras que um garoto do subúrbio só vê na tevê, nos pés de seus ídolos. A garotada mostrava disposição, alegria e pouca intimidade com o futebol. Todos, na faixa de 12 a 14 anos, estavam ali para uma brincadeira de aniversário. Eles se espantaram ao ver o pessoal que chegara de ônibus. Logo notaram que a coisa ia ser complicada, a começar pelo tamanho dos visitantes, todos na faixa dos 15, 16 anos. Causou estranheza também o fato de cada um ter um tipo de calção e de apenas alguns estarem calçados com tênis de lona surrados, enquanto outros, Glanderson entre estes, jogariam descalços.

Antes de entrarem no campo, Ventania reuniu o grupo junto ao alambrado para uma rápida preleção.

– Rapaziada, vocês tão vendo que é tudo pirralho sem muita noção de bola, né?

– Vai ser um passeio, seu Ventania, nem esquenta – rebateu animado Miruba.

– Como não esquento, claro que esquento! O caso é o seguinte. É aniversário do Gabriel, filho do seu Uranos que hoje é o patrão de todos nós, estão entendendo? Esse garoto precisa ir dormir feliz e se a gente fizer a nossa parte bonitinho quem sabe não pintam outros convites feito esse?

– Quer dizer que a gente tem que entregar o jogo pra esses mauricinhos? Glanderson não estava curtindo o acordo.

– Exatamente. Isso aqui não vale nada, rapá. Quer dizer, vale o nosso bicho, a boca-livre e a simpatia dos bacanas com a gente. Não adianta dar uma de revoltadinho agora, não. A gente tá aqui como animadores de festa.

– Pô, pensei que tava vindo pra jogar bola, não pra bancar o palhaço – Zulu, injuriado, armou uma beijoleta que podia abrigar dois meninos de rua.

– Que conversa é essa, meu camarada? Todo mundo vai brincar, vai se divertir, pode driblar à vontade, meter nas canetas, dar lençol, pode até fazer gol, desde que menos do que eles – resmungos gerais. – Psssst! Vamos baixando a bola, baixando a bola que vocês não estão em casa, não. E tem mais. Tão vendo aquele lourinho ali? Aquele é o Gabriel. O primeiro que entrar firme no garoto, eu vou lá dentro, arrasto pelo calção e jogo no meio desse canal aí, tão ouvindo? E chega de biquinho! Todo mundo pro campo! Zulu, chega aqui. Tu vai ficar no gol dos caras.

– Eu por que, seu Ventania?

– Primeiro porque tu agarra bem, segundo porque eu tô mandando. Vai

pro lado deles, cumprimenta o pessoal, mostra que é pobre mas é educado e faz o teu papel. Tem uma vantagem: tu vai poder levar o jogo a sério.

Abílio Uranos se incomodou com a demora para o início da pelada.

– Ô Paulinho, chega de tanta instrução e bota logo esses moleques para correr atrás da bola!

– Vamo lá pessoal, não ouviram o patrão?

Os garotos entraram tímidos no gramado sintético, a equipe do Gabriel parou de bater bola. Os pais se aproximaram da cerca para acompanhar a brincadeira. Mesmo na hora do par ou ímpar para definir a saída de bola, os jogadores de ambas equipes esquivaram os olhares de forma a não se cruzarem. As mulheres se esforçaram para conter os risinhos.

– Kátia, onde foi que seu marido conseguiu esses pivetes? – perguntou uma à mãe de Gabriel.

– Nossa, parece rebelião da Febem – comentou outra discretamente.

– Se eu soubesse que seria assim, só teria vindo com bijuteria, amiga... – a perua aproveitou para divulgar a autenticidade de suas jóias.

– Esse pessoal veio para jogar bola mesmo ou para fazer malabarismo com bola de tênis? Eu tô sem moedas na minha bolsa, hein! – num preconceito temperado com ironia.

– Eu acho até bom esse contato pros nossos filhos verem como é a vida lá fora – uma das mães expôs seu ponto de vista mais liberal –, só não quero que machuquem meu Lucas.

As referências ao choque social chegaram a um nível tão baixo que mesmo Kátia, que não costuma se sentir bem quando passa do túnel Rebouças, ficou constrangida. Procurava mudar de assunto, evitava olhar para o campo. Até que, numa distração, acabou notando o pé direito de Glanderson. Ela puxou o marido num canto para desabafar.

– Abílio, eu não tenho nada contra essa gente, mas precisava o aleijado estar descalço? Parece até uma afronta, uma agressão, nossos convidados não merecem uma coisa dessas.

– A garotada tá se divertindo, Kátia, seu filho está se sentindo um craque em pleno Maracanã, olha lá. – Gabriel corria pela ponta pedindo bola. – Toma mais um proseccozinho e não me enche, vai – afastou-se Uranos, sem paciência.

A partida começou morna. Os suburbanos cautelosos, não arriscavam passar do meio-de-campo para não ouvir reprovações. Tocavam bola na intermediária, a turma de Gabriel acompanhava, cercava, mas temia se aproximar e levar um come. Até que uma bola é mal recuada para o goleiro, Lucas se adianta, rouba a pelota, toca para Bruno, que vê Gabriel livre, este toca e o goleiro aceita. Um frango tão delicioso quanto o que acabara de sair da grelha. Um a zero para os maurícios. Festa na torcida, Gabriel comemora, ponto para Uranos.

Minutos depois, outra bobeira da defesa suburbana e Bruno Felipe aumenta. Dois a zero. Os maurícios começam a gostar do jogo, ganham confiança, arriscam uma tabela e chute de longa distância, fraco, sem direção. Empurrados pela torcida e pelo placar, eles passam a marcar mais duro, o juiz faz vista grossa para as entradas faltosas, Chaveirinho se irrita, dribla dois e encobre Zulu que até então não tivera trabalho. O primeiro tempo fecha em dois a um para o time da casa.

Gabriel voltou empolgado para o segundo tempo e não segurou a língua:

– Aí, vamo botar a crioulada pra correr!

– Ééééé!

Glanderson e Cabeção se olharam com raiva. Abrir as pernas, tudo bem, mas humilhação não estavam dispostos a levar para casa. Logo na saída, Glanderson adiantou um pouco a pelota e surpreendeu Zulu com uma bela folha seca, sua marca registrada. Não comemorou o empate.

– Joga bem aquele neguinho, hein! – comentaram no alambrado.

– Quem, o aleijadinho? Foi cagada, pegou de qualquer jeito na deformação, deve estar com o pé doendo.

– É, tu vai ter que ceder uma pedra do seu uísque.

– Nem fudendo a mãe dele. Rá-rá-rá!

Glanderson ouviu a gargalhada e sentiu que era com ele, seu sexto sentido não falhava. Decidiu se vingar em campo. Miruba e Chaveirinho perderam o acanhamento e entortaram os três garotos que faziam a zaga, a bola sobrou para Glanderson na ponta direita que, mesmo sem ângulo, arriscou, encobriu o goleiro e virou o jogo.

– Vamos segurar, vamos segurar! – gritou Ventania preocupado do alambrado.

– Porra, esse pixote aleijão é abusado mesmo! – soltou um cinquentão ca-reca pra todo mundo ouvir.

O comentário acirrou a solidariedade a Glanderson e o time se fez surdo aos apelos de Ventania, que perdeu o controle do elenco. O pessoal resolveu botar para fora o que estava sentindo. Gabriel e seus amigos não jogaram mais. Passaram a pegar na bola apenas quando ela morria no fundo da rede. Os gols foram se sucedendo, a goleada se avolumando. Gabriel, com os olhos avermelhados, procurava apoio na torcida que se indignava com o que estava acontecendo.

– Abílio, faça alguma coisa! Meu filho está sofrendo muito – desesperou-se Kátia.

– Calma, Kátia, isso não vai ficar assim. Paulinho! Paulinho, amansa esses moleques!

– Eu tô ficando rouco de tanto gritar com eles, seu Uranos!

– Olha lá a desgraça! – Uranos refresca a têmpera com seu copo de uís-que ao ver o oitavo gol da molambada. – Chega! Chega! Ô juiz! Acaba com essa merda!

O juiz apita o fim do jogo, Gabriel deixa o campo aos prantos. Orelha e Cabeção se abraçam como quem acabara de ganhar a Copa do Mundo. Miruba se aproxima de Lucas, que vai saindo cabisbaixo:

– Crioulada é o cu da tua mãe, ô filhadaputa!

– Manhê, esse aqui tá te xingando! – se queixa Lucas.

– Assim já é demais! Que absurdo! Lucas, venha cá, vamos embora agora!

O mal-estar se alastrou. Gabriel não se contém e corre para os braços de Kátia.

– A culpa é desse teu marido! Eu sabia! Tá vendo o que ele fez com meu aniversário? É por isso que eu odeio ele!

– Calma, meu filho, é só um joguinho sem importância! Toma uma Coca-Cola!

– Não quero Coca-Cola nenhuma – vareja o copo longe. – Não quero mais nada! Não quero mais festa! Quero ir embora pro meu quarto jogar videogame.

– Gabriel, não faz assim! Vamos cantar o parabéns, então. – Kátia nervosa, tenta amansar o garoto.

– Gabriel – Uranos se aproxima –, Gabriel, calma, meu filho...

– Eu não sou seu filho! Não me chama de seu filho! Olha o que você fez!

Meus amigos tão indo embora só porque você trouxe essa negrada pra minha festa! Não fala nunca mais comigo, entendeu? Nunca mais!

Ventania, atônito, recolhia sua tropa e orientava todos a entrar direto no ônibus como estavam, sem olhar para trás.

– Vocês são foda, mesmo! Tião, pau na máquina, vamos sair fora que isso já tá fedendo.

Kátia, desesperada com o fiasco, exige uma retaliação.

– Como é, Abílio? Vai ficar aí parado? Faça alguma coisa, dê uma lição nesses esmolambados.

Tião liga o motor, engrena a ré, quando vai tirar o pé da embreagem, vê Uranos na sua frente fazendo sinal para ele parar. Tião abre a porta dianteira para o patrão subir.

– Vocês acabaram com a festa do meu enteado! Que vergonha! Que lambança! E agora acham que eu vou dar carona pra esse bando de insolentes. Eu quero todo mundo fora do meu ônibus, agora! Rua!

Os garotos se levantam cabisbaixos, mas Ventania sai em defesa do seu pessoal.

– Seu Uranos, o senhor tá nervoso, eu entendo, mas tem que ver que o pessoal foi muito humilhado...

– Humilhado estou eu na frente dos meus amigos, da minha família, da minha mulher! Eu não quero saber de vocês no meu carro. Fora!

– Mas seu Uranos, a gente nem trouxe o dinheiro da passagem...

– Voltem a pé! A pé! Que se danem vocês todos! E você também, Paulo Ventania, você me decepcionou profundamente! Ponha-se daqui pra fora com esses seus, seus... esses seus!

O grupo saiu calado, em fila indiana. Alguns carros também deixavam o local da festa, em meio a comentários revoltados, xingamentos e choradeira das crianças derrotadas.

Ao chegar na auto-estrada Lagoa-Barra, Ventania parou o grupo e olhou para os dois lados, sem saber por onde começar a caminhada rumo ao distante subúrbio. Não sabia se seria melhor encarar a Linha Amarela ou se deveria tomar a direção do túnel Rebouças.

GLANDERSON CHEGOU ESTROPIADO EM CASA, DEPOIS DE ANDAR A NOITE INTEIRA, DA Barra da Tijuca até Vicente de Carvalho. Antes de cair de sono, teve que ouvir da avó que não devia ficar fazendo uma coisa dessas, como se alguém escolhesse entre andar ou não mais de 30 quilômetros, sem nenhum prêmio em jogo. Pior foi o dia seguinte. Glanderson estava fisicamente muito mal preparado e era dúvida para o baile daquele domingo. Acordou depois das duas da tarde, à custa de muitos solavancos de dona Conceição, recusou-se a almoçar, preferiu respeitar o próprio fuso horário e tomar uma xícara de café com leite acompanhada de pão com margarina. Arrastou-se até o campinho, onde alguns amigos soltavam pipa. Era tudo que os companheiros de peregrinação podiam fazer, além de serem sacaneados pelo povo preterido na empreitada do dia anterior.

– Aí, chegou mais um que se fudeu! – gritou um moleque ao avistar Glanderson, enquanto passava cerol numa linha esticada de uma trave a outra do campo.

– Tá cansadinha, tá? – um outro complementou a gozação. – Pelo menos, faturou uma baba pelo jogão, né? O quê? Não pagaram nada? Não acredito! Pô, tô morrendo de peninha de vocês...

– Por que você não vai tomar no cu? – Glanderson quebrou o gelo.

– Ah, quero não, é muito longe, tem que andar pra cacete. Não foi isso que vocês foram fazer lá na Barra? – o pessoal caiu na gargalhada. Estavam todos vingados.

– Não entra nessa não, Glanderson – ele reconheceu a voz. Era Chaveirinho dibicando uma pipa para tentar aparar outra que passava voada. – Esses caras tão de zoação desde cedo, vai ser ruim deles pararem.

– Ah, não vamos parar mesmo – confirmou um dos excluídos. – Vocês ontem também não pararam, né? Passaram batidos por aqui, não tiveram a menor consideração pela rapaziada do conceito que ficou comendo poeira quando o ônibus passou. Mas foi melhor assim. Vocês estavam mais bem preparados pra rodar a cidade a pé...

Glanderson preferiu ignorar o chororô e perguntou a Chaveirinho se o Zulu esteve por ali.

– Passou mais cedo, ficou pouco tempo e disse que ia pra casa tirar um ronco pra estar inteiro na hora do baile. Aliás, ele andou procurando por você – respondeu dando linha para alcançar a rabiola de uma pipa que perdia forças e baixava gradativamente.

– É, eu combinei de ir com ele, mas acho que não vai dar. Tô estouradão.

– Que é que há, Glanderson, tu sempre foi estouradão – um magricela aproveitou a deixa para retomar a encarnação. – Todo mundo sabe que tu é calminho pela frente, mas por trás é todo estourado!

Todo mundo riu, menos a vítima.

– Pô, essa é nova, hein? Inventou agora? – ele tentou cortar a onda...

– Não, inventei ontem, quando vocês tavam voltando da Barra. – ... mas não conseguiu.

– Porra, Palito, cala a boca! Deixa eu trocar uma idéia aqui com o Chaveirinho que o assunto é sério! – Glanderson estava saindo do sério.

– Huuummm, como ela tá nervosa! Cansada, estourada e nervosa... – Palito e sua galera não aliviavam.

– Mas tu é um mala mesmo, hein! – Chaveirinho intercedeu.

– Ih, a fêmea agora tomou as dores do macho? – Palito esganiçou a voz para irritar ainda mais a dupla.

– Aí, pra mim, chega! Você venceu, Palito. – Chaveirinho começou a recolher a linha, enrolando-a numa lata de óleo até sua pipa baixar no terreno. Pegou seu brinquedo pelo cabresto e convidou Glanderson a se retirar. – Vamo nessa, Glanderson.

Eles saíram metralhados por tiradas da rapaziada. Se cada frase fosse um tiro, suas costas estariam transformadas em peneiras.

Foram até a casa do Zulu, que apareceu na porta com a cara mais amarrutada do que jornal de limpar vidraça. Foi tirado do meio da soneca, mas se animou ao ver os amigos. Saíram andando para a esquina, o quartel-general dos aliados.

– E aí, Glanderson, vamo lá no baile? – perguntou Zulu, com a voz meio rouca.

– Pois é, tava falando com o Chaveirinho que não vai dar. Ainda não me recuperei da caminhada e amanhã eu treino cedo com o seu Ventania.

– Ventania... nem me fala nesse cara. Que roubada ele meteu a gente!

– Não foi culpa do cara – Glanderson tentou ser compreensivo.

– Não vem com essa não, meu chapa! – Zulu se irritou. – O cara é teu cupincha, mas fala sério! O que é aquilo? Vocês, mal ou bem, ficaram no mesmo time, mas eu ainda fiquei defendendo o gol daqueles babacas, feito um esparro. Quer dizer, defender não, que eu não ia me ralar todo pra mauricinho. – Os três se calaram. Ninguém queria dar seqüência ao assunto, Zulu se tocou e mudou o rumo da prosa. – Então, quer dizer que tu não vai mesmo?

– Pois é, além disso, eu tô duro, não tenho nem o do ingresso. Aí não vou sair de casa pra ficar no sereno, ouvindo o baticum e vendo as popozudas passarem.

– E quem falou em pagar ingresso? – Chaveirinho aguçou o ouvido. Zulu continuou. – Eu conheço o pessoal que tá alugando o som de hoje. Eles botam a gente lá dentro fácil.

– Sei não, Zulu... – Glanderson não se convencia.

– Aí, se der, eu tô nessa! – Chaveirinho se prontificou para a bocado.

– Minha van já tá lotada, Chaveirinho. – Zulu estava mais preocupado com Glanderson. – Não vai mesmo? Tem certeza? Pô, sabe aquelas minas que eu tava te falando lá no ônibus? Vão estar lá. Tão confirmadíssimas.

– Aí, se der, eu tô nessa! – Chaveirinho se inclui na parada.

– Peraí, Chaveirinho, fica na tua! – Glanderson parece ter despertado. – É sério mesmo? Tu falou com elas? Elas disseram que vão?

– Calma, moleque! – Zulu sentiu que estava dominando a situação. Estava com a bola no meio de campo, pronto para lançar em profundidade para qualquer dos pontas, era só escolher. – Eu falei com a Jô. Ela me disse que vai levar três amigas.

– Ô Zulu, me bota nessa fita, vai, na boa! – Chaveirinho quicava de excitação.

– Sossega aí, cara! – Glanderson esqueceu o cansaço e tentou neutralizar o assédio do bicão. – Não vê que isso é assunto nosso? Você falou de mim?

– Falar de você pra Jô? Tá maluco, cara? Eu tô de olho nessa gata, não quero ninguém urubuzando, não.

– Não, nada a ver! Podia ter falado que vai levar um amigo e coisa e tal...

– Que levar amigo! Que mané levar amigo! Assim eu queimo o teu filme e o meu. Homem não leva amigo, encontra por acaso, aí apresenta. Tem que ser assim, senão é papo de mulezinha...

Glanderson entrou no banho disposto a sair outro, queria ver escorrer pelo ralo não só a sujeira, a poeirada, a lama, o cecê. Queria ver correr na água ensaboada a timidez, o medo, o pânico de chegar junto de uma garota e mandar uma letra. Se não tivesse um bom papo, pelo menos se apresentaria cheiroso, com a pele macia e o cabelo molhado, aquele jeito de quem tomou um banho pensando nela, seja ela quem for, não estava em posição de impor condições. Otimista, caprichou no asseio das partes íntimas, imaginando como seria bom que uma princesa o empurrasse num canto, romanticamente: “E aí, totosão, beleza? Posso pegar no seu pau?”

O capricho na limpeza era tamanho, o manuseio da mangueira íntima era tão intenso que por pouco ele não se sentiu realizado sexualmente ali mesmo, antes de chegar ao baile, melhor, sem sair do chuveiro. Uma dúvida inconfessável lhe passou. Deveria ou não se esmerar na higiene da retaguarda? Não queria se passar por porco, lógico. Mas também não queria deixar a impressão de que se tratava de uma área social do seu corpo, superbem cuidada, urbanizada e, portanto, muito freqüentada, um ponto de encontro para os amigos. Preferia que ficasse claro que ele só usa a bunda para necessidades, que é uma via de mão única, que o trânsito para o interior nunca é desviado por ali. Mas o bom senso acabou falando mais alto e ele lavou com afinco seu fiofô.

Procurou no armário uma roupa que pudesse ficar bem na foto no meio da multidão. Algo que lhe deixasse com um visual bacana, arrumado sem parecer estar pronto para um culto evangélico. Não havia como se demorar na tarefa, as opções eram poucas, três camisas, duas calças jeans, fora as bermudas e as camisetas sem manga, seu traje habitual. Escolheu a calça mais limpa. Lembrou-se de uma camisa com pouco uso, uma da seleção paraguaia que seu tio camelô lhe trouxe de presente quando foi importar mercadorias do país vizinho. Ao sair do quarto, sua avó notou a produção do rapaz.

- Vai aonde tão emperequetado?
- Emperequetado, eu? Que é que há, vó! Tô normal, como sempre, só não tô de bermuda.
- Não é a roupa, meu filho, é o banho. Você não é disso...
- Ah, vó, não enche!
- Olha o respeito, menino! Vou perguntar de novo: vai aonde?
- Sair com uns amigos.

– Amigos, que amigos? Não é com aquele seu amigo mais velho, do futebol, é? – dona Conceição revelou uma ponta da sua preocupação.

– Quem, o Ventania? Nada a ver, vó. Esse cara não é meu amigo, só é o meu técnico e futuro empresário. Tô indo num baile com o pessoal do campinho.

– Ah, bom. Não é porque você é criado pela avó que vai virar boiola, tá me entendendo?

– Pode deixar, vó. Eu não vou entrar nessa mesmo. Nem que a senhora pedisse.

– Agora vê lá se não vai arrumar uma vagabunda por lá, dessas que pegam no pé, embucham logo e depois vão querer morar aqui com a gente.

– Pô, vó, a senhora tá indo longe demais. Imagina, quem é essa otária que vai dar esse golpe tão furado? Ter filho com duro.

– Tá assim de piranha querendo se abrigar nesse teto, pensa que eu não sei? Elas andam aí de calça da moda, mas descem tudo lá da ponta do morro, de olho numa morada com reboco na parede e azulejo no banheiro. Te cuida!

– Tô indo nessa. Não precisa ficar acordada me esperando. Tchau.

– Vou deixar seu copo de leite morno na sua cabeceira. Se chegar tarde, vai beber frio mesmo que eu não vou me levantar pra requeentar não.

– Tá bom, vó. Boa-noite! – Glanderson respondeu e escapou rápido para o corredor, fechando a porta torcendo para que ninguém tenha grampeado a conversa.

Glanderson correu para chegar às 15 para as dez na casa de Zulu, que o recebeu de cuecas.

– Já? – espantou-se Zulu.

– Ué, você não está pronto? O baile está marcado para as dez, assim a gente vai se atrasar.

– Tá indo varrer o salão? Vai flanelar os carros? Pra que tanta pressa, rapá? Entra aí. – Ele abriu a porta e jogou uma latinha de cerveja na direção de Glanderson. – Toma aí essa cervá e me espera que eu tô me arrumando.

Glanderson não via a menor graça em cerveja, uma coisa amarga, geralmente bebida quente, de tanto que enrola para tomar um gole. Além do mais, ele tinha 16 anos, e só aos 18 você é obrigado a gostar de encher a cara. Mas não ia recusar e passar por bundão na frente de Zulu. Conformou-se em

tomar uns goles para mostrar que era macho. Estava concentrado na tarefa de se ver livre do conteúdo da latinha nem que fosse ingerindo. De repente se deu conta de que não estava sozinho na sala.

- Podemos saber aonde vocês vão?
- Hã?
- E a que horas pretendem voltar?
- Não sei, eu...
- Vocês jantaram direito?
- Obrigado, eu já...
- Você tem idade para beber álcool?
- Não, quer dizer, sim, mais ou menos.
- FODA-SE! – Zulu reapareceu na sala botando o pulmão pra trabalhar. Seus pais cortaram imediatamente o interrogatório. – Será possível que é sempre assim quando vem um amigo meu aqui em casa? Vamos nessa, Glanderson.
- Boa-noite – ele murmura antes de sair, tentando ao mesmo tempo ser educado e evaporar o mais rápido dali.

Eles vão fazer hora na esquina. Glanderson estava intrigado com o diálogo de Zulu e seus pais.

- Porra, cara, como é que tu fala assim com seus pais?
- É a única palavra que eles entendem. Já tentei outras, mas não funcionaram. Agora esquece os malas! Diz aí, preparado pra pegar umas cachorrinhas hoje?
- Já é, meu camarada! Tô sequinho pra pegar uma neguinha bem popozuda e cair matando.

Glanderson se esforçava para forjar uma intimidade com tudo aquilo. Mas a verdade é que raramente saía de casa à noite, estava longe de ter o jogo de cintura de Zulu, que é boa-pinta, rato de bailes, trabalhou numa equipe de som, vive passando o rodo nas gostosas e nas barangas da área. Por alguma razão, ele foi com a cara do Glanderson, gostou da sua conversa, do seu jeito diferente e resolveu dar uma força ao parceiro. Percebeu que quando falavam de mulheres, o parceiro ficava excitado e desandava a mentir descabidamente. Estava na cara: esse moleque estava precisando comer alguma coisa do sexo feminino.

– Vem cá, tu tocou umazinha antes de sair pro baile? – Zulu encostou o amigo contra a parede. Este chegou a olhar para trás na esperança de ele estar falando com outra pessoa.

– Eu? O quê?

– Punheta, bronha, porra! Tu tocou uma antes de sair pro baile?

– Claro que não, rapá! Pô, vou gastar munição em dia de batalha? Tá me achando com cara de mané? – Glanderson respondeu na lata, provando sua vivência.

– Tô. Tu é o maior mané! Onde já se viu sair de casa pro baile sem dar aquela aliviada na pressão? Tu vai chegar que nem um garrafão de coca-cola quente, é só tirar a tampinha que derrama tudo.

Glanderson calou-se. Ficou evidente sua falta de contato com a matéria. Notou ali que teria muito a aprender, mas não queria dar bandeira.

– Tu é virgem, Glanderson? – a pergunta pegou na testa, um tirambaço de fora da área. Glanderson sentiu a pancada e quase sai do ar.

– Virgem, eu? – responde nervoso. – Virgem? Que isso, rapá! Olha bem pra minha cara! Vê se eu tenho cara de virgem. Já comi muita mulezinha por aí, rapá. Pensa que é só tu que pega? Elas hoje dão molinho, molinho, é só chegar junto e pá, sacô!

– Glanderson, na boa, tu é virgem.

– Não sou, rapá, juro pela tua mãe mortinha!

– Pela minha não, pela tua!

– É que a minha sumiu, nem sei se ainda tá viva. – Eles mergulham num profundo silêncio. Glanderson está constrangido e tenta mudar de assunto. – Zulu, e aquele papo da punheta, é sério?

– Claro que é sério.

– Então você tocou ainda há pouco?

– Toquei.

– Antes ou depois de pegar aquela cerveja pra mim?

– Antes por quê?

– Eca, que nojo! – esfrega as mãos na calça.

Meia-noite e meia, hora de ir para a batalha. A essa altura a chapa está quente, a mulherada chegando, o salão lotado, a música bombando. Glanderson cansou-se de ouvir de casa a zoeira daquele baile, apesar da relativa dis-

tância de sua cama ao salão da escola de samba Acadêmicos de Vicente de Carvalho. O silêncio da noite associado à potência do equipamento alugado era capaz de acordar qualquer defunto que esteja sendo desovado num raio de 5 quilômetros. Até então, porém, não tivera a iniciativa de trocar o pijama por um tecido maneiro para ir conferir de perto. Timidez, inibição, medo de ser hostilizado por algum sangue ruim. Precisava colar com alguém de responsa, alguém que lhe servisse de passaporte e garantisse uma recepção amistosa. Zulu era o cara. Se ainda por cima conseguisse deixar a condição de cação, o amigo poderia pedir o que quisesse, desde que não incluísse no rol dos desejos nenhuma parte da sua anatomia.

Os dois caminhavam em direção ao baile, quando num ponto escuro da rua foram abordados por um policial.

– Parados aí, vagabundos!

– Que é que há, seu guarda. A gente tá limpeza. – Zulu procura manter a calma para levar a autoridade no bico. Sabe que o pior dos mundos é ter um policial irritado contra você.

– Cala a boca, você aí. Só fala quando eu perguntar. Tão vindo de onde?

– Da minha casa – respondeu Zulu.

– E você aí, ô caladão. Não tem língua não?

– O senhor não pediu pra gente se calar? – reagiu Glanderson, surpreso.

– Olha como fala, moleque! Não seja abusado. Documentos!

Eles apresentam as carteiras de identidade.

– De menor e na malandragem – o policial passou a fazer pressão sobre o elo mais fraco.

– Co-como assim malandragem, seu guarda? Eu não fiz nada. – Glanderson estava mais nervoso a cada segundo.

– Pensa que eu não manjo vocês? Eu conheço vagabundo à distância, só pelo jeito de andar. E você vinha com uma ginga que não me engana. Tu deu a maior bandeira, garoto. Aquilo não é andar de gente honesta, entendeu? – o guardinha aumentava o volume da voz.

– Pô, o problema é o meu jeito de andar? – Glanderson aumentava a tremedeira.

– O problema eu ainda não sei qual é, mas a prova que tu não presta é esse teu andar de malandro mesmo.

– Seu guarda, não é isso, é que eu sempre manco um pouco – quanto mais tentava se explicar, mais o policial pegava no seu pé.

- Claro que tu tem que mancar. Agora vamos ver se a razão dessa capengada é o preto ou o branco que tu comprou ali na boca do Juramento.
- Não é isso, seu guarda, é que...
- Cala essa boca, meliante! – o PM tinha certeza de que a fêria da ronda estava garantida. – Tira esse tênis e me passa o flagrante, anda logo!

Glanderson obedece, tira o par de tênis, primeiro o esquerdo, em seguida o direito. O policial avança sobre os pisantes e começa a sacolejá-los na esperança de cair um paco de maconha ou um sacolé de cocaína. Não encontra nada. Só então ele olha para o pé da sua vítima.

- Que porra é essa, moleque?
- O que é que foi, seu guarda? – Glanderson se espanta, quase se mija de tensão.
- Eu não tenho nada com isso, não, seu guarda. – Zulu se apressa em tirar o corpo fora. – Se tem alguma coisa com ele, é problema dele!
- Que porra é essa no seu pé? Cadê a porra dos dedos? – Apontava para o pé direito do rapaz.
- Eu não tenho. Por isso eu manco um pouco quando tô calçado.
- Então é isso? Tu não é malandro porra nenhuma, é só aleijado! – o tom agora é outro, mais para galhofa.
- Pois é, seu guarda, foi mal – aliviado e sem saber o que dizer, ele se desculpa. – É que dói um pouco, aí...
- Calça logo essa merda de tênis que eu não quero ficar olhando pra esse troço. Assim eu acabo ficando com pena e te dando uma moeda. E eu não tô na rua até essa hora pra fazer caridade.
- A gente tá liberado? – pergunta Zulu.
- Rapa fora, rapa fora!

Os dois se adiantaram imediatamente e, antes que o meganha pudesse mudar de idéia, Glanderson já mancava longe, acompanhando Zulu. Estavam ofegantes com a corrida. Zulu lhe falou do susto que passou quando o policial desconfiou de que havia alguma sujeira escondida no tênis do amigo. Glanderson jurou nunca ter tocado em droga nenhuma, sujeira no seu tênis só quando pisava em cocô de cachorro. Mas não era de hoje que sua passada era confundida com ginga de malandro. Certa vez chegou a se livrar de um assalto quando um bando que operava numa esquina do bairro livrou sua cara por achar que ele era do mesmo sindicato.

Mas não era o momento para este tipo de assunto. O galpão da Acadêmicos de Vicente de Carvalho estava próximo, o fluxo de pessoas aumentava, a zoeira cada vez maior, a excitação de Glanderson também. Zulu, mais à vontade, cumprimentava alguns conhecidos, filmava as gatinhas, gravando no arquivo aquelas que valiam a pena.

– É muita mulé, cara, não dá nem pra saber por onde começar. – Glanderson comentou, enquanto o periscópio de Zulu varria a área.

Lembrou-se do amigo perguntando-lhe se era virgem. Sentiu-se como se Zulu lhe espetasse uma faca no pescoço. De onde tirava a idéia de que não era virgem? Por acaso trazia escrito na testa sua vivência sexual? Que diferença havia entre os dois que o levava a essa conclusão? Não estavam ali, na porta do baile, em atitude de macho, conversando feito machos, de olho no mulherio como qualquer outro? Poderia apontar qualquer um ali e dizer se era ou não virgem?

– Já comeu alguém, Glanderson? – Zulu retomou a pergunta inconveniente.

– Hã? O quê? Falou comigo?

– Tá surdo? – eleva a voz – Tô perguntando se você já...

– Claro! Já.– interrompeu antes que algum ouvido entrasse na linha. Respondeu sem convicção, ele mesmo notou, não conseguiria persuadir ninguém, não resistiria à seqüência deste diálogo, tratou de emendar. – Quer dizer, mais ou menos.

– Mais ou menos?

– É... – Glanderson engasgou. – Quer dizer, comer, comer, ainda não, mas... – O interrogatório o estava deixando sem jeito, acanhado. Tentava ganhar tempo para recorrer à imaginação e sair-se razoavelmente bem, não tinha certeza do êxito em sua operação. – ...mas uma vez uma mina chupou o meu pau. Foi no carnaval. Eu ganhei ela num bloco, a gente se destacou, foi pruma rua deserta. A gente tava no maior clima, um amasso do cacete, aí eu botei pra fora, mas ela deu pra trás...

– Foi na bundinha?

– Não, nada disso. Ela desistiu, falou que tava menstruada.

– Então, mais um motivo. – Zulu estava provocando, vendo Glanderson suar de nervoso.

– Peraí, cara. Deixa eu contar, pô! Fica me atrapalhando, eu acabo me confundindo, já faz um tempão, eu não me lembro dos detalhes direito.

- Não lembra dos detalhes? Nem se o detalhe dela era grande, duro e volumoso?
- Como assim? – ele já estava meio perdido, não captava mais as gozações.
- Tô achando que tu pegou foi um travesti.
- Ah, Zulu, vai se foder!

A conversa consumiu a atenção do garoto, que não se deu conta de como entraram no baile. Para seu alívio, o som era tão alto que não teria como entender o papo. A mudança do panorama também fez morrer o assunto. Zulu avistou um conhecido próximo às *pickups*. Era o DJ Medonho, um antigo parceiro de equipe de som. Eles atravessaram o salão pouco iluminado, ainda assim, era possível distinguir várias bundinhas sacudindo na cadência da melodia, uns grupos evoluíam em coreografias previamente ensaiadas, outros cortavam a multidão formando trenzinhos, garotas provocativas em calças apertadíssimas.

- A parada tá boa hoje, hein?– Zulu cumprimenta seu amigo Medonho.
- É. A mulherada tá toda aí, ó. É cair matando – sugere o comparsa.

Glanderson não acompanha a conversa, não dá pra ouvir, nem este é o seu interesse. Estava focado nos rostos suados, nas blusas coladas, nas calças que começam um palmo abaixo do umbigo, deixando à vista brincos que valorizam belas barriguinhas. Mas o *piercing* não é só para quem está bem na foto. A gorda tenta embelezar seu lamentável barrigão e instala no seu umbigo não um *piercing*, mas um *pancing*. A coroa sem grana para esticar a pele, estica seu tempo de tchutchuca decorando o corpo enrugado com um *pelancing*.

Ele se perde no sacode ritmado da multidão, considerando o shortinho atochado no rego a maior invenção da humanidade, à frente mesmo da roda, já que ele não tem carro. No salão pouco iluminado, aquelas deusas negras, vestindo top preto e um microshortinho branco obrigam seu olhar a se fixar nas bundas que se destacam como uma parte independente do corpo delas. Sua vontade é meter a mão naquelas popozudas sensualmente rebotativas, chegar junto e cair matando. Mas como? Nenhuma delas dava a menor condição, sequer notava sua presença. Era como se fosse invisível. Não conseguia entender a razão para tamanho desprezo. Não era por ser preto, a maioria ali o era. Não era por ser pobre, tirando o camarote dos jogadores, poucos tinham renda. Não era mais feio que muitos dos que estavam se dando bem.

Qual a diferença, então? Glanderson olha de longe o desempenho de seu amigo Zulu, que interrompe a conversa fiada num grupo de garotões e foca numa gata. Seus olhos parecem possuir mira a laser, nunca perdem de vista a presa. No momento certo, se aproxima e fala qualquer coisa no seu ouvido. Ela o olha de cima a baixo, ele não se intimida e dispara mais uma frase rápida, curta, sem perder o sorriso. A menina dá atenção. Zulu segura seu braço, mais um cochicho e eles saem juntos para os fundos da quadra. Glanderson sabe para onde os dois vão, mas não pode segui-los. Estão indo para a área mal iluminada conhecida como Big Brother, um paredão onde ou você fica ou é eliminado. Ali rolam todos os níveis de amassos, do mais inocente beijo de língua às manobras que exigem flexibilidade corporal, lubrificante e camisinha. Claro, a imensa maioria não possui lubrificante, muito menos camisinha. Glanderson sabe de tudo isso de ouvir falar, nunca teve oportunidade de arrastar ninguém até lá. Também não seria conveniente dar uma de Pedro Bial e dar uma espiadinha indiscreta.

Glanderson ficava intrigado com a iniciativa do amigo, a atitude corajosa, desaforada, mesmo. Como ter certeza de que a menina não está acompanhada? De que seu namorado não é um chefão do movimento? De que ela não está circulando sozinha só para atrair um otário que servirá de saco de pancada para o queridinho dela e seus amigos? Morria de medo de ouvir um “tá olhando o quê, mané?”. Por cima de tudo isso, o que dizer no ouvido dela? Que palavras podem tirar uma mulher do estado de total desprezo e indiferença e levá-las a aceitar o convite para um paredão imundo e às escuras? Sem contar com a zoeira do baticum e o blablablá dos MCs que impede qualquer diálogo no meio do baile. Ou seja, é preciso ter na manga frases de efeito fulminante. Frases, não, palavras que funcionem como senha em banco eletrônico. “Você vem sempre aqui?” Nem pensar, é muito batida. “Sabe que você tem olhos lindos?” Nesse breu não dá pra ver mesmo. “Você fica linda nessa miniblusa.” Reparar em roupa é coisa de boiola. “Qual o telefone da cachorrinha?”, “Você é a mãe solteira que meu futuro filho pediu a Deus”, “Quero te comer todinha.”...Definitivamente, Glanderson não sabia a senha, não tinha cartão, muito menos conta em banco. Ficava difícil.

Ele imagina que quando for um jogador famoso, a coisa mudará de figura. Vai poder alugar um camarote daqueles ali de cima e passar o rodo. Não vai ser preciso nenhuma cantada, poderá ir ao baile amordaçado, bastará abrir a

braguilha para a mulherada se assanhar. Vai ter moral, vai ser respeitado, disputado, as mulatas puxando os apliques umas das outras pelo privilégio de estar ao seu lado. Isso sim é vida. Adeus tristeza, adeus indiferença, adeus punheta frustrada de fim de noite. Vida de jogador de futebol, ele ainda vai ter uma. E vai saboreá-la. Depois de uma vitória, escolher o menu na arquibancada e não ter com que se preocupar. Nem se for casado. Esposa de jogador sabe que não pode esquentar com isso. Não pode forçar a barra, dar escândalo, correndo o risco de perder a mordomia. E ainda ouvir: “Ô mulé, fica fria, é meu dever profissional. Faz parte do ofício. Se eu não pegar essas marrias-chuteiras, acabo falado na torcida, viro chacota na concentração, perigo o técnico me barrar.”

Mas Glanderson ainda não chegou lá, falta muita estrada a percorrer. No momento, tem de contar com a cara e a coragem. A coragem não é muita, a cara não é lá essas coisas, mas quem não arrisca não petisca. Ele ajusta sua pontaria para uma gordinha que chegou acompanhada de outras três amigas mais interessantes. Elas têm pinta de que não vão demorar a se arrumar, a gordinha parece que vai sobrar. Elas observam os caras, apontam para um ou outro, cochicham, riem, estão à vontade. A gordinha está mais tensa, menos certa de que vai se dar bem. Ela se destaca e caminha na direção do banheiro feminino. Os machos se amontoam ali para dar o bote. Uma funcionária mal-encarada faz a segurança, impede o avanço dos mais abusados. Glanderson, nervoso, se aproxima da menina. De perto nota que a gordinha não é nenhuma candidata a miss. Mas ele também não é nenhum galã de novela. Vamos adiante:

- Oi – sua voz vacilante, quase inaudível.
- Quê? – espanta-se ela.
- Eu disse oi.
- Só isso?
- Só. Eu queria falar com você.
- Agora não, tô apertada.

Ela se desvencilha e avança para a área controlada pela funcionária mal-encarada. Mais uma que escapa. Glanderson se amontoa com os machos que estão ali tentando a sorte.

Dentro do banheiro, as mulheres retocam a maquiagem, ensaiam um trenzinho e outras coreôs, enquanto algumas trocam impressões de como anda a

pescaria. A gordinha se aproxima das amigas, elas logo querem saber quem é o cara que estava dando em cima dela.

- Conta, Vulviane, conta quem é o gatinho.
- Ih, não tem nada disso não. – Vulviane desconversa. – O cara não sabe nem conversar.
- E qual é o homem que sabe conversar? Fala sério, pra conversar a gente tem amiga. O homem serve pra outras coisas.
- É, por exemplo, pra engravidar a gente, não é mesmo? – ela acaricia a barriga pronunciada da futura mãe adolescente.
- Qualé, Vulviane? – interveio outra colega. – Não é porque a Jéssica vacilou e agora tá prenha que eu vou deixar de pegar os meus gatinhos. E acho melhor você fazer o mesmo. Aí, amiga, vou te falar na sinceridade: tu não tá com essa bola toda pra ficar esnobando homem não.
- Isso aí, melhor engravidar do que morrer virgem – declarou Jéssica.

Vulviane sentiu o golpe. Aproveitou a deixa para entrar num dos reservados. Detestava quando pintava papo de virgindade. Ela tinha vergonha de ser virgem e sabia que era uma das poucas assim naquele baile. Ela estava acima do seu peso, mas não era motivo para se entregar ao primeiro zé mané que aparecesse. Principalmente aquele neguinho magro, sem graça e sem assunto.

Zulu reaparece no salão. Está sozinho. Passa perto de Glanderson, mas não o vê. Este dá-lhe um tapa no traseiro, Zulu vira-se querendo briga, mas reconhece o amigo.

- Faz isso não rapá, acaba levando um troco nas idéias. Em bunda de homem não se põe a mão.
- Que isso, cara, é mordido de cobra? E aí, cadê a Jô?
- Não pintou. Nem ela nem a amiga.
- E aquela gata que tu tava azarando?
- Chutei. O negócio dela era boquete e eu não quero perder meu tempo com bobeira.
- Pode crer. – Ele concorda da boca pra fora. Se tivesse condição de descolar um boquetezinho, seria o sujeito mais feliz do bairro.
- E você?
- Mais ou menos. Mandeí uma letra pra mina, mas não rolou nada.

- Nem um boquete?
- Ainda não. Mas eu pedi pra sair com ela.
- Pediu pra sair? Que mané pedir pra sair! Tem que pedir pra entrar. Aliás, tem que entrar sem pedir. É assim que elas funcionam.
- Pode crer.

Glanderson se calou. Viu que ainda tinha muito a aprender. Zulu foi se encaminhando para a porta de saída.

- Essa parada já deu o que tinha que dar. Vamos sair fora.
- Agora? Peraí, Zulu, eu tô de campana aqui no banheiro feminino, tem uma gata lá dentro que me deu o maior mole.
- A hora é essa, Glanderson. Olha o movimento lá no palco, tão começando a preparar os morteiros. Daqui a pouco vai começar a queima de fogos e eu não tô a fim de virar churrasquinho funk.

Zulu foi andando para fora do salão, Glanderson o acompanhou, sempre voltando-se para olhar para a entrada do banheiro feminino. Mas Vulviane não reapareceu.

—| 30:17

GLANDERSON ACORDOU TARDE NO DIA SEGUINTE. ESTAVA MEIO SURDO, POR CONTA DA zoeira no salão do baile, a cabeça zunia, pois não comera nada desde que saíra à noite. O corpo estava dolorido das horas que ficou de pé, sem que tivesse se recuperado plenamente da caminhada Barra-Vicente de Carvalho. E dolorido também estava seu pau, pelas horas que ficou de pé, em posição de sentido, aguardando ser acionado, o que só ocorreu em casa, segundos antes de cair num sono profundo. Sua avó saiu, deve ter ido entregar umas roupas lavadas e passadas na casa de alguma freguesa. Não queria se dar ao trabalho de preparar um café-da-manhã, tomou um resto do leite frio que sobrou de ontem no copo sobre a mesinha-de-cabeceira. O relógio indicava que o encontro com seu treinador foi pras cucuias.

Mas sabia onde encontrá-lo. Foi direto à barbearia. Ventania estava com a cara enterrada na página de esportes de um jornal popular quando seu Aníbal anunciou sua presença.

- Teu craque acaba de chegar.
- Oi, seu Ventania.
- Bonito, hein! Não tem nem três meses que você treina e já tá pegando vício de veterano! Sai pras noitadas, não tem hora pra chegar, falta ao treino... que é que há, rapaz, vai começar a carreira pela decadência? Se é isso, me avisa logo que eu dou linha na minha pipa!
- Desculpa, seu Ventania, pisei na bola, não tem desculpa.
- Onde é que você quer chegar, garoto? Quantas vezes preciso repetir a mesma ladainha? Não adianta ser um craque indolente, um jogador medíocre e aplicado tem muito mais futuro.
- É, o senhor tem razão...
- Eu sei que tenho razão, não precisa me dizer isso. Bota a mão na consciência e pensa como é que tu vai pra frente desse jeito. Como é que tua avó, que já jogou os dois tempos e está nos descontos, vai parar de lavar pra fora e andar carregada de roupa por aí? Não sei não, Glanderson, desse jeito, não sei não.

O garoto baixou a cabeça e ficou mudo.

- Bom, vamos trocar esse CD. É o seguinte, essa semana eu tinha um programa de condicionamento físico pra você, uma rotina pesada, você tem que estar voando baixo em 15 dias. Já agendei testes em vários clubes e você sabe que a disputa nessas peneiras não é nenhum brinquedo, tá assim de garoto mordendo a bola, louco por um lugar ao sol. Já te falei, a maioria das vagas fica com quem tem conhecimento nas diretorias, só tem espaço pra quem é fora de série. Você tem condição de passar num vestibular desses, mas não vai ser moleza. Agora, nesse estado, com essa olheira, essa cara de fome, não dá pra você trabalhar. Vai pra casa, descansa que amanhã a gente retoma o treinamento.

Glanderson não dava sinal de reação, estava apático, o que preocupava o dublê de *personal trainer* e empresário.

- Que foi? Que desânimo é esse, rapaz? Morreu alguém?
- Não, é que... Eu não sei se vale a pena todo esse esforço.
- Como é que é? – Ventania deu um pulo do banco, um coroa sentado na outra ponta desequilibrou-se e foi ao chão. – Desculpa aí, meu tio. Glanderson, vamos dar uma volta pra conversar melhor.

Estava confuso, perdido, não sabia por que sentiu vontade de desistir de tudo. Eles deixaram a barbearia e foram andando na direção do boteco na esquina. Aquela novidade deixou Ventania atônito, precisava tomar alguma coisa forte e pagar uma coca-cola para adoçar a boca do garoto.

– O que é que tá pegando, moleque?

– Eu não sei se quero ser jogador profissional. É muita ralação, muita responsabilidade, às vezes fico assustado com tudo isso.

– Tudo isso o quê? A gente nem começou a batalha pra valer e você já fala em pendurar a chuteira?

– E se eu estiver só perdendo o meu tempo e o seu? Talvez fosse melhor eu arrumar um emprego sério, fazer um curso técnico, trabalhar com eletrônica. Sempre sonhei em consertar aparelho de som, sabia?

– E tu acha que isso é que é sério? Quantos técnicos de som você vê morando lá na Barra, desfilando de carrão, com a mulherada caindo em cima? Acho que tu tem que consertar é essa cabeça, tem algum circuito bichado aí dentro.

– O senhor falou na Barra... Sabe que desde aquele dia eu venho pensando em desistir. É que eu nunca fui tão humilhado quanto naquele dia. Eu não quero isso pra minha vida, não. Aqui no subúrbio eu me sinto bem, daí que eu fico matutando: se a gente melhora de situação e vai pra um lugar melhor, tem que aturar o pessoal olhando a gente atravessado, além de...

– Teu problema é o racismo?

– Eu não gosto de usar essa palavra, mas é isso, sim. Eu não gosto de ser maltratado, não gosto de ninguém se achando superior só porque é mais clarinho. A pior forma de racismo é esse, por baixo do pano...

– Deixa de bobagem, Glanderson. O pior racismo é o do porrete na cabeça. E esse só acontece com quem além de preto, é duro. Tu é preto e duro, mas não pode deixar de ser preto. Olha os crioulos lá na Europa. As torcidas tão levando banana pra tacar neles, vivem xingando os jogadores de macaco. Agora, vê se algum deles está largando a carreira por causa disso. Tu tem que ter estômago pra enfrentar essa situação. Não pode se deixar derrubar por causa de meia dúzia de mauricinhos. Tem que ter força pra levar banana nas idéias lá na Europa. Porque depois, quando acaba o jogo, a torcida volta de trem pros seus casebres, tu pega o seu carrão, vai pra sua mansão e mete a pica numa lourinha que é irmã do cara que te ofendeu. Assim é o contra-ataque.

– Até parece que é fácil desse jeito. É muita pressão. E quando a gente pega uma lourinha ainda falam que a gente é racista.

– Não entra nessa conversa, rapaz. Mesmo o pessoal de esquerda, que adora se dizer contra o racismo, a favor da miscigenação racial, acaba mettendo o malho quando vê um jogador do Brasil ou da África pegando a prima ou a sobrinha deles. Por que só jogador de futebol que não pode miscigenar? Então, crioulo só pode pegar crioula? Tá brincando! Você não pode esquentar com essa balela de racismo, não, meu filho.

Eles entram no bar. Mal encostam no balcão, o comerciante traz o copo de pinga e vai enchendo de aguardente.

– E o menino, vai de refrigerante? – pergunta simpático.

– Epa! Epa! Quem disse que eu quero tomar cachaça, meu camarada? Que história é essa? Só porque eu sou preto tu já vai me servindo de cana? Me dá uma água mineral, com gás! Que absurdo!

O sujeito, constrangido, recolhe o copo pequeno e serve a água. Ventania toma de um gole, paga e eles saem. Andam até a outra esquina onde Ventania pede uma coca-cola para Glanderson e entorna uma dose de 51.

– Acho melhor você ir pra casa, Glanderson. Toma um banho, descansa a cabeça, vê uns desenhos animados na tevê que isso passa. Amanhã você vai estar pronto pra voltar a treinar. E ó, esquece isso, falou?

– Falou, seu Ventania. O senhor é que manda.

– Mando mesmo. E tu trata de obedecer. Vai com Deus, meu filho.

Glanderson estava mais calmo. A crise havia passado e ele nem chegou a saber o que tanto o incomodava. Talvez tenha sido a noite maldormida, talvez a persistente virgindade que o atormenta e o faz inventar mentiras cada vez menos críveis. Não saía de sua cabeça a mina que lhe deu mole na porta do banheiro no baile, arrepende-se até agora de ter levantado a campana, de não ter ficado para conferir. O fato é que voltou para casa, se acabou na bronha e acordou deprimido, imaginando que essa pode ser sua única vida sexual.

Mas nada disso é problema para Ventania. Seu papel é preparar o garoto para tentar que seja fisgado por algum clube que enxergue seu talento, que acredite que ainda é tempo de investir no seu jogador, ele pode dar retorno a curto ou médio prazo.

O menino, entretanto, precisa adquirir ritmo de jogo, precisa treinar, correr, dar piques. Se morassem na zona sul, levaria Glanderson para correr na areia fofa da praia, mas ali a 30 quilômetros do cheiro de maresia, tinha de ser criativo. E bolou uma fórmula de treinamento que fosse autofinanciável.

– Vamos começar uma nova fase do nosso treinamento. Veste isso aqui. – falou Ventania, entregando-lhe um jaleco amarelo com a inscrição nas costas: Pizzaria Carcamano.

– Que isso? Nosso patrocinador? – o menino espantou-se com o uniforme, nada adequado para a prática de qualquer esporte.

– Mais que isso. É seu novo emprego.

– Como assim? O senhor desistiu de me treinar? Eu não tenho mesmo futuro no futebol?

– Não é nada disso, garoto. Isso faz parte da minha estratégia. Você agora vai ganhar pra treinar. Fiz um acordo com o italiano. Você vai trabalhar enquanto adquire preparo físico. Vai fazer entregas pra ele, vai ser motoboy.

– Não tô entendendo nada, seu Ventania. O senhor fala em treino e me arruma um emprego na pizzaria, diz que eu vou ser motoboy e eu nem tenho moto.

– Aí é que tá, rapaz. Tu vai ser motoboy sem moto. Vai fazer as entregas das pizzas a pé. Quando um freguês fizer o pedido, tu vai correr até a casa dele levando a encomenda, sempre mantendo um ritmo cadenciado, tanto na ida como na volta. A pizzaria é nova no bairro, tem bastante procura. Desse jeito, você vai pegar preparo físico e ainda vai faturar umas gorjetas. Vamos lá, que eu quero te apresentar ao teu patrão.

Glanderson estava surpreso com a solução do dublê de preparador e empresário, mas confiava nele, ainda mais que o treinamento envolvia a perspectiva de um faturamento. De alguma forma, estava deixando de lado o amadorismo, estava se profissionalizando.

A recém-inaugurada pizzaria Carcamano era modesta, um pequeno estabelecimento, com um forno a gás e umas poucas mesinhas de armar dispostas na calçada. A novidade estava agradando aos moradores e conquistando uma clientela cada vez maior. Nos fins de semana as mesas ficavam lotadas, os adultos consumiam pizza calabresa com cerveja, a criançada comia pizza de chocolate regada a refrigerantes genéricos, similares de guaraná ou coca-cola.

Giovanni, o dono, não tinha a intenção de expandir seu negócio com entregas em domicílio, mas acabou aceitando a proposta de Ventania. Quando os dois se aproximaram do balcão, Giovanni levantou as sobrancelhas, desconfiado.

- Olha o nosso motoboy aqui, Giovanni – gritou Ventania.
- E então menino, preparado? Você não vai ter moleza aqui não.
- Deixa comigo, moço. Vou dar conta do recado, com certeza.
- Vê lá, hein. A pizza tem que chegar quentinha na casa do freguês, seja lá onde for. Mas fique tranqüilo, só vou aceitar encomenda daqui do bairro mesmo.
- Pode mandar que eu vou, contanto que não tenha que levar bala de sobremesa.
- E nada de pizza deitada, debaixo do braço como se fosse envelope de repartição, tem que chegar ao cliente como saiu do forno, entendeu?
- Deixa comigo, seu Giovanni, deixa comigo.
- Então, vamos começar agora mesmo. Leva essa de mozzarella, o endereço tá na notinha.
- Boa viagem, moleque – incentivou Ventania. – E não esquece: no ritmo, ida e volta. Vamos engrossar essa panturrilha em 15 dias.

Os primeiros dias de trabalho foram tranqüilos, as entregas eram próximas ao estabelecimento e os fregueses, gentis, pingaram um ou dois reais no bolso de Glanderson. O boca-a-boca foi divulgando o novo serviço e o volume das encomendas foi crescendo, sobretudo em dias de jogo importante na tevê. A preguiça foi sua aliada, as famílias estavam se habituando ao comodismo de encher a pança com pizza quente sem sair de casa, tal qual moradores das zonas nobres da cidade.

Ventania mostrou-se satisfeito com o progresso do condicionamento físico do seu atleta, que estava voando baixo. O garoto dividia seu tempo entre as peladas no campinho e o expediente na pizzeria. A escola já tinha sido chutada pela linha de fundo havia tempo, desde que repetira pela terceira vez a sétima série, ele desistira de correr atrás de um diploma para ganhar a vida. Agora as gorjetas engordavam a renda familiar, bancando um ou outro capricho, como a compra de um CD pirata, um tênis novo ou algumas horas numa *lan house* em Madureira.

As famílias de melhor situação no bairro tomaram conhecimento da novidade. As gratificações cresceram, o volume das vendas aumentou. E num dia

de grande movimento a pizzaria recebeu a primeira reclamação. O motoboy sem moto havia entregado mais de uma dúzia de pedidos num sábado de muito calor. Estava suando em bicas quando foi levar uma pizza, uma garrafa de coca dois litros e quatro latas de cerveja para os proprietários da “Cimento & Cia”, a maior loja de materiais de construção da região. Foi atendido pela dona da casa na melhor cobertura da Vila da Penha, com vista para o conjunto do Ipase.

– Olha a pizza, dona.

– Tem certeza de que não errou meu pedido? – perguntou desconfiada, respirando o mínimo possível para evitar o odor do entregador.

– É esse mesmo, dona, olha aqui: as cervejas, o refrigerante e a pizza portuguesa tamanho Maracanã. – Glanderson entregou a sacola plástica com as bebidas e levantou a tampa de papelão para que ela conferisse. Para seu azar, uma gota de suor respingou sobre uma rodela de ovo cozido.

– Aaaahh! Que nojo! – escandalizou-se com repugnância. – Como você tem coragem de bater na minha porta nesse estado, seu porco?

– Calma lá, dona! O que a senhora queria que eu fizesse, que eu passasse em casa para tomar um banho? A sua pizza ia esfriar.

– Que insolência! Pode voltar com essa pizza!

– Tudo isso por causa de uma rodelinha de ovo? Se o problema é esse... – retirou a rodela temperada pelo suor e comeu. – Pronto. Não tem mais drama – respondeu de boca cheia, um fragmento do ovo escapou e ricocheteou no queixo da reclamante.

– Negro suarento e malcriado! Seu patrão vai ter notícias minhas. Ponha-se daqui pra fora! – Com as bebidas nas mãos, ela empurrou a porta na cara do sem-motoboy.

– Ei, e a cerveja? E o refri? Não vai pagar? Trambiqueira! Picareta! – gritou sem notar a chegada do porteiro.

– Ô neguinho, se manda antes que eu chame a polícia! – impôs o porteiro.

– Volta pro sertão, ô paraíba! – respondeu, já descendo os degraus da escada, sem aguardar o elevador de serviço.

A resposta atrevida de Glanderson não diminuiu a força da ameaça do porteiro. Ele disparou em direção à pizzaria e à sua sumária demissão: Giovanni, o dono, já tinha recebido o telefonema da freguesa.

O BATE-BOCA COMIA SOLTO EM ALTOS DECIBÉIS NA BARBEARIA DO SEU ANÍBAL. O TEMA em debate era os altos salários dos boleiros.

– Não vais me dizer que tu também acreditas que os jogadores embolsam essas fortunas que os jornais divulgam – argumentava o barbeiro. – A imprensa precisa vender, ó pá, eles sabem que nós ficamos embasbacados quando lemos essas cifras na primeira página e acabamos comprando o diário pra conferir se é isso mesmo. Mas não passa de conversa fiada.

– Bom, se é assim, como é que esses caras vivem desfilando de carrão por aí? Onde eles arrumam verba pra mansões e coberturas nos condomínios da Barra? – rebateu o cliente.

– É muito simples: os cartolas são donos de concessionárias, possuem dezenas de imóveis à beira-mar, emprestam os carros, depois contabilizam como se fosse renda dos jogadores, tudo para engrossar os valores que estão a sair nas revistas de fofocas. Até as putas são de seus bordéis de luxo. A mim não enganam! Tenho mais de cinqüenta anos de Brasil, sei muito bem como as coisas funcionam cá – seu Aníbal parecia falar com autoridade.

– Peraí, seu Aníbal, aí o senhor está exagerando.

– Tudo baim. Vamos retire as putas dessa operação.

– Quem falou em tirar as putas, logo agora que eu cheguei? – Ventania abriu a porta de vidro, dando seu pitaco.

– Seu Aníbal não acredita que os jogadores estão nadando no ouro. Pra ele isso é invenção da imprensa – o cliente tentava puxar Ventania para seu time.

– Ó Ventania, apareceste em boa hora. Ontem mesmo estive aqui o Aguiar, aquele olheiro do Vasco que dá expediente naquele centro de recrutamento de garotos ali da avenida Automóvel Clube. Ele ouviu falare que andas às voltas com uma pepita de ouro, quer fazeire um teste com teu garoto.

– Tá falando sério, seu Aníbal?

– Não estou a brincar, rapaz.

– E aí, como eu encontro esse Aguiar?

– Ele anotou o celular na capa dessa *Playboy*.

Ventania voou na pilha de revistas. Era a primeira vez que ele pegava uma *Playboy* sem estar interessado em ver uma xoxota. Tentou anotar o número na mão, como suava muito, não conseguiu. Puxou um pedaço de papel do bloco que seu Aníbal usa para limpar a lâmina da navalha.

– Que beleza, seu Aníbal, que beleza! Olha, se tudo der certo, daqui a pouco eu vou poder tirar a limpo essa história dos salários. – Ventania saiu às pressas do estabelecimento.

Na data e hora combinadas, Ventania estava no campinho de grama sintética sobre o leito da extinta linha auxiliar, próxima à finada estação de trem do Engenho da Rainha. Dali se avista boa parte do morro do Juramento. Andando uns poucos metros à frente, aqueles de visão acurada poderão apreciar lá bem longe a ponta do Pão de Açúcar. Poucos turistas sabem disso. Mas ninguém está ali para admirar o cartão-postal carioca. Ventania trazia Glanderson a tiracolo, o garoto num misto de excitação, apreensão e ansiedade.

Era a primeira vez que ia se pôr à prova. Imaginava que teria a atenção exclusiva do olheiro Aguiar, sofreu um baque ao se deparar com a multidão de meninos entre 12 e 17 anos que se acotovelavam próximo ao alambrado. Alguns acompanhados da mãe, outros do pai ou tio, vários estavam ali por conta própria. Garotos tímidos ou extrovertidos, altos ou baixos, pretos ou mulatos, calouros em testes como Glanderson ou veteranos em peneiras como tantos outros, todos depositando a esperança de uma vida melhor para eles mesmos e toda sua linhagem.

– Seu Ventania, sabe se aí tem um banheiro? Tô apertado.
– Não me diga que tu tá se borrando nas calças!
– Que isso! Só quero tirar uma água do joelho.
– Atravessa a estrada e se alivia atrás daquela birosca. Não deixa ninguém te ver mijando, podem achar que você já amarelou.

Glanderson volta do reservado, a mancha escura e redonda no calção denunciando o que ele foi fazer ali atrás do tapume, melhor, denunciando que não chegara a tempo. Ventania escarrou no chão, irritado.

– Tá nervoso, né? Olha, se não estiver preparado, fala logo pra gente não queimar cartucho à toa.

– Qualé, seu Ventania. Tô em ponto de bala. Vou botar esses pregos todos no bolso.

– Teu bolso tá furado, moleque. Teu preparo físico tá abaixo do ideal. A gente não completou o programa planejado. Precisava destratar aquela madame? Podia ter agüentado o desaforo e ficado mais uma semana treinando na aba do Giovanni da pizzaria.

– O senhor fala assim porque não foi com o senhor que ela falou. Falou não, berrou, me humilhou. Nem posso mais passar naquela rua, tô marcado.

– Marcado tu vai estar quando entrar em campo. – Ventania caiu em si. Não era o momento de estressar o moleque já frágil com as circunstâncias.

– Bom, esquece isso. Não esquenta a cabeça. Respira fundo e relaxa.

Impossível respirar fundo e relaxar, o cheiro do esgoto a céu aberto não permitia, era apenas uma figura de linguagem, embora ninguém ali soubesse o que era uma figura de linguagem. A multidão começou a se inquietar. Os olhares se voltavam para um táxi em que um senhor magro, de ralos cabelos grisalhos pagava a corrida, um cigarro apagado pendendo dos lábios. O táxi disparou. O homem acendeu o cigarro observando a multidão que o fitava, antes de atravessar a estrada com uma corridinha para não ser atropelado pelo Castelo-Acari que vinha em boa velocidade. Não havia dúvida. Era o Aguiar.

Ventania se adiantou para receber a atenção do homem.

– Aguiar? Prazer, Ventania.

Ele fitou-o antes de se dignar a estender a mão. Foi lacônico.

– Me falaram de você. Trouxe o menino?

– Claro! Tá ali na fila.

– Chama ele.

– Glanderson! Glanderson! Chega aqui.

– Cheguei. O que é que manda?

– O Aguiar quer te conhecer.

Aguiar não precisava de intermediários. Foi direto ao assunto. A multidão estava inquieta, mas ele tinha o domínio da situação.

– Shhhh! Silêncio aí, porra! – a turba se acalmou obediente. Ninguém ali queria desagradá-lo. – Então, moleque, quer ser boleiro?

- Quero sim senhor.
- Acha que leva jeito? – perguntou enquanto o observava, como se seus olhos fossem uma daquelas máquinas de revistar bagagem em aeroporto. Glanderson podia jurar que ele seria capaz de descobrir até o estado de seu pulmão. Franzziu discretamente a sobranceira ao olhar seus pés calçando havaianas.
- Mais ou menos – respondeu retraindo instintivamente o pé direito. Tentava esconder a falta de dedos na sola do chinelo. Não conseguiu.
- Se é mais ou menos, tá fora. Tô procurando cracaço.
- Não, quer dizer, eu sou bola, sou bola, pode levar fé – corrigiu o candidato.
- Melhorou. Tem que ter atitude, confiança. Isso aqui é sua primeira final de campeonato, e eu tô aqui pra ver quem chama pra si a resposta, pegou?
- Peguei.
- Espera aí no canto que a sua vez vai chegar.

Aguiar se afastou. Sumiu no modesto vestiário. O tumulto recomeçou. Glanderson tremia.

- Fica frio, garoto – Ventania procurou apoiá-lo.
- Será que ele viu os dedos do meu pé?
- Todos, não. Deve ter visto uns oito, no máximo. – Glanderson olhou para o chão e conferiu: continuava faltando dois. – Não bota minhoca na cabeça agora, não. Teu pé é esse mesmo, é com ele que tu vai fazer o teste. Não é hora pra pessimismo. Se você for bem, já está com o pé no Vasco, com ou sem dedo.

Aguiar reapareceu com uma bola debaixo do braço, um apito pendurado no peito e outro cigarro no canto da boca. Parou no meio-de-campo e observou a fila. Pousou a bola no centro do terreno e chamou dez meninos ao acaso. Perguntou se tinha algum candidato a goleiro. Surgiram uns oito. Escolheu dois e mandou um para cada baliza. Juntou os dez quem-sabe-futuros-jogadores para explicar que teriam dez minutos para mostrar o que sabem, entrada violenta é rua. Separou-os em dois times, desejou boa sorte, sentou-se na beira do gramado, isolado de todos e apitou. Começou a luta por uma vida melhor.

Esse é um dos vestibulares mais disputados do país. Não exige segundo grau completo – aliás, nem primeiro. Não é regulamentado pelo Ministério da Educação, ninguém sabe ao certo quantos são os candidatos, muito menos a quantas vagas estão concorrendo. Mas sabem que quem não correr o campo todo, não fizer bonito com a bola no pé, está fora. O tempo é curto, o jogo é nervoso, todo mundo quer fazer uma firula para chamar a atenção de Aguiar. Ventania dava as últimas instruções a Glanderson antes que ele fosse convocado pelo olheiro.

– Repara só, Glanderson, ninguém passa a bola, todo mundo se afunila no meio-de-campo querendo resolver a parada sozinho. Tu vai entrar e vai fazer diferente. Tem que driblar, claro, mostrar que sabe matar bem uma bola. Mas tem que soltar a bola, fazer lançamentos de longas distâncias e só arriscar um chute de efeito se tiver certeza de que vai acertar o gol. Lembra que essa é sua carta na manga, mas é tudo ou nada, se tu joga essa bola no alto do alambrado, pede pra cagar e sai, que não vai arrumar vaga nem de roupeiro, entendeu?

– Pode deixar, seu Ventania, pode deixar que eu sei o que tenho que fazer – o garoto só tirava os olhos do campo para observar as reações de Aguiar. Cada vez que ele balançava a cabeça, era um concorrente a menos na parada.

Aguiar apita, pára o jogo e tira um infeliz. O garoto sai de campo chorando, o pai pede mais uma chance para o filho, Aguiar está surdo, olha na direção de Glanderson e faz o esperado sinal. Glanderson tira as havaianas, se benze e entra em campo. Ventania prende a respiração. O jogo recomeça. Ninguém toca para ele, apesar de se movimentar bastante, mostrando disposição. Até que uma bola sobra na intermediária. Preparou-se para lançar na ponta. Foi desarmado. Queimou um cartucho. Ventania abaixa a cabeça.

Perder uma bola durante um jogo como aquele é como perder um ônibus na madrugada: nunca se sabe quando pode aparecer outro. E Glanderson não queria ficar a pé. Mais confiante, narra a jogada.

– Ele briga pela posse da bola e recupera. Avança, se livra do primeiro marcador...

Ventania ficou apreensivo, o garoto não podia prender muito a bola, é o caminho certo para tomar uma porrada. Parecendo ter lido o pensamento de

seu instrutor, levantou a cabeça e viu um menino se deslocando em velocidade no ataque.

– Glanderson lança em profundidade...

A esfera de couro parece ter perdido o rumo, o atacante chega a reduzir o pique, dois zagueiros se posicionam para matar a jogada, mas um efeito surpreendente muda a trajetória da bola.

– ...Ela quica limpa na frente do seu companheiro que fica cara a cara com o goleiro, ele domina, aponta, atira... e é gol! Goooool!

A molecada comemora, Ventania valoriza: “Putaque o pariu! Golaço!” É o próprio narrador quem comenta.

– Numa jogada muito bem tramada por Glanderson, a defesa parou, seu companheiro acreditou e não teve trabalho para empurrar a redonda para o fundo da rede.

Mas Aguiar se mantém frio, aponta para o meio-de-campo e manda recommear o jogo, que fica mais disputado, a equipe adversária está nervosa, o goleiro arrasado. Aguiar deixa a pelada rolar por mais cinco minutos e segura a bola. Substitui o goleiro, o menino sai chorando na direção dos espectadores. Um adulto grita em sua defesa.

– Ô Aguiar, dá mais uma chance ao menino, ele não teve culpa, o zagueiro é que tava mal posicionado.

– Mal posicionado o cacete! – responde outra voz. – O pessoal do meio é que não acompanhou a entrada do atacante.

– Não bota a culpa no meio-de-campo não, meu garoto tá levando esse time sozinho nas costas.

Protestos generalizados, cada pai, tio, padrinho defendendo o seu. Ventania assistia a tudo, tranqüilo, de camarote. Até que vê Aguiar chamar para Glanderson e o artilheiro. Ele aponta para a lateral, os dois saem, Ventania se assusta e corre até o olheiro.

– Que foi que houve, Aguiar? Vai tirar os meninos por quê?

– Esses eu já vi, quero observar os outros pra depois botar em campo só os que foram bem nessa primeira partida. Aliás, vai lá dentro e pega uma chuteira emprestada pro seu garoto, tô ficando agoniado de olhar pro pé dele.

Ventania corre até o pequeno armário do vestiário, onde tem uma pilha de chuteiras velhas, algumas bastante enlameadas, outras sem cadarço, a maioria sem seu par por perto. Ele escolhe duas bem surradas, mais ou menos do tamanho do pé de Glanderson.

- Calça isso aí – joga as chuteiras em cima do garoto.
- Ué, cadê a minha havaiana? A gente não vai embora?
- Que embora, mané! Calça isso que daqui a pouco ele vai chamar vocês de novo.

Glanderson e seu companheiro de ataque se animaram com a notícia. Ele desliza seu pé direito para dentro do calçado, sente que está folgado, amarra bem apertado mas continua sobrando espaço na ponta, bem onde deveriam estar os dedos que não tem. Aguiar interrompe o jogo a cada cinco, seis minutos para trocar jogadores, uns ele manda aguardar ao lado de Glanderson, outros são dispensados imediatamente. Os eleitos sorriem, trocam confidências, definem posições, combinam jogadas. Os descartados saem cabisbaixos ou sob protestos, dependendo da reação do responsável. “Por favor, por favor, seu Aguiar! Ele nem tocou na bola, deixa ele mostrar o que sabe...”; “Filha-da-puta, vendido! Isso é jogo de cartas marcadas”; “Posso voltar amanhã, seu Aguiar?”; “Meu moleque não tá aqui pra ser humilhado não! Vambora, filho, tu não vai ficar disputando vaga com essa cambada de cabeça de bagre!”

Encerrada a fase eliminatória. Aguiar reúne os remanescentes, aqueles que quer observar melhor. O grupo no alambrado agora é menor, mais comportado. Todos sabem que a palavra daquele homem pode mudar um destino, pode ser o primeiro passo para definir o futuro de um moleque e de sua família. Basta sua cabeça balançar afirmativamente e o pai daquele garoto pode seguir desempregado, enchendo a caveira e jogando sinuca na birosca, seu filho um dia vai parar seu carrão e arrastá-lo até uma casa digna, onde ele vai poder vomitar num belo banheiro, sem que a esposa o achincalhe, o chame de imprestável. Não será mais um inútil, o sujeito que põe um jogador de futebol no mundo está em dia com suas obrigações, não precisa fazer mais nada, está com seu boi na sombra.

Mas até que isso aconteça, muita água precisa rolar sob a ponte. A começar pelo teste. Aguiar posiciona os candidatos, pede tranqüilidade a eles e que joguem limpo, garante que quem der carrinho por trás, fizer falta feia ou gol

contra pode sair sem se despedir. “Quando eu apontar pro portão pode me xingar à vontade. Aproveita pra soltar os bichos porque a gente nunca mais vai se ver”, avisa o olheiro já escolado com a decepção de quem é cortado.

Aguiar apita o início da pelega decisiva da tarde. Todos estão apreensivos. Ventania presta atenção no andar de Glanderson, ele não se sente confortável com a chuteira. Na primeira bola que recebe se atrapalha. Uma nova tentativa e também não domina. Pouco depois, sua defesa rifa a bola para a frente, ele consegue matar no meio-de-campo, gira e procura quem está no ataque, vê o garoto que fez o gol no outro jogo e tenta o lançamento. A bola sai fraca, torta, não só não alcança seu companheiro como ainda sobra fácil para a defesa armar o contra-ataque. Gol dos caras, culpa de Glanderson. Ele olha para o pé direito que dança dentro da chuteira. Não dá para substituir, nem a chuteira, nem o pé. Aguiar substitui Glanderson. Ele se aproxima de Ventania cabisbaixo. Não vão embora, Ventania quer trocar umas palavras com Aguiar para não fechar as portas a uma nova chance.

Glanderson está arrasado, tira os calçados, fica olhando para seu pé defeituoso.

– Que merda de vida! Precisava ficar sem dois dedos no pé? Podia não ter dois dentes, não ter uma orelha, talvez as duas. Até dedo na mão pode faltar que dá pra chegar a presidente. Mas com esse pé...

– Tranquilidade, Glanderson. Perdemos uma batalha, não a guerra. E não fala mal do teu pé que ele ainda vai dar pé, tu vai ver.

Fim de jogo. Ventania aproveita o momento de dispersão e, com outros descontentes, cerca Aguiar, que não se abala com a pressão. Sua voz é mais forte, chama a atenção do avaliador.

– Que é que houve com o meu garoto, Aguiar? Ele estava indo bem, o problema foi a chuteira.

– Então, isso mesmo. Chuteira não pode ser problema, tem que ser solução. O menino é bom, deu pra ver, mas não tá habituado a jogar calçado, coisa de peladeiro, eu entendo. Tem muito craque nesses campinhos de subúrbio na mesma situação, não posso fazer nada. Já viu alguém jogando descalço no gramado do Maracanã? Se o garoto não sabe jogar equipado, tem que partir pro *beach soccer*. O que não dá é todo mundo de terno e gravata, enquanto teu menino vem de blusa florida. Não dá certo.

Aguiar sai conversando com o garoto atacante, que era realmente bom, meteu dois gols, virou o jogo e garantiu seu lugar entre os eleitos do olheiro. O menino estava radiante.

—| 38:10

GLANDERSON PASSOU DOIS DIAS SEM SAIR DE CASA, REVOLTADO COM SEU PÉ. NÃO SE conformava com o corte por falta de dois dedos. O que fazer, enxertar dois dedos? Como? Com que dinheiro? Perguntas sem resposta. Ele remexeu um baú com fotos e papeladas antigas até encontrar o laudo feito por ortopedista na ocasião do acidente:

“Grave lesão por esmagamento nos quarto e quinto pododáctilos, atingindo as falanges proximal, média e distal.”

Glanderson não entendeu nada, mas chorou. Uma lágrima pingou no papel, enquanto lembrava a fatídica consulta, em que o médico tentava manter o otimismo: “Tenho uma boa notícia pra você, garoto. Você não vai poder servir o exército.” Glanderson estava muito novo para ver vantagem naquilo. Quando perguntou sobre a possibilidade de voltar a jogar futebol, o médico respondeu: “Olha, garoto, o que você acha de brincar de vôlei? Sem esses dedos, você vai ficar mais leve pra saltar...”

- O que é que houve, meu filho? – estranhou a avó ao ver o garoto dentro de casa.
- Nada, vó.
- Já sei: brigou com algum daqueles moleques. É um bando de marginais mesmo, eu já te falei pra se afastar desses maus elementos.
- Não briguei com ninguém, não, vó. Tá tudo bem – ele tenta desconversar.
- Você não me engana, meu filho. Você anda muito borocoxô ultimamente. Aquela cambada de marginais deve ter aprontado alguma pra você.
- Não, vó. Quem aprontou foi ele – apontou na direção do pé.
- Quem? O vizinho de baixo? Esse sujeito não tem moral pra reclamar de nada. Quando chega bêbado e dana de espancar a mulher, ninguém consegue dormir nessa rua.
- Não tô falando do vizinho, vó. Tô falando dele, do meu pé.

- Ah, não – ela perde a paciência. – Vai reclamar do seu pé de novo? Ele não teve culpa se você foi brincar naquela obra quando era pequeno. Você devia agradecer de estar vivo, aquele tijolo podia ter esmagado a sua cabeça.
- Acho que ia ser melhor. Assim eu não ia tá sofrendo agora.
- Por São Judas Tadeu, não me fale uma coisa dessas, menino! – ela se benze e beija a imagem do santo de sua devoção. – Se você morresse, eu ia junto. E quanta roupa não ia ficar suja nesse mundo, né? Tudo isso por causa de dois dedinhos do pé? Pára com isso, garoto! – dona Conceição tenta tirar o neto daquela onda de baixo-astrol. – Guarda essa bagulhada velha e vai pra rua brincar um pouco para esquecer, vai.
- Tô sem vontade, vó. Descobri que não vou poder ser jogador de futebol com esse pé.
- Deixa de bobagem, menino! Profissão é o que não falta nesse mundo. Motoboy, pedreiro, gari... E essa história de jogador de futebol, eu já falei o que eu acho disso. Isso é um tremendo chamariz de sirigaita aproveitadora. Por mim você já tinha desistido dessa idéia.
- Ah, vó! Não enche! – respondeu irritado e bateu a porta do quarto.
- Não faz isso, Glanderson! Abre essa porta! Deixa de ser malcriado, garoto, abre isso, anda!

Inútil insistir. O garoto se fez de surdo e não atendeu aos apelos da velha. A campainha do pequeno apartamento soou. Dona Conceição foi até a porta principal. Era Ventania quem chegava com um embrulho debaixo do braço.

- Como tem passado, dona Conceição?
- Mal, muito mal. Graças a você, que meteu na cabeça desse infeliz que ele podia ser jogador.
- Podia, não. Pode. A senhora ainda vai ver. Cadê ele?
- Tá trancado no quarto, com um mau humor dos diabos.

Ele bate na porta.

- Glanderson! Abre essa porta, sou eu.
- Que é que o senhor quer? Minha carreira acabou – gritou ele lá de dentro.
- Como acabou, se nem começou? Abre isso, vamos conversar de homem pra homem.
- De homem pra aleijado, o senhor quer dizer.
- Deixa de manha, moleque. Abre logo isso.

Passados alguns minutos em silêncio, a porta se abriu. Glanderson tinha os olhos vermelhos e o teto baixo.

– Segura isso, garoto. – Ventania não esperou o garoto sair daquele estado letárgico e jogou o embrulho sobre seu peito.

– Que isso? – espantou-se Glanderson.

– Abre e vê, ué – respondeu tranqüilo.

Ele desfaz o embrulho e encontra um par de chuteiras usadas, porém limpas, engraxadas, como se fossem novas.

– Chuteira? Pra que eu vou querer esse troço?

– Olha direitinho, garoto.

Glanderson não havia prestado atenção. O pé esquerdo era como o de qualquer par de chuteiras, mas o direito era bem esquisito. Era recortado na ponta e recosturado, formando um desenho bizarro. O desenho de um pé sem os dedos mindinho e seu vizinho.

– Essa é tua. Sob medida. Falei com o sapateiro da tua situação. Ele tinha um par de chuteiras largado por lá e aceitou a encomenda. Vê se ficou bom.

Glanderson desliza o pé para dentro da chuteira personalizada, que entra justo, como uma luva. Um sorriso se abre na cara do moleque, que abraça Ventania como se fosse um pai.

—| 39:20

DESDE QUE GANHOU O PAR DE CHUTEIRAS CUSTOMIZADAS GLANDERSON DEIXOU DE andar descalço. Praticamente só tirava as botinas para tomar banho, e preferiu reduzir o número de chuveiradas para evitar se afastar do precioso bem. Chegou até a dormir calçado, acordando furioso quando sua avó tentou sacá-las. Seguiu ao pé da letra o conselho de Ventania de que deveria amaciar as chuteiras, usar o máximo possível para que ela fizesse parte de sua anatomia. Só assim jogaria despreocupado com o que tem nos pés. A rapaziada estranhou o formato esquisito.

– Que porra é essa, Glanderson? – perguntou Chaveirinho, apontando para o seu pé e rindo.

- Aí, mané, uma ratazana tirou um tasco da tua chuteira. Não tem resto de comida na tua casa, não? – gozou Piolho.
- Ih, não fode! Cês tão é com inveja – respondeu ele.
- Inveja do quê, do pé com defeito ou da chuteira aleijada? – gargalhou Zulu.
- Até você, Zulu?
- Leva a mal não, mas tu levantou, eu tive que cortar.
- Não precisa cortar não, Zulu. Olha aí, já cortaram antes de você – tinha gente chorando de tanto rir.
- Quero ver quem vai rir quando eu for contratado. Vai ter neguinho pedindo de joelhos pra dar uma volta no meu carrão. – Glanderson desdenhava a encarnação.

Os amigos reclamavam toda vez que ele aparecia equipado nas peladas, as travas podiam machucar alguém que estivesse descalço, mas ele não estava nem aí para a chiadeira, queria era se acostumar com elas. Só então se sentiria apto a se pôr à prova novamente. E queria começar de onde parou, na peneira do Aguiar. Não se conformava de ter sido dispensado, tinha certeza de sua categoria, de que estava pronto para uma nova etapa da sua trajetória rumo à profissionalização, ao estrelato, ao reconhecimento do seu valor. Sonhava em abrir o jornal *Lance* e ler numa coluna uma comparação do seu estilo com o de Ronaldinho Gaúcho ou o de Robinho.

Uma semana mais tarde ele voltou a procurar Ventania garantindo que estava perfeitamente adaptado ao pisante, ele podia marcar a hora que fosse para enfrentar o Aguiar ou quem quer que fosse. Seu conselheiro-empresário-treinador perguntou-lhe se era isso mesmo, se ele sabia o que estava fazendo, não teria outra chance com o homem. Glanderson estava seguro, firme em seu propósito. Marcaram de voltar ao pequeno centro de treinamento da avenida Automóvel Clube na manhã seguinte.

A multidão que se aglomerava na entrada do campo não chegou a causar estranheza, a primeira vez que estiveram ali também havia muita gente. Entretanto, ao se aproximarem, viram que o tumulto dessa vez era maior, havia um camburão parado e vários policiais na cena. Será que um pai revoltado com a dispensa do filho resolveu quebrar tudo? Será que uma bala perdida do morro do Juramento fez uma vítima? Estavam curiosos, não havia a habitual fila de garotos e seus responsáveis, o portão principal estava protegido

por guardas que impediam o acesso de qualquer um às instalações. Ventania foi apurar os fatos com um policial que fumava afastado da confusão.

- O que houve, seu guarda, algum problema?
- O que é que tu acha, que a gente veio aqui disputar vaga de boleiro? – respondeu o policial com cara de quem não estava disposto a prestar esclarecimento a curiosos.
- Que isso, autoridade, tô perguntando com todo o respeito. Só tô querendo saber se houve algum crime. Foi assalto?
- Não. Boquete.
- Como assim? – Ventania não entendeu.
- Isso mesmo que você ouviu. Recebemos uma denúncia de que esse lugar era um antro de perdição, viemos investigar e pegamos o vagabundo em flagrante delito. O “pederastra” tava com a boca na botija. E o que é pior, a botija era de menor.
- Peraí, seu guarda, então o senhor tá dizendo que... – os dois recém-chegados estavam atônitos com a notícia.
- Tô dizendo que esse tal Aguiar era um proxeneta desavergonhado. Jogava um papo de arrumar vaga de jogador pros meninos, mas a vaga oferecida não era em clube nenhum e sim na própria rabiola.

Ventania não conseguia raciocinar, Glanderson estava assustado com a situação. Eles avançaram no meio da multidão, tentando se aproximar do portão.

- É isso mesmo? O Aguiar, boiola? – o garoto perguntou com os olhos esbugalhados.
- Não é possível, aquele guardinha tá de sacanagem com a gente. Eu não acredito que um homem daquele fosse capaz disso.
- Ih, parece que não é o guardinha que tava de sacanagem, não. Olha ali!

Eles viram sair do vestiário dois policiais e um garoto que tinha uma camiseta cobrindo o rosto para não ser identificado. Estava acompanhado de uma senhora que parecia ser sua mãe, ela chorava. Fotógrafos de jornais populares dispararam suas câmeras, o menino e a senhora foram prontamente instalados no banco do camburão. Em seguida, surgiu Aguiar, evitando os flashes escondendo o rosto com as mãos algemadas. A multidão começou a gritar “veado! veado!”, “lincha, lincha!”. O povo foi contido pelos policiais, que abriram caminho para que Aguiar alcançasse a caçapa da viatura.

Imediatamente ligaram o motor e partiram. Alguns pais revoltados ficaram por ali xingando o outrora incensado olheiro. Não se conformavam em terem sido engabelados pelo picareta.

- Como é que não desconfiei de nada?
- Na verdade eu achei estranho quando vi ele aprovar aquele garotão que jogou de zagueiro, um mulato forte, grosso feito a peste.
- Tamos vendo que ele sempre aprovou um grosso.
- Aprovava de com força. Velho safado!

Glanderson estava em estado de choque. Calado, andava olhando para o chão, carregando na sacola do supermercado Mundial seu par de chuteiras, suas preciosidades. Ventania tentava consolá-lo, dando tapinhas nas costas, dizendo-lhe para não esquentar com isso, era coisa mais comum no futebol, no fundo foi bom ter acontecido logo para que ele abrisse os olhos.

- Se bem que abrir os olhos nessas circunstâncias não é o melhor conselho – disse tentando cortar o clima pesado. Não conseguiu.

O rapaz não sabia o que era pior, não ter uma chance de mostrar seu talento ou ter de aturar as centenas de piadinhas assim que os amigos tomassem conhecimento do ocorrido. O empresário e preparador dispensou seu atleta. Ia procurar outras peneiras para inscrevê-lo. Chamaria quando tivesse uma boa notícia.

—|40:21

SEU URANOS DEIXOU RECADO PARA VENTANIA NA BARBEARIA DO ANÍBAL. PRECISAVA falar com ele com certa urgência. Ventania recebeu a mensagem na manhã de uma quinta-feira e correu até a sede da Viação. Depois do fatídico aniversário do menino mauricinho, não queria deixar outro furo. Seu Uranos não estava, mandaram que voltasse no dia seguinte. Encontrou o ex-patrão amuado em seu escritório.

- Ô seu Uranos, nem sei como ainda tenho coragem de encarar o senhor. A festa do seu garoto foi um horror e a culpa foi toda minha.
- Não esquento não, Ventania. Minha mulher é que criou caso à toa. Aquele garoto é muito mimado. Pra mim tudo aquilo são águas passadas.

- Então o que é que manda, chefia? – abriu um sorriso aliviado, mas não foi correspondido.
- Eu não mando nada, Ventania, só peço, e às vezes peço de joelhos.
- Que é isso, doutor, que letra é essa tão pra baixo? Parece até bolero do Lupicínio.
- É assim que eu tenho me sentido, Ventania.
- Pára com isso, seu Uranos. Estive aqui ontem de manhã, mas o senhor não estava. Enforcando trabalho? A chefia não é disso...
- Que enforcando que nada, rapaz! Seqüestro relâmpago.
- Não brinca! O pessoal não me falou nada.
- Ninguém tava sabendo. Mas também não foi nada demais. Na verdade é um acordo com o pessoal do tráfico.
- Como assim? Que acordo é esse, doutor?
- Cansei de ter meus ônibus assaltados toda vez que o movimento precisa fazer caixa pra comprar arma. Aí eu resolvi fazer um trato. Eles me seqüestram, eu pago e eles me liberam. Depois o seguro cobre o achaque. Tem sido assim toda última quinta-feira do mês. É chato, mas fazer o quê? Falar com a polícia? Acaba saindo mais caro pra mim.
- É, pensando assim, até que faz sentido.
- E eu nem sou maltratado. Os caras me pegam aqui na portaria quando eu tô chegando e ainda me devolvem ali na esquina. Assim não tem tiro-teio, passageiro ferido, notícia na imprensa... Você sabe como esse povo é cagão, basta uma notinha nos jornais e ninguém mais pega coletivo daquela linha.
- O senhor é um homem muito prático.
- Tem que ser, né? Só não consigo negociar com a minha mulher. Aquilo sim é jogo duro.

Ventania sentiu que ele queria mudar o rumo daquela prosa e embarcou.

- Que foi dessa vez? Não me diga que ela tá querendo armar um outro joguinho – referia-se ao famigerado aniversário do enteado.
- Vamos passar uma borracha naquele desastre, companheiro. Tô precisando da sua força para outra situação.
- Se estiver ao meu alcance.
- O caso é o seguinte: o Gabriel, meu enteado, botou na cabeça que quer ser jogador de futebol.

– O Gabriel, jogador? – Ventania espantou-se. – Pensei que o negócio dele fosse surfe.

– Eu também. Mas ultimamente encasquetou com isso. O pior é que eu acho que ele não leva o menor jeito. Mas vai falar isso lá em casa! O negócio é esse. Eu queria que você me indicasse uma escolinha aqui pelo subúrbio. Pode ser em qualquer canto, não tem problema, o motorista leva o garoto.

– O quê? Chegando de motorista numa escolinha a malandragem não vai perdoar, vai direto no tornozelo.

– Quem sabe tomando umas porradas por aí o mauricinho não muda de idéia.

– Bom, se é isso que o senhor quer... – Ventania continuava desconfiado da proposta.

– Pode começar a procurar. Me dê notícias quando achar alguma coisa.

– Deixa comigo, patrão.

Ventania saiu do escritório já pensando em dois ou três lugares que pudesse sugerir.

—| 41:50

VENTANIA TINHA AGORA DOIS PROBLEMAS A RESOLVER. ESQUENTAVA SUA CARECA TENTANDO encontrar um clube onde testar seu pupilo, ao mesmo tempo que buscava uma escolinha para o enteado mauricinho do seu Uranos. A segunda gincana seria mais fácil solucionar. Bastava um clube com fins recreativos para encaixar o Gabriel, que no fundo não tinha grandes aspirações. O padrasto se daria por satisfeito com um ambiente confiável, vestiários e uniformes limpos, se fosse nas imediações de Jacarepaguá, melhor, a gasolina não seria tanta para quem sai da Barra da Tijuca.

Já o caso de Glanderson era mais sério, precisava acreditar numa perspectiva de desdobramento profissional, não apenas uma brincadeira para quem deseja ocupar a tarde. O garoto estava ficando desesperançoso, dentro em breve começaria a procurar emprego para aliviar o reumatismo da avó. Seria o fim de uma carreira que sequer começou. Uma não, duas – a dele também estava em risco. E a última coisa que Ventania queria era uma ocupação estável e sem futuro.

Através da indicação de um amigo, conseguiu descobrir uma associação para os lados de Curicica com vagas abertas para pregos de classe média. Carga horária aceitável – três vezes por semana, com direito a preparação física, coletivos, torneios internos e excursões pelo estado do Rio, com lanche pago por fora do pacote. Ventania passou o contato para seu Uranos, este enviou um funcionário para checar as condições do local, a frequência e a vizinhança. Tudo de acordo, Gabriel começaria na semana seguinte, o que deu a Ventania um belo crédito junto a seu Uranos.

Para Glanderson, Ventania reservou uma peregrinação nos pequenos clubes da capital carioca, a começar por Bonsucesso, Olaria, Campo Grande e Portuguesa. Em todos eles havia olheiros e gaviões à cata de novos valores que pudessem ser exportados para o Oriente Médio, Vietnã, Indonésia, Uzbequistão e outros países de nomes impronunciáveis. As respostas foram desanimadoras. Em alguns deles, o garoto saiu-se bem no teste, mas faltava uma peixada, um contato na diretoria para efetivá-lo. Em outros, foi vetado pelo departamento médico antes mesmo de calçar a exótica chuteira. Culpa do pé aleijão. Pesava também contra o rapaz seus 17 anos. Muitos não estavam dispostos a investir num jogador tão idoso. Preferiam apostar num menino de 13 a 15 anos, no máximo, alguém com chances de ser convocado para uma seleção sub-17, o que valorizaria o passe para uma negociação com um clube do exterior.

Descartados os clubes da cidade, Ventania contraiu uma pequena dívida com amigos, no topo da lista o barbeiro Aníbal, para tentar a sorte do rapaz no interior do estado. Glanderson fez testes, preencheu fichas, conheceu cartolas, assistiu a treinos, ouviu promessas. Nada.

| 42:40

VENTANIA ESTAVA FICANDO CANSADO. CORRER O ESTADO DE CAMPO EM CAMPO, ouvindo negativas diretas ou através de subtextos minava sua paciência. E suas explicações a Glanderson sobre o que ocorria precisavam pegar três ônibus até chegar ao destinatário para evitar que este jogasse a toalha. O problema maior do rapaz eram os amigos. Cada vez que voltava ao campinho tinha de ter na ponta da língua uma desculpa esfarrapada para o insucesso. E nunca

colava: caíam na sua pele, zombavam dele do início ao fim da pelada. Ele se fazia de surdo enquanto as ofensas eram suportáveis. Pior era quando insinuavam semelhança entre Ventania e o pederasta Aguiar. Saiu no tapa com Cabeção quando, ao retornar de Itaperuna de mãos vazias, o gozador lhe perguntou como fora a lua-de-mel. Era sujeito homem, não podia deixar passar esse tipo de insinuação. O próprio Ventania quando soube das gracinhas pensou em aparecer no campinho para dar uns cascudos em Cabeção, do que foi demovido pelo barbeiro Aníbal. Qualquer reação extrema poderia ser interpretada como declaração de culpa no cartório.

Relaxar, esquecer os problemas, era o que Ventania precisava. E sua maneira garantida de esfriar a cabeça era expandindo a pança com alguns litros de chope bem tirado, com dois dedos de colarinho, enquanto se aprecia a cadência de belas bundas durante um ensaio da Acadêmicos de Vicente de Carvalho. A capacidade da natureza de produzir em quantidade aquelas esculturas perfeitas, em tamanho, formato e calibragem ideais intrigava Ventania. Independentemente de condições favoráveis, fossem elas genéticas ou ambientais, nada tinha a ver com renda, nível sociocultural ou mesmo local de armazenagem. Pelo contrário, há quem garanta que as melhores bundas são encontradas em barracos precários, localizados no alto dos morros cariocas, o que as obriga a um exercício diário, o sobe-e-desce das ladeiras íngremes e esburacadas acabam por moldar as formas calipíguas mais saborosas do planeta. Ventania invejava quem tinha o privilégio de dispor de uma companheira com tal atributo, o dia que tivesse uma coisa dessas dentro de casa, jurava que vendia até a televisão. Quem perderia seu tempo com outra programação podendo dar audiência a uma bunda perfeita? Era o que passava pela reluzente careca quando uma voz familiar o despertou do transe.

– Não acredito!

Ele virou-se, encarou o sujeito que mantinha um sorriso congelado no meio de uma barba grisalha o tempo suficiente para que este se desse conta do engano. Não foi o que aconteceu.

– Qualé, bicho, não reconhece mais os amigos, ô Japonês?

Ventania levou um susto. Pouca gente lembraria desse apelido. Ventania ativou seu *hard disc*, procurando identificar o interlocutor pela voz, já que a aparência não lhe era familiar. Ele abriu o arquivo morto para pesquisar,

enquanto um *photoshop* mental remoçava aquele rosto, raspando-lhe a barba, preenchendo-lhe a calva.

– Beringela? – perguntou desconfiado.

– Putzgrila, até que enfim! Pensei que tinha me apagado da memória – os dois se abraçaram. – Mas pra me esquecer tu ia ter que apagar todas aquelas surubas do teu álbum de figurinhas!

– Tu mudou muito, rapaz! Essa barba grisalha, a careca...

– O tempo passou pra você também. Como naquele tempo você já brigava com a balança, eu logo vi que era você – o amigo apontava a pronunciada pança. – E aí, como anda a vida, Japonês?

– Ventania, Paulo Ventania, faz favor – retrucou. – Levei anos pra me livrar desse apelido, Beringela.

– Tá bom. Como é que tu anda, Ventania? Tudo jóia?

– Vamos indo, empurrando com a barriga... – respondeu sem muito ânimo.

– Pelo menos, não é por falta de barriga.

– É, tô naquela base: não dá mais pra beijar e meter ao mesmo tempo.

– É, podes crer, tá barra, bicho.

– Putzgrila, barra, bicho... Beringela, tu tá precisando dar uma renovada no teu vocabulário.

– Vinte anos sem voltar ao Brasil. Minha mãezinha sempre me manda queijo minas e feijão, mas não dá pra velha despachar um malote com gírias novas, manjou?

– Você, pelo visto, está bem na foto, né? Até de dente novo!

– Porcelana francesa, legítima! – bateu com a unha num dos caninos, orgulhoso. – É, não posso reclamar da vida. Tá certo, não sou nenhum marajá, mas continuo me virando direitinho. Pra quem deixou as quatro linhas há tanto tempo...

– O que é que tem feito, amigo?

– Bom, no momento tô de *baby-sitter* de marmanjo. Tá vendo ali? – Beringela apontou para uma mesa em que se destacava um gringo de meia-idade bicando uma caipirinha. – Tu sabe que eu fiquei mesmo pela França, né?

– Pois é, nunca mais tive notícias suas.

– Me acertei por lá. Casei, tô morando numa cidadezinha pequena, fiz muitas amizades. Sempre pinta um trampo ou outro. Não dava pra voltar e viver de favor.

- E aquele lá é o sogrão?
- Nada! É um grande amigo meu. Há muito tempo queria conhecer o Brasil, me ofereci de cicerone, desde que bancasse a minha parte, claro. Tô aproveitando a bocada. Já fomos a Salvador, Natal e Manaus. Aí resolvi apresentar o samba pra ele. Mas não queria levar na Mangueira, no Salgueiro, esses lugares que já andam cheios de turistas, que já cobram caipirinha em dólar.
- Veio no ponto certo.
- Tenho meus informantes...
- Que faz o teu amigo?
- Mexe com negócio de vinho. Sabe como é francês, se não tem restaurante, tá no ramo do vinho. Mas é apaixonado por futebol. Inclusive é conselheiro de um clube pequeno por lá, o Le Mans. Já ouviu falar?
- Le Mans, Le Mans... peraí, 24 horas de Le Mans! Isso é automobilismo, nada a ver com futebol.
- Falou e disse, a paixão da cidade dele é carro, mas tem uma meia dúzia de fanáticos por bola. O Jacques é um deles. Vamos lá que eu quero te apresentar a ele.

Ventania acompanhou Beringela até a mesa. Estendeu a mão, enquanto seu amigo cochichou algo no ouvido do francês que soltou uma gargalhada.

- Ô Beringela, tu não tá me chamando de Japonês pro teu amigo! Sacanagem, pô!
- Liga não, Ventania, mais duas caipirinhas e o Jacques não vai lembrar nem do próprio nome.

O francês parecia animado e não era preciso entender sua língua para notar o quanto estava apreciando a cadência das neguinhas e suas bundas esculturais.

- Fala pro seu amigo tomar cuidado com o olho comprido. Muitas dessas aí já têm dono – advertiu Ventania. – Se ele quiser, depois eu apresento uma moça, das que não são comprometidas com nenhum trafica.

Beringela traduziu para Jacques que, a princípio, espantou-se e em seguida sorriu agradecido para Ventania. Parecia disposto a aceitar a oferta mais tarde, se a cana não o nocauteasse.

A informação de que Jacques era conselheiro de um clube de futebol francês estava bem registrada. Ventania se desdobrou em simpatia com o gringo, tentando estabelecer um diálogo através de seu intérprete. Aos poucos foi aproximando o assunto da prosa do seu campo de interesse. Falou de Maracanã, Pelé, Copa de 98, sustentou a tese de que algum queijo podre derrubou o Fenômeno. O francês contestou, embora admitindo que seu país não levaria vantagem em outras 15 finais como aquela. Até que Ventania conseguiu encaixar o texto:

– Pergunta aí pro teu amigo, Beringela, se ele não gostaria de levar um reforço brasileiro pro time dele.

– Como assim? Virou empresário agora, é?

– A gente tem que jogar nas 11, né?

Beringela traduziu a questão, o francês sorriu e respondeu.

– Ele tá dizendo que é o sonho de qualquer time. O problema é o preço – traduziu o intérprete.

Ventania viu a brecha na defesa. Pediu mais uma caipirinha e emendou:

– Não vamos falar de dinheiro, vamos falar de talento.

Beringela percebeu que a conversa encaminhava para o mundo do “bízines”.

– Explica isso melhor aí, bicho.

– O caso é o seguinte: tô representando um garoto show de bola. Cracaço. Dezessete anos. Tá cheio de urubu de olho no moleque e eu tô fazendo de tudo pra ele não dar um mau passo e fechar contrato com clube brasileiro que, hoje em dia, só tem arapuca. Tem até um pessoal da Espanha que telefonou, já falaram do menino lá, mas tenho medo de queimar ele.

Ventania fez uma pausa para que Beringela traduzisse a conversa. O francês se interessou pelo assunto.

– Na França, o caso é diferente – continuou. – Não traduz tudo não, mas a verdade é que lá o garoto pode se criar. Aquilo lá é a terceira divisão do primeiro mundo, né?

– Já foi, Ventania, já foi, os caras não são mais tão bobos assim não.

– Bom, não importa. O fato é que o garoto é bom, um reforço que pode sair bem em conta pra esse Le Mans. Ele só não sabe dirigir...

Beringela resumiu a história para o amigo, desviando dos pontos mais delicados. Este replicou.

– O cara tá curtindo o teu plá. Quer saber como é que a gente pode ver o garoto em ação.

– Só se for agora. Ele costuma bater uma peladinha com a molecada num campo aqui perto, quando eu passei eles estavam lá. A gente dá um pino-te, jogo rápido.

Jacques concordou. Beringela pediu a conta.

– Essa eu faço questão, vocês são meus convidados.

O garçom se aproximou com a notinha, Beringela apalpa os bolsos.

– Rapaz, será que eu deixei a carteira no hotel?

– Esquece isso, meu amigo, deixa que eu resolvo.

– Aí, seu Ventania, o patrão não tá mais aceitando fiado – interveio o garçom.

– Agora você me lascou. Vai queimar meu filme na frente do gringo?

– Não é por mim, seu Ventania, o senhor sabe...

– Quebra essa, Juvenal, depois a gente se acerta.

Da beira do surrado gramado sintético, Ventania logo avista Glanderson e sua chuteira heterodoxa.

– Meu pupilo é aquele ali, ó – aponta, dando cotoveladas nas costelas de Beringela.

– É, o garoto tem ginga – referindo-se ao seu jeito de andar. – Vamos ver o que ele sabe fazer com a bola.

– Um pouco de paciência e ele não vai decepcionar. – Ventania vende seu peixe e reza para que o moleque faça alguma coisa.

Deu sorte. O garoto tem um bom momento. Bota entre as canetas de um adversário, um rapaz duas vezes o seu tamanho, e acerta um chute de efeito que raspa o travessão.

– Não tô dizendo? O menino é um monstro! – empolga-se Ventania. Beringela concorda.

– O que é que o francês achou disso?

Mas Jacques não pôde achar nada. A caipirinha bateu, ele cochilava em pé. Beringela o sacode, ele ressuscita sorridente.

– *Très bien! Très bien!* – e volta a revirar os olhos.

Beringela ainda vê alguns outros lances, o suficiente para notar que Glanderson leva jeito.

– É. Não chega a ser um Robinho – afirma ele –, mas sem dúvida que o garoto tem noção de bola.

– Então, que é que tu acha, Beringela? Tem jogo? – Ventania grita para o campo: – Glanderson, chega aqui!

– Sei não, Ventania, pode ser, pode não ser, depende, né? – tenta desconversar, sair pela tangente.

– Que foi, seu Ventania? – o rapaz se aproxima suado e ofegante.

– Esse aqui é o Beringela, grande amigo meu.

– Chuchu beleza, Glanderson? – o garoto não soube o que responder.

– A gente jogou junto no Bangu – falou Ventania.

– Junto, uma ova! Eu jogava, tu ficava no banco, quando ficava – corrigiu ele.

– Não precisa esculachar, Beringela. Ele trouxe um amigo lá da França pra ver o seu futebol. É o doutor Jacques.

Glanderson educadamente fez menção de cumprimentar o estrangeiro, mas este voltara a cochilar, estava até babando um pouco.

– Eles estão querendo levar um craque pra França e você é candidato.

– Sério? – o sorriso do moleque foi de uma orelha a outra.

– Que isso, Ventania, não ilude o menino!

– Quer dizer, tão só sondando, entendeu?

– Claro! Tá legal! França, né? Que maneiro, que maneiro!

– Vai lá bater sua bolinha, Glanderson. Se pintar alguma coisa mais firme, você vai ser o primeiro a saber. – Ventania despachou-o com tapinhas nas costas empapadas de suor.

– Falou! Valeu! Tchau, seu Beringela! Tchau, doutor! – ele voltou para o campo saltitante.

– Como é que tu fala uma coisa dessas pro moleque, Japonês? O garoto saiu daqui dando tudo como certo.

– Você mesmo falou que tem chance. E, olha, Japonês é o caralho!

– É, eu sei – Beringela rebateu, gozador. – Falando sério, a minha opinião não vale grandes coisas e o Jacques, como você tá vendo, não tá em condições de decidir nada. Mas amanhã, quando ele acordar, vou levar um papo com ele. Aí te bato um fio.

- Liga pra esse número, deixa recado com o seu Aníbal que eu te retorno.
- entrega-lhe um papel com o número.
- Jóia. Agora me ajuda a carregar esse armário até o carro.

Eles foram se afastando do campo em direção ao carro alugado pela dupla. Os dois amigos arrastavam o francês desacordado. Bastaria passar uma joaninha por ali e os dois crioulos levariam horas explicando na delegacia que não se tratava de um “boa-noite, Cinderela”.

—|43:25

- QUE CARA É ESSA, GLANDERSON?
- Vou ser franco com o senhor, seu Ventania. Tô de saco cheio de tanto caô.
- Calma, menino, devagar com o andor. Não é hora de chutar o pau da barraca. As coisas tão indo muito bem.
- Muito bem pra quem? Minha vida não vai pra frente, é só bola pro lado.
- E quem te falou que ia ser moleza? Eu avisei que meu plano era de longo prazo, tamos de olho na Copa de 2014, ainda tem muito tempo. Tá reclamando de barriga cheia, garoto. Tu já tá com um pé no avião. Já parou pra pensar que daqui a pouco tá embarcando pra jogar na França?
- Tá bom, França... Não consegui vaga nem no Bonsucesso que fica ao lado da praça Paris...
- Quer saber? Ainda bem! Podia estar aí num come-e-dorme desses, acomodado, condenado a uma carreira medíocre. Nossa história é outra, tamos pensando grande, menino, pensando grande. Vamos fazer o seguinte: tá de bobeira? Então vem comigo até a barbearia do seu Aníbal, o Beringela ficou de me telefonar pra acertar tudo, quero jogar limpo com você, combinar a parada na tua frente pra você levar fé que não é conversa fiada.

Ventania pôs a mão no ombro de Glanderson e puxou-o para a esquina. O garoto caminhava cabisbaixo, empolgação zero, Ventania era puro otimismo. Sua ex-mulher Jurema vinha na direção contrária, mas ele nem viu.

- Bom-dia, né? – reclamou, indignada.
- Ô Jureminha, me perdoa, tava tão distraído que nem notei. Como anda o nosso Reizinho?

- O meu Reizinho? Vai indo como pode, se virando sem apoio do pai. Você acredita que o safado não comparece com um tostão tem mais de seis meses?
- Seis meses? Isso tudo? Não é possível, outro dia mesmo eu paguei um hambúrguer e uma coca pra ele...
- Esse dia faz mais de mês, Paulo Ventania.
- Ih, não gosto quando você me chama por nome e sobrenome. Que é que tá pegando?
- Você tá ficando surdo? Tô te falando, tá faltando grana, dindim, cacau, tá entendendo?

Glanderson sentiu-se constrangido com o barraco, adiantou-se, foi aguardá-lo na barbearia.

- Por que você dá tanta atenção pro filho dos outros, Paulo? Vive grudado com esse neguinho pra baixo e pra cima. Deixa esse marmanjo se virar e trata de cuidar do seu!
- Calma aí, Jurema, meu negócio com o Glanderson é puramente profissional, você sabe disso. A hora que esse rapaz despontar, nós tamos todos feitos, eu, você, o Reizinho...
- Enquanto isso... bom, eu fui chamada na secretaria da escola. A psicóloga queria conversar comigo.
- Psicóloga? Que novidade é essa? Aquela espelunca mal tem merenda.
- A filha da diretora estuda psicologia e está fazendo um estágio com as crianças da classe de alfabetização. Ela disse pra eu tomar cuidado com o Reizinho, é um menino sensível.
- Sensível? É por isso que eu não gosto de psicólogo.
- É muita ignorância, meu Deus! Ela me falou que ele tem um talento que precisa ser exercitado. Seria bom pra ele fazer alguma arte. Ao menos nisso você pode me ajudar?
- Eu? Como assim? Eu não manjo nada de arte, você sabe.
- Claro que sei. Queria que você me ajudasse colaborando com um qualquer, não é muita coisa. Tô querendo matricular ele numa escolinha de pintura que abriu na minha rua.
- Pintura, Jurema? Daquela idade? Perdeu o juízo? Vai desencaminhar o garoto. Isso é um passo pra boiologia.
- Não acredito no que tô ouvindo!

– É isso mesmo. Eu não vou dar um tostão pra essa idéia de jerico. No meu tempo fazer arte era quebrar vidraça, botar fogo em rabo de gato, essas coisas...

– Realmente, não dá pra dialogar com você! Tudo bem, eu me viro sozinha!

– Bota esse garoto numa escolinha de futebol que eu dou a maior força.

– Ah, é! Pra levar o garoto pro buraco você logo estende a mão. Deixa estar, seu Paulo Ventania, deixa estar que em breve você terá notícias minhas...

– Peraí, Jurema, volta aqui, vamos conversar!

Ela já ia longe.

Na barbearia, Ventania encontrou Glanderson atracado com uma *Playboy* safra 98, cujas páginas estavam finas de tanto serem folheadas. Seu Aníbal finalizava o corte de um freguês e logo o saudou.

– Eis aí o futuro estrangeiro!

– Então o senhor já tá sabendo?

– Fofoca boa corre rápido, ó pá. Depois o garoto confirmou tudo. Mas, ó Ventania, não ficas a desconfiaire dessa conversa?

– Como assim, seu Aníbal? – perguntou intrigado.

– Estão a dizaire por aí que tu vais levar o gajo para jogaire numa equipe alemã da França.

Ele custou a entender o mal-entendido, até que a ficha caiu.

– Equipe alemã da França? Não, nada disso. É Le Mans. Le Mans!

– Ora, mas é futebol ou fórmula um? – o português coçou a cabeça.

– Futebol, claro. Acho que é um time formado por mecânicos do automobilismo, sei lá. Mas é coisa quente, tudo muito profissional.

O telefone tocou. Era Beringela. O barbeiro passou o telefone para Ventania.

– E aí, doutor, como vai essa força? – gritou animado. Glanderson fechou o pôster central para prestar atenção. – E o gringo, se refez da porranca? O cara tomou todas na Acadêmicos, hein!

– É, bicho, o homem chegou no hotel na pior. Tive que pedir ajuda pra levar o sujeito pra debaixo do chuveiro. Mas ele já tá bem.

– E aí, e a nossa transação, o que ele achou do garoto?

– Olha, vou ser sincero com você, o Jacques nem viu nada, não lembra de nada, nem sabe como chegou aqui.

Ventania levou um balde de água fria, quase deixa cair o telefone.

– Então quer dizer que...

– Calma, bicho, fica frio, deixa eu te explicar. Eu vi tudo, tava de olho no moleque e acho que ele leva jeito pra coisa. Mas eu não apito nada.

– É, você me disse – respondeu desanimado. Glanderson balançou a cabeça e voltou a se dedicar ao pôster central.

– De qualquer forma, eu conversei com o homem. Tentei fazer a cabeça dele. Disse que o garoto era realmente excepcional, além de novinho, sem vícios de outras equipes, ideal pra ser formado na casa.

– Isso, isso! E ele?

– Concordou, mas...

– Mas o quê, Beringela? – interrompeu nervoso.

– Ele falou que não tem autonomia pra embarcar um garoto que ninguém conhece, é muito risco pra botar o dele na reta.

Silêncio.

– Ventania? Alô? Tá me ouvindo?

– Preferia que não, Beringela – respondeu apático.

– É uma situação complicada, bicho. Tô com uma idéia na minha cuca. Mas aí eu queria entrar na jogada.

– Isso aí não é problema, se a idéia for boa, tu tá dentro.

– Por que você não leva o garoto lá?

– Lá onde, no hotel?

– Que hotel, bicho, tô falando de França. Se você aparece com ele por lá, eu faço o meio-de-campo. Agora, se o garoto se firma na equipe, eu levo 25% da bolada, sacou?

– O quê?! Vinte e cinco por cento é muita coisa, cara.

– Bom, aí é com você, se não quiser...

– Peraí, ninguém disse isso. Mas como é que eu faço pra chegar lá, sabe me dizer? Tem alguma van que passa por lá, saindo da praça Quinze?

– Como é que é? – Beringela não entendeu, nunca ouviu falar em van.

– Não tenho condição de andar nem de táxi, Beringela, quanto mais avião.

– Bom, tô te dando um toque, se vira, bicho! Faz o que eu tô dizendo: me procura em Le Mans e eu faço a ponte. Pelo sim, pelo não, anota aí meu número e endereço.

– Tá certo, manda. – Ventania, sem muito entusiasmo, anota tudo que é soletrado pelo amigo.

– É isso aí, bicho. A gente se vê na França, Japonês. *Au revoir!*

– É a tua!

Ventania desligou o telefone sem coragem de encarar Glanderson. Não queria lhe dar razão, porém ficava complicado manter aceso o otimismo, quando isso dependia de duas passagens aéreas para a Europa, fora estadia, tudo por sua conta e risco. O barbeiro Aníbal quebrou o gelo com uma piadinha.

– Senta cá, ó moleque, venha cortar o cabelo para a foto do passaporte. Ninguém achou graça.

– É, moleque, tá feia a coisa.

– Pois é. Era o que eu tava falando, seu Ventania. Sorte melhor, só em outra encarnação.

Saiu do estabelecimento olhando para o chão. Mais uma bola fora. O garoto se apressou, antes que a notícia corresse e ele virasse alvo de mais chaticotas. Daquela manhã na barbearia só tinha uma boa lembrança: o pôster central. Queria chegar logo em casa para tirar proveito dela.

Ventania, desolado, sentou-se no banco comprido do estabelecimento.

– Essa me quebrou, seu Aníbal – suspirou, balançando a cabeça.

– Ora, ó Ventania, pensaste que seria fácil? Queres moleza? Senta-te num prato de toucinho do céu.

– Tava tudo certo, o garoto agradou, o contato era quente, o clube, fraquinho de bola mas fica na França, que em matéria de futebol, cá entre nós, está nos arredores do primeiro mundo. Dali seria um pulo para um time da Espanha ou da Itália – sonha Ventania.

– Mas se o vento está tão a favor, por que não embarcas com o gajo, ó pá?

– Embarcar para a Europa? Na situação que eu ando, não posso embarcar nem pra Paquetá.

– Se tens tanta certeza de que tudo vai dar certo, por que não tomas um empréstimo no banco? Com o lucro da operação tu pagas essas passagens e ainda sobra muitos euros.

- Empréstimo em que banco? Tô mais sujo no SPC que banheiro do Maraca.
- Realmente, pelo que estou a ver, está difícil.
- Peraí, a não ser que...

Ventania entra na garagem da empresa de ônibus. A secretária informa que seu Uranos ainda não chegou. Ele confere no calendário sobre sua mesa: quinta-feira, dia 29. A última do mês, o que significa que seu Uranos deve estar seqüestrado. Ele decide aguardar.

Meia hora depois, um táxi pára no portão. Seu Uranos salta. Ventania vai recebê-lo no pátio.

- E aí, chefia, tranqüilo?
- Na medida do possível, Ventania.
- Como assim, doutor, isso já não é rotina, não faz parte do seu acordo?
- Faz, mas a gente nunca sabe. Antigamente a gente acertava com um bandido e não tinha o menor problema. Hoje em dia, é tudo garoto novo, tudo dedo nervoso. Foi-se o tempo que a bandidagem era nascida e criada por aqui, agora você não sabe se essa criançada armada até os dentes vai honrar a palavra. É muito arriscado.
- É, entendo – ele percebe que seu Uranos está meio pra baixo e injeta ânimo na conversa. – E o enteado, como anda?
- Tá uma beleza, rapaz! – funcionou. – O Gabriel se entendeu com o pessoal da escolinha, joga quase todo dia, chega em casa tão cansado que não tem forças pra criar caso comigo. Eu estava até para te agradecer, amigo. Essa escolinha salvou o meu casamento.
- A deixa foi perfeita, Ventania logo emendou.
- Pra nós não vale isso, chefia, um mamão lava o outro e os dois lavam a manga. Falando nisso...
- Ah, meu Deus, lá vem prejuízo. Ventania, se o teu negócio é dinheiro, passa outro dia que hoje eu tô quebrado.
- Mas eu não vim pedir, eu vim trazer dinheiro pro senhor.
- Bom, se é assim, vamos lá pra minha sala. Dona Terezinha, dois cafezinhos.
- Pois não, seu Uranos.

O empresário entra em sua sala, abre as persianas da janela que dá vista para a oficina, joga a pasta sobre a mesa e se refestela em sua poltrona execu-

tiva. Ventania se aproxima de uma foto emoldurada na parede. A equipe do Botafogo bicampeã carioca de 67-68 eternizada atrás do vidro.

– O senhor não esquece esse time, hein?

– Cao, Moreira, Zé Carlos, Leônidas e Valtencir; Carlos Roberto e Gérson; Rogério, Roberto, Jairzinho e Paulo César. Dá pra esquecer um escrete desses? É o único que eu sei de cor. Que saudade... – muda o tom, deixando as reminiscências de lado. – Senta aí, Ventania, e bota a grana na mesa pra gente contar.

– Peraí, seu Uranos, também não é assim.

– Dona Terezinha, suspende o café!

– Que isso, seu Uranos, calma! Dona Terezina, confirma o café pra nós, por favor.

Ventania dá uma bicada no café requentado e começa a expor sua idéia.

– O caso é o seguinte, seu Uranos. Eu vim aqui propor uma parceria. O senhor sabe, eu tô com esse menino, o Glanderson. O garoto é bom de bola, tranqüilo, disciplinado e eu acho que ele tem tudo pra chegar à seleção em alguns anos. Mas ninguém é convocado se estiver jogando no Brasil, certo?

– Certo. – Seu Uranos acompanhava o raciocínio do ex-empregado.

– Bom, eu tô com um contato forte de uma equipe lá da França.

– Que maravilha, parabéns! Quando vocês viajam?

– Isso depende da nossa conversa aqui.

– Não sei se você sabe, mas nenhum ônibus meu cobre a linha Vila da Penha–Paris.

– É, eu sei. Eu quero fazer uma parceria com o senhor. O garoto hoje não vale nada, mas se ele for pra Europa, o passe dele vai custar uma fortuna, milhões de dólares ou até de euros. E eu quero o senhor nesse rachuncho.

– Agora você começou a falar a minha língua – seus olhos brilharam.

– Seu Uranos, veja bem. – Ventania fez uma pausa estratégica, não queria se precipitar e afugentar a presa. – Eu vim aqui propor isso ao senhor em nome da nossa amizade, da minha consideração por tudo que o senhor fez por mim enquanto eu trabalhava aqui – ele procurava inflar o ego do expatão como quem calibra um pneu murcho, a toda pressão. – O senhor está vendo que com essas condições eu poderia levantar um empréstimo no banco para as despesas e abocanhar a dinheirama sozinho. Mas pensei:

não, está na hora de retribuir a seu Uranos o tratamento que ele me deu sempre que eu precisei. É hora de mostrar que essa via tem mão dupla.

Estava dando certo. Seu Uranos não estava habituado a elogios, vive num meio rude, cheio de cobranças em casa, na firma, no mundo do crime. Ali estava um sujeito demonstrando sua estima. Com suas palavras, Ventania estava comovendo o homem.

– Continue, meu filho, continue.

– Tudo que eu preciso, seu Uranos, são duas passagens para a França e mais um trocado para comida e hospedagem por alguns dias, até eu fechar o negócio. Em troca, eu lhe daria uma gorda percentagem do apurado na venda dos direitos federativos de Glanderson, algo em torno de 25% a 30%. Estamos falando de uns poucos milhares de reais em troca de muitos milhões de dólares. Nem investindo em cocaína pura da Colômbia o senhor teria um retorno desses. – Ventania apelou para seu órgão mais sensível, o bolso.

– Olha, meu filho, parece que você tem razão. Sua proposta me parece bem razoável. Além disso, aqui entre nós, eu tenho um dinheirinho lá fora que há muito tempo não movimento. Eu vou pensar no seu caso com carinho, Ventania, pode deixar.

– Muito obrigado, seu Uranos, muito obrigado!

Eles se despedem. Na rua, Ventania se vangloria de sua lábia.

– *Yes!*

—| 44:05

– PREPARE SUA MALA, GAROTO. NÓS TAMOS INDO PRA FRANÇA.

– Hã? O quê?

Glanderson foi acordado pela voz animada dentro de seu quarto. Achou que estava dormindo, sonhando. Só podia ser uma “pegadinha” armada pelo seu inconsciente. Mas não era nada disso. Ventania invadiu o minúsculo apartamento assim que dona Conceição lhe abriu as portas. Mal deu bom-dia à velha, arreganhou a porta do cubículo de Glanderson, que não teve tempo de recolher a ereção matinal.

- Isso mesmo, garoto. França. Já está tudo arranjado.
- Ah, não, Ventania, nem vem de novo! Chega de caô, deixa eu dormir.
- Bom, dorme aí enquanto eu vou providenciar as passagens.
- Ei, ei! Posso saber que conversa é essa? – dona Conceição acompanhava tudo da porta.
- Ô dona Conceição, cheguei tão empolgado que nem expliquei nada pra senhora. Tô lançando o seu neto no futebol europeu. Dentro de uns dias a gente tá embarcando pra França.
- O quê? O meu Glanderson na França?
- Não é maravilhoso?
- Maravilhoso? Eu acho um horror! Uma coisa terrível! Imagina o meu filhinho sozinho na França!
- Não é sozinho, eu vou estar lá com ele – esclareceu.
- Piorou! O que a vizinhança não vai falar? Um garoto criado pela avó sai de viagem pro estrangeiro acompanhado de um homem que não é nada da família. Deus me livre de um pesadelo desses! Esconjuro, meu são Sebastião! – dona Conceição se benze.
- Calma aí, minha senhora, calma aí! Isso não é nenhuma viagem romântica, é assunto estritamente profissional e que envolve muito dinheiro – Ventania lembrou-se do famigerado episódio do olheiro pedófilo Aguiar e se irritou.
- Calma aí falo eu! – Glanderson pulou da cama. – Minha avó tem razão. Como ela pode achar normal você entrar na nossa casa e, sem mais nem menos, dizer que eu tô indo pra Europa com o senhor?
- É, verdade, garoto. Desculpe, dona Conceição. É que uma oportunidade dessas não aparece todo dia. – Ventania baixou o tom. – Bom, vamos ver se eu consigo explicar. Eu reencontrei um velho amigo que tem um contato forte num clube da França. Os caras lá adoram brasileiro, aliás não são só eles, a Europa toda anda pagando fortunas por um brasileiro. Esse clube é o Le Mans, que vira-e-mexe tá na segunda divisão deles. Eles contrataram um jogador daqui e gostaram, meu amigo acha que eles podem querer experimentar outros. O negócio é que a gente tinha que ir lá pagar pra ver. Acontece que o seu Uranos, o dono da VIADU, aceitou patrocinar a viagem.
- Dono de quem? – dona Conceição arregalou os olhos.

– VIADU, Viação Abílio Domício Uranos, a empresa de ônibus que fica ali na avenida Meriti – explicou. – Ele vai bancar essa empreitada em troca de uma porcentagem do passe de Glanderson. Se tudo der certo, vai entrar tanto dinheiro na jogada que vocês nem vão sentir falta da porcentagem do homem. Estamos falando de milhões de euros, dona Conceição, dinheiro que a senhora não vai ver nem que acerte um milhar no bicho toda semana.

Glanderson deixou o ceticismo de lado.

– É sério mesmo, seu Ventania?

– Eu te garanto, moleque!

– Peraí, gente, peraí. Eu ainda não tô convencida. Como é que o meu netinho vai se virar sem mim lá no estrangeiro? Quem é que vai fazer a comidinha dele, quem vai botar o leitinho morno na cabeceira dele na hora de dormir?

– Ah, vó, não esquenta, eu peço uma pizza e tá acabado.

– Dona Conceição, a gente tá falando da França, o povo lá é fanático por comida, ninguém morre de fome naquele país, fique tranqüila.

– Bom, sendo assim...

– Então a senhora deixa, vó?

– Se é como o seu Ventania tá falando, só me resta rezar pra dar tudo certo. O garoto sapeca-lhe um beijo.

– Não demora muito a senhora não vai mais precisar lavar roupa pra fora, vó!

– O quê? Esse prazer você não me tira! Se eu não lavar roupa pra minha freguesia, como é que eu vou ficar sabendo das fofocas?

– Sua avó tem razão, Glanderson – pisca o olho, discretamente. – Depois quando você ficar famoso, a freguesia dela pode aumentar muito.

– E eu nem tinha pensado nisso!

Dona Conceição foi para a cozinha preparar um café.

A notícia correu o bairro. Todo mundo queria cumprimentar Glanderson, desejar-lhe boa sorte, dar-lhe algum conselho, pedir-lhe que não se esquecesse dos amigos. O pessoal do campinho passou a respeitá-lo, agora era o primeiro a ser escolhido no par ou ímpar da pelada. Houve até uma criança lhe

pedindo um autógrafo, o que o fez pensar que deveria se preparar para a fama, e isso passava por ter um autógrafo bacana e legível. Chaveirinho queria ser incluído na bocada. “Me bota na tua mala, o resto deixa por minha conta”, pediu. Seu amigo Zulu não queria nada, apenas lhe dar uns toques.

– Tu tá indo mesmo pra Europa? Não pode fazer feio lá fora. Tem que saber representar nossas raízes. Aprende a tocar pandeiro e tamborim. Se o teu time ganhar, é você quem tem que puxar o carnaval. Se quiser, te dou umas aulas.

– É mesmo, Zulu, nem tinha pensado nisso!

– Outra coisa: tem que resolver aquele teu problema.

– Que problema, o do pé?

– Não, o problema do pau.

– Como assim? – ele não entendeu.

– Tu continua virgem? – Zulu sempre vai direto nesse assunto, sem rodeios, sem dar chance para uma mentira convincente. Glanderson abaixa a cabeça: quem cala consente. – Rapá, tu não pode embarcar virgem pra Europa! Tu é negão, é brasileiro e vai chegar lá cabaço? A mulherada vai desconfiar de você, pode pegar até fama de veado!

– Não fala uma coisa dessas, Zulu, nem de brincadeira! – assustou-se.

– Quem é que tá brincando aqui? Nunca falei tão sério! É o seguinte, amigo. Quando as gringas escutam falar que tem um brasileiro na área, já ficam cheias de sacanagem na cabeça. E elas não querem só transar não, que isso elas fazem com um primo qualquer, elas são superliberais.

Zulu discursa como um sujeito vivido, experiente, apesar de nunca ter saído do Estado do Rio, já tinha se deitado com umas turistas estrangeiras.

– Elas querem saber das novidades – continuou –, o que você vai ensinar pra elas, as novas posições que estão na moda no país do futebol e da putaria. Querem aprender o violino chinês, o canguru pernetta, a foda rodeio... essas coisas.

– Agora tu me deixou confuso. Como é que eu vou aprender tudo isso de uma hora pra outra? – Glanderson ficou visivelmente transtornado. – Peraí! Você acha que se eu pegar a Vulviane, eu posso ganhar cancha? Ela é feinha, é meio gorda, mas é a única garota que já me deu um certo mole.

Zulu pensou um pouco.

– A Vulviane pode servir pra você ser apresentado à coisa, para ter mais intimidade e não ficar chamando xoxota de sua majestade. Mas como ela também é virgem, depois acho que vai precisar de uma ajuda profissional, se é que você me entende.

– Uma puta?

– Não vai querer descobrir essas coisas com um traveco, né?

– Tá me estranhando, porra!

– Tô só te dando um toque.

Glanderson procurou Ventania. Queria conversar com seu empresário, se abrir com ele e ouvir sua opinião.

– Esse seu amigo não é bobo não – disse ele. – Mas esquece essa Vulviane, pelo menos por enquanto. Essa garota pode te meter um DNA, mole, mole. É só você se apaixonar. A partir de agora, tem que ficar ligado.

– Tem razão, seu Ventania.

DNA, mais uma coisa para ele se preocupar. Glanderson estava ficando tenso com tantos elementos que precisa dominar. Tocou pandeiro, tamborim, saber trepar... vida de jogador de futebol é mesmo complicada.

– Eu tenho uma amiga em Madureira que vai poder nos ajudar nessa parada. Ela tem o que a gente chamava antigamente de *rendez-vous*. É uma coroa, mas ainda dá um caldo. Tem tempo que eu não uso os seus serviços, mas tenho certeza que ela vai te atender bem. Eu falo com ela, explico a situação e vai ter toda a paciência do mundo com você. Eu te adianto um dinheirinho, depois desconto do teu passe, certo?

– Obrigado, seu Ventania! O senhor tá sendo um pai pra mim.

– Ih, não vem com esse papo, Glanderson. Sou um péssimo pai.

—| 45:10

– Aí, CHAVEIRINHO, DESCOLEI O ENDEREÇO DE UM BORDEL LÁ EM MADUREIRA, TÁ a fim de ir lá comigo?

– Quando?

– Agora.

- Agora? Pô, se tu liga 15 minutos antes, eu ia, mas agora acabei de tocar uma bronha, não vai dar. Vamos deixar pra amanhã.
- Não, tenho que resolver essa parada hoje mesmo.
- Então só se for mais tarde. Tu paga pra mim depois a gente acerta? É que eu tô meio duro.
- Duro? Mas tu não acabou de tocar uma bronha? Aí, Chaveirinho, eu não vou pagar tua foda nem fodendo. Deixa pra próxima.
- Falou. Valeu.

—| 46:30

VENTANIA CHEGOU EM CASA E SE DEPAROU COM UM SUJEITO DE TERNO. A VIZINHA lhe disse que o homem o aguardava há mais de uma hora.

- Oficial de Justiça – apresentou-se o homem.
- Ventania, atônito, tentou ser gentil. O homem foi seco.
- O senhor está sendo intimado a prestar um depoimento na delegacia.
- Mas o que é que houve? Algum crime no bairro que eu possa servir de testemunha?
- Houve um crime, sim, mas o senhor não é testemunha, é réu. Pensão alimentícia.
- O quê? Aquela Jurema, filha-da-p... Que facada! – O empresário gelou.
- O que é que tá acontecendo, seu Paulo? – ela estica o pescoço na janela para pescar mais detalhes da fofoca.
- Calma, dona Marizete, é só um mal-entendido. Faz o seguinte, avisa a seu Aníbal o que está se passando. Pede pra ele me encontrar na delegacia. E fica tranqüila, tá? Vai dar tudo certo, a senhora vai ver.
- Delegacia, meu Deus! Tenta não ficar muito tempo por lá, meu filho!
- Vou fazer o possível, vou fazer o possível. Não esquece de avisar ao seu Aníbal.

Ventania aguardava sua vez para ser atendido pelo delegado. Estava numa sala, com outro sujeito. Este parecia tranqüilo, apesar de algemado. Estava à vontade no ambiente.

- Que é que tá pegando pra você, meu camarada? Que é que tá fazendo aqui nesse purgatório com essa cara de santo? Aprontou o quê?
- Armaram pra cima de mim – disse Ventania para seu mais novo confidente.
- Que nem eu. Um X-9 filha-da-puta me entregou. E você? Qual é a tua bronca?
- Pensão alimentícia. A bruaca da minha ex-mulher me dedurou só porque tem seis meses que eu não lhe dou uns trocados...
- Então, tu é P.A.?
- Não, sou o P.V., Paulo Ventania. Prazer.

O marginal não pôde cumprimentá-lo devido às pulseiras de aço.

- P.A. é pensão alimentícia, mané. Crime brabo. A única coisa que é cadeia garantida nesse país.
- E você?
- Eu? Tráfico de drogas, receptação de mercadoria roubada e seqüestro relâmpago. Bobagem. Daqui a pouco um companheiro meu chega e acerta tudo com o delegado.

De fato, um sujeito mal-encarado chegou na delegacia, chamou um policial, eles conversaram lá fora. O policial voltou com um envelope gordo nas mãos e o companheiro de sala de Ventania foi dispensado. Minutos depois aparece seu Aníbal.

- Que fazes aqui, ó Ventania? Enfim conseguiram descobrir-te, salafrário?
- perguntou rindo.
- Nem brinca, seu Aníbal, isso só pode ser um mal-entendido.
- Não foi o que o delegado me falou. Ele me disse que tu estás com a pensão de seu filho atrasada há meses, é verdade?
- O senhor vê como é a vida: eu, um sujeito honesto, que nunca roubou ninguém, nessa situação humilhante. E justo agora que estou prestes a embarcar pra Europa com o Glanderson a Jurema me apronta uma dessas! Se o seu Uranos souber disso, é capaz até de suspender o patrocínio... Enquanto isso, o sujeito que estava aqui comigo me disse que roubou, receptou, seqüestrou e já está na rua, foi dispensado sem sequer prestar depoimento.
- Estás a falare do Luisinho 9mm? Acabo de passar por ele na entrada.
- Então o senhor conhece aquele cara?

– Todo mundo do comércio conhece aquela peste, ó pá. Agora não assalta mais lojas, concentrou-se no ramo do tráfico. Está mais manso, mas já foi o cão de ruim. É um dos chefões do I.D.A.

– I.D.A.? O que é isso?

– Uma nova facção do crime carioca, ó pá! São os Inimigos dos Amigos. Eles estão por trás dos seqüestros do Uranos – aproxima-se e baixa o tom da voz. – O delegado tem uma participação – volta a falar normalmente. – Afinal, o que tu queres de mim?

– Seu Aníbal, só o senhor pode me tirar dessa situação. Eu sei que é um pedido delicado, mas...

– Pode falaire, ó Ventania!

– Eu fico até sem jeito de pedir uma coisa dessas, mas... o senhor não poderia cobrir essa despesa pra mim? Eu tô na maior lona, não tenho condição de me descapitalizar ainda mais. Tudo que eu tenho é a verba da viagem que seu Uranos ficou de me conseguir. Quero fazer um acordo com o senhor.

– Que tipo de acordo?

– Olha, o senhor tira essa corda do meu pescoço, em troca eu lhe dou uma participação no passe do menino – dez por cento. O que acha?

– Dez por cento de zero é zero. É isto que me propões?

– E dez por cento de dez milhões de euros, o senhor já fez essa conta?

– Esse número não cabe na minha calculadora, mas me parece um bom negócio.

– Parece não, é um ótimo negócio. Basta ter um pouco de paciência, talvez leve um ou dois anos, mas acho que com juros e correção é um bom retorno por essa merreca de pensão, não acha?

– E por que tu não oferecete isto a Jurema?

– Mulher não entende nada de futebol, seu Aníbal, não ia aceitar minha proposta, ia dizer que eu tava querendo passar ela pra trás. E depois do que ela me fez passar, não merece um presente desses. Prefiro oferecer ao senhor, que é como um pai pra mim.

– Bem, estou a ver que do teu ponto de vista pai é um sujeito que não paga pensão, certo?

– É, quer dizer, não, mais ou menos... ah, seu Aníbal, pára com isso.

– Pegue suas coisas, ó pá. Vamos sair daqui.

- Obrigado, seu Aníbal! Deus lhe pague!
- Epa! Se for Deus quem vai me pagar, vou deixar-te atrás das grades!
- Que isso! Foi só maneira de falar!
- Então vamos, que eu preciso reabrir minha barbearia.
- E eu preciso ir pra França. Vamos!